# novellae olivarum



2 2.° TRIM. 1965

## Artigos


**liturgia e espiritualidade** 147 — Haverá oposição entre si? Não constituirão antes uma autêntica unidade, onde a Liturgia é base e orientação da Espiritualidade?
P. ROGUET

**a refeição do povo de Deus** 159 — É necessário estudar este tema ao longo de toda a Bíblia para entender a refeição eucarística. Eis um artigo que procura ajudar a fazer essa leitura da Escritura.
J. VILAÇA


## Reflexões


**verdade e pobreza - fontes da vida de equipa** 171 — A vida em equipa é expressão normal da colegialidade sacerdotal. Não é só questão de eficácia, é antes viver a alegria duma pertença plena ao serviço do Corpo de Cristo.
P. BOUCHAUD

**a renovação litúrgica** 183 — O TESTEMUNHO de uma equipa de LEIGOS sobre uma experiência de vida litúrgica, e um INQUÉRITO lançado em vários sectores.

**livros** 191 — «La Foi écoute le monde» de Albert DONDEYNE. Um livro que marca no pensamento actual.

**actualidade** 194 — «A reforma litúrgica em marcha»: — Como se tem concretizado a reforma depois da Constituição?


## Sugestões


**celebrações** 200 — Vigília de Pentecostes.

**admonições** 215 — Missa de Pentecostes.
Missa da SS.ma Trindade.


## Documentação


**directivas do episcopado francês** 218 — «A celebração da Missa com participação do povo»: como realizar as mudanças descobrindo o aproveitamento pastoral que delas podemos tirar?

**a oração dos fiéis** 236 — O que é a oração que se restabeleceu a concluir a liturgia da Palavra? Gosto de voltar ao antigo ou caminho duma renovação válida e eficaz?


capa de Jorge Vilaça

n.º 2

2.º TRIM.
— 1965 —
2.ª SÉRIE — ANO XIX

Novellae olivarum

# editorial

«A história ensina que, suprimindo a inserção dos cristãos nas estruturas neutras, a Igreja surge como um ghetto fechado sobre si mesmo».

MONS. RENARD

*O Concílio decretou em primeiro lugar a Constituição da Liturgia, lançando assim toda a Igreja numa intensa actividade de renovação cultual: lembremos a complexa montagem de comissões litúrgicas em plano universal, nacional e diocesano; o esforço extraordinário na reforma de livros litúrgicos e de orações, na composição de músicas novas para as celebrações solenes; lembremos a intensidade com que se tem desenvolvido a reflexão sobre a celebração da missa, etc. etc.*

*Esta renovação que, a pouco e pouco, se vai pondo em prática, pode, se nos distraímos, ser incompleta, fazendo da Igreja uma mera instituição cultual em que cristãos se encontram com outros cristãos para celebrarem digna e activamente o culto do Senhor Deus, desviando assim a própria realidade litúrgica que é «o vértice para o qual tende a acção da Igreja, e ao mesmo tempo, a fonte donde deriva toda a sua virtude» (C. L. 10). Para uma verdadeira renovação da liturgia é necessário, pois, fazer aparecer com clareza que se trata de uma fonte onde cada cristão deve ir beber (activamente), e de um vértice para onde cada homem deve tender sob a acção da Igreja.*

*Assim, entre a fonte e o vértice, que é a Liturgia, nós, que somos a Igreja, devemos colocar todo o género humano que geme esperando estar com Cristo (C. I. 48). O gesto de Paulo VI nas suas peregrinações à Terra Santa e à Índia, exprime bem este abraço de amor com que a Igreja assume o mundo para o entregar ao Pai, em Cristo e por virtude do Espírito Santo.*

*Se a Igreja é «um povo unido pela unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo» (S. Cipriano), ela é também, enquanto dura o tempo da sua caminhada aqui na terra, «o germe da unidade, da esperança e da salvação» (C. I. 9) de todos os homens: para além do mistério da sua vida íntima, há o mistério da sua missão redentora. Digo missão redentora e não «catolicização» porque a Igreja sabe que muitas vezes «aparece como um pequeno rebanho» (C. I. 9) de eleitos, «raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo conquistado» (I Pet. 2, 9) chamado, porque tem fé, a ser testemunha e instrumento de salvação para todos os homens. Assim, na reforma que o Concílio nos propõe, a Liturgia não é tudo. Os decretos, das Comunicações Sociais, do Ecumenismo e das Igrejas Orientais, não são coisas para peritos; a Constituição da Igreja não é um documento teórico para o estudo dos teólogos, mas, todos estes documentos nos lançam em caminhos pastorais novos, embora difíceis e por vezes duros. Se é fácil encher uma igreja de gente, é bastante difícil cristianizar os ambientes; se é fácil alterar e renovar alguns pormenores da celebração litúrgica, é bastante difícil fazer com que o mundo de injustiça que nos rodeia se converta no mundo da paz e do amor.*

*A par da renovação da vida íntima das comunidades cristãs, é necessária uma renovação da missão dessas mesmas comunidades; melhor, a renovação da vida íntima da Igreja será um fechar-se sobre si mesma, se não incluir um revigoramento do empenho das comunidades na transfiguração do mundo pela graça de Cristo.*

# liturgia e espiritualidade

P.e ROGUET *

É um problema muito importante, este, porque no subsconsciente de muitas pessoas, persiste ainda o temor de uma oposição, ou contradição entre a espiritualidde ou, se quiserdes, entre o culto interior e a liturgia, que constituiria o culto exterior.

É a oposição que foi posta em evidência, por exemplo, num pequeno livro de Jacques e Raïssa Maritain, intitulado justamente «Liturgie et contemplation», livrinho cheio de boas intenções, sem dúvida, mas cujo ponto de partida é totalmente errado.

## uma falsa oposição

Julgo, de facto, que este problema é, na realidade, um falso problema, em primeiro lugar porque a liturgia não é o culto exterior. Uma das grandes vantagens da Constituição sobre a Liturgia, e já da «Mediator Dei», é a de nos ter libertado deste velho conceito que se arrastava em todos os manuais, segundo o qual a liturgia seria, ou a parte decorativa do Cristianismo, ou então o conjunto de regras que organiza o Culto exterior...

Ora a Liturgia é qualquer coisa de infinitamente mais profundo. Ela é, dizem-nos a «Mediator Dei» e a Constituição, o exercício do Culto Sacerdotal de Jesus Cristo pela Igreja. Daí se segue naturalmente, que a Liturgia não é alguma coisa que possa

---

* conferência pronunciada em 31/1/65 no Seminário dos Olivais.

ser exterior à espiritualidade, pois o que viria a ser uma espirituadade cristã cuja fonte não estivesse no Sacerdócio de Cristo, nos mistérios de Cristo? De resto, pode dizer-se que todo o movimento litúrgico tem a sua origem numa frase de Pio X, aquela famosa frase do «motu proprio» de 1903: «a liturgia é a fonte primeira e indispensável do verdadeiro espírito cristão». É participando activamente nos mistérios do culto, que os Cristãos beberão na própria fonte o espírito do Cristianismo. Se a Liturgia tem um aspecto exterior, é evidentemente porque corresponde também a esse aspecto.

Vê-se, portanto, que a oposição entre uma religião interior e uma liturgia considerada ùnicamente como um culto exterior, é uma falsa oposição.

**Em primeiro lugar,** porque a vida cristã diz também respeito ao corpo, exactamente porque é a Religião da Encarnação na qual os Sacramentos ocupam um lugar necessário... ora, como se disse há pouco, e julgo isso muito importante, «os sacramentos e a liturgia são uma e a mesma coisa!» A mesma coisa vista sob aspectos ligeiramente diferentes: a palavra liturgia evoca de preferência o Culto de Deus, ao passo que os Sacramentos evocam, antes de mais, a santificação do homem. Na realidade não há Liturgia fora dos Sacramentos, ou do que a eles está ligado, como os Sacramentais, e os Sacramentos são sinais humanos, quer dizer, Sinais feitos para os homens, «sacramenta propter homines», ou seja: eles têm em conta a natureza humana, a natureza incarnada dos homens. De resto, a Liturgia e os sacramentos têm o seu fundamento na Encarnação do Verbo: não haveria Liturgia, não haveria Sacramentos, se o Filho não tivesse encarnado. É ainda o que nos dizem a «Mediator Dei» e a Constituição. Cristo, o Verbo de Deus, veio exercer um sacerdócio visível sobre a Terra, e para que o sacerdócio visível continue a exercer-se, legou-o à Sua Igreja: é isso a Liturgia.

A oposição entre uma espiritualidade, ou uma religião puramente interior, e uma liturgia concebida como um culto puramente externo, é falsa **em segundo lugar** porque, se é verdade que a liturgia assume um aspecto exterior, este está subordinado à dupla finalidade da liturgia, que é a Glória de Deus e a Santificação dos Homens. Trata-se de um «leit-motiv» que a Constuição repete constantemente: a liturgia tem um duplo fim. Eu não digo que são dois fins, digo um fim duplo, porque não se trata de dois fins coordenados, sucessivos, ou alternados, mas de dois fins que na realidade são um só — a Glória de Deus e a Santificação do Homem: a Glória de Deus pela Santificação do homem, a santificação do homem pela glorificação de Deus. É este o fim da liturgia!

### do exterior ao interior

Como pode pretender-se que isto seja alheio à espiritualidade? É evidente que a espiritualidade da liturgia é, em primeiro lugar, exterior, temporal, sacramental, na ordem da cronologia e da pedagogia.

Houve, sobretudo na Instrução «De Musica Sacra», expressões que eram um pouco equívocas sob este ponto de vista, onde se dizia que a liturgia é, antes de mais, interior, o que não é verdade; ou melhor, é preciso entender o que se quer dizer com tal expressão: de facto, a liturgia é antes de mais exterior, se a tomarmos no sentido da cronologia e da pedagogia; vai-se do exterior para o interior, não é possível proceder doutro modo. Tomo por testemunhas os jovens «filósofos» que aqui estão: não foi Aristóteles quem nos ensinou que nada chega à inteligência, sem primeiro ter passado pelos sentidos, «nihil est in intellectu, quod non fuit prius in sensibus»? É assim em filosofia como o é em liturgia e em religião: o ponto de partida é o exterior. Quer se trate do catecismo, quer se trate da pregação, a pedagogia consiste sempre em partir do conhecido para o desconhecido, do que há de mais exterior para o que há de mais profundo. Portanto, quando dizemos que na Liturgia o que é exterior e sensível está em primeiro lugar, falamos no plano do «processus» pedagógico, pois é evidente que no plano dos valores, no plano dos sinais, o que está em primeiro lugar é o interior, o espiritual, o eterno.

Parece que fica assim estabelecida uma distinção muito clara, que poderia evitar algumas incertezas. É preciso, pois, não nos contentarmos com o exterior, e menos ainda apreciá-lo por si mesmo, se não caíríamos no puro esteticismo em Liturgia. Amar as cerimónias pelas cerimónias, não é ter espírito litúrgico. Ter-se-ia então, talvez, espírito de «realizador», de coreógrafo, ou de organizador de ballet, mas não espírito litúrgico.

Um admirável artigo da Constituição descreve-nos a Igreja e portanto a liturgia, que é o seu espelho. Diz-nos que tudo o que na Igreja é passageiro, exterior e sensível, está inteiramente ordenado ao que é permanente, espiritual, eterno. Isto é verdade àcerca da Igreja, como o é da Liturgia.

### consciencialização dos ritos

Consequentemente, é necessário apreendermos nós próprios, e fazermos com que os fiéis apreendam, aquilo que deveria constituir um pressuposto da renovação litúrgica: não podemos

ficar à superfície, nos ritos; é necessário penetrar-lhes o sentido e o espírito.

A Constituição, deu-se como fim facilitar aos fiéis a **participação activa** na Liturgia, e o que é mais admirável ainda, são os adjectivos com que esta Constituição completa e modifica o adjectivo «activo».

Sim, é uma participação activa, por isso **participação consciente, interior.** Nunca se deve, numa paróquia, organizar a participação activa, no sentido dos fiéis serem dirigidos, ou como autómatos que se movem todos ao mesmo sinal, ou como a admirável unanimidade exterior dum coro de ballet, ou ainda como cães amestrados. Temos de formar seres humanos, portanto só há participação activa se consciente. Donde, que toda a preocupação dos pastores deve ser a Fraternidade Espiritual, por meio da educação. Um pastor não é um adestrador, deve antes fazer uma educação, e esta é qualquer coisa de fraternal, onde os fiéis descobrem o sentido das coisas. Isto, portanto, implica a formação dos fiéis. É admirável que a segunda secção do primeiro capítulo da Constituição, seja consagrada à formação dos fiéis e à sua participação activa e só a seguir se fale duma renovação das estruturas externas, relacionadas com a mudança de mentalidade dos fiéis. E não seguimos nesta linha se nos contentamos em orientar duma maneira sòmente jurídica a renovação, como numa certa paróquia onde um belo dia se disse: «Meus irmãos, o Papa acaba de mudar a fórmula da Comunhão. Até aqui, dizia-se «Corpus Domini Nostri», etc., agora dir-se-á «Corpus Christi» e vós respondereis «Amen». Nós somos obedientes e por isso começaremos a partir de amanhã».

Porquê? Que significa esta fórmula? Tanto mais que ela tem uma grande importância! Há algum tempo, uma pessoa que se confessa a mim e que comunga todos os dias dizia-me: «É curioso, há algum tempo que comungo com muito mais fervor, e pergunto a mim mesmo se hei-de atribuir isto à mudança da fórmula da comunhão. Seria interessante que tivesse sido esta mudança de fórmula a trazer-me tantas graças». E eu respondi: «não é interessante, é normal. Até aqui, a tua comunhão era um acto muito fervoroso, muito recolhido, mas passivo; agora, desde há algum tempo, a Igreja, que é «mestra de oração», convida-te a dizer no momento da Comunhão um Amen que é, antes de mais, um acto de fé e uma profissão dessa fé, pois a fé é para ser expressa: tu reconheces que o Senhor está presente nesta hóstia; e ao mesmo tempo é um acto de Caridade, porque o teu «Amen» ao «Corpus Christi» que o padre diz, não se limita a um reconhecimento da presença real, mas exprime também a tua vontade de te incorporares em Cristo e na Sua Igreja, e isto só se pode fazer pela Caridade. Não te surpreendas, portanto, que sendo levado pela Igreja

e pela sua liturgia a abrires-te por um acto generoso de Fé e de Caridade, aumentem as graças da tua Comunhão». Eis aqui um exemplo que, segundo me parece, mostra o valor espiritual duma modificação litúrgica quando é explicada, e não quando apenas se diz: «isto passa a ser assim a partir de amanhã», como se se dissesse que o casaco se abotoava dum lado até hoje, mas a partir de amanhã começa a abotoar-se do outro.

As mudanças na liturgia não são assim, têm um sentido bem definido.

Do mesmo modo, a Constituição diz-nos que esta participação deve ser **plena.** Uma participação plena não é aquela em que, a uma ordem dada, todos aceitam fazer superficialmente tal ou tal gesto, mas é aquela em que cada um se dá com toda a alma, comprometendo-se a si próprio duma maneira total. Só esta condição pode fazer que os gestos realizados por nós, indiferentes e exteriores, tenham valor espiritual. Este valor existe de tal modo que, diz-nos ainda a Constituição, a participação pode tornar-se **frutuosa.** Isto é muito interessante e deveria orientar a pastoral de certos padres, pois muitas pessoas piedosas têm de fazer um grande esforço para se vencerem e entrarem na corrente da renovação litúrgica: uma religião mais comunitária e não a religião individualista e sentimental a que estão habituadas. Apesar deste esforço necessáro, não devemos dizer que estas pessoas têm de se sacrificar para seguirem o movimento litúrgico. Elas aborrecem-se, com razão, se forem obrigadas a renunciar ao seu fervor e ao seu desejo de união a Deus para fazerem como todos os outros, isto é, não se singularizarem e entrarem no movimento geral. Não é isto o que devemos dizer-lhes! A sua participação pode e deve ser frutuosa, isto é, vantajosa para elas e para nós. Entrar a fundo na renovação litúrgica e na participação activa, não é dissipar os nossos tesouros de santidade, ma sao contrário, é acrescentá-los, é aproveitar mais os mistérios unindo-nos a eles dum modo mais imediato e mais total. Portanto, isto deve-se ao esforço de formação por parte dos pastores, ao qual é necessária a resposta dos fiéis, para que a sua formação não fique numa simples mudança de comportamentos exteriores, mas consiga frutos de santidade.

### o papel da oração, da ascese e do silêncio

A participação frutuosa não pode fazer-se apenas pela instrução. Não é só com cursos de Liturgia que se irão transformar as paróquias. É preciso associar ao esforço litúrgico pròpriamente dito um esforço de formação, de educação, um esforço mais profundo, verdadeiramente espiritual. Um erro de renovação litúrgica seria esta forma de liturgicismo, que consiste em acreditar que, bem praticada, a liturgia basta para chegar à santidade. A liturgia

não nos prepara para a liturgia. Não nos podemos preparar para a liturgia, a não ser por alguma coisa exterior a ela. Não será a juntar algumas orações de preparação à oração litúrgica e a multiplicar-lhe orações de conclusão, que esta se há-de tornar mais interior.

Quando entrei para os Padres Pregadores, se íamos rezar o Ofício, começávamos por recitar o «O Sacrum Convivium», em honra do SS. Sacramento, seguido do versículo «Panem de coelo...», da oração «Deus, qui nobis sub Sacramento mirabili...». Depois disto, dizia-se a oração «Aperi Domine os meum...» para preparar a recitação do Ofício, e em seguida dizíamos a oração «Domine in unione...», para nos prepararmos a rezar melhor aquela hora. Sempre para nos prepararmos, rezávamos ainda, em silêncio, um «Pater Noster» e um «Credo», e em seguida, para melhor preparação, dizia-se «Domine, labia mea aperies». Porque ainda não bastava esta preparação, dizia-se o «Deus in adjutorium meum intende»; depois, dizia-se o salmo invitatório, sempre para nos prepararmos. Este erro encontra-se em qualquer Liturgia. A partir de 7 de Março, vão ser suprimidos o último Evangelho e as orações de Leão XIII. Há pessoas a quem isto entristece, mas não há razão alguma para prolongar indefinidamente a Liturgia, como pretexto de que nunca acabamos de fazer a nossa acção de graças. Ora, eu creio que é preciso fazer a nossa acção de graças depois da comunhão, mas isso não é a liturgia, nem é acumulando as orações litúrgicas que se vai fazer a sua própria acção de graças.

A liturgia não nos prepara para a liturgia. O que prepara a liturgia é a vida espiritual, a vida de silêncio, a vida de oração, a vida de recolhimento e mortificação. Tudo isto está formalmente escrito na nossa Constituição. Uma ilusão para um padre novo seria acreditar que, para ser um padre santo, basta rezar bem a sua missa e o seu breviário. Eu creio que sim, creio que isto basta: sòmente, ninguém pode rezar bem a sua própria missa e o seu breviário, senão rezando bem a missa e rezando bem o breviário. Para dizer bem a sua missa, o padre tem de ser recolhido, tem de ser mortificado, e não nos tornamos mortificados a dizer missa. Cada qual é recolhido e mortificado, exercitando-se na oração e na mortificação. Então, quando chegarmos ao cimo da perfeição, já não teremos mais necessidade de rezar, não é verdade? Por um lado sim, mas enquanto vamos esperando, é preciso que nos exercitemos, que nos formemos. É necessário dizer que a liturgia não basta para formar espiritualmente, temos de nos formar espiritualmente na vida espiritual. Quando tal suceder, esta formação espiritual frutificará na própria liturgia, enquanto que, se não tivermos este cuidado, arriscamo-nos a ter uma celebração litúrgica talvez bela e que nos trará uma pequenina impressão estética agradável, mas que não será verdadeiramente espiritual.

Deixando a celebração litúrgica a si mesma, corre-se o risco de cair no estetismo mais ou menos individualista ou no conformismo gregário. Precisamos de não nos contentarmos só com a liturgia. Aliás, a Constituição no-lo diz, não devemos chamar os fiéis a orarem sòmente em comum, mas também a orarem no segredo, e isto não é oração litúrgica. Contra esta dificuldade, aconselha-se frequentemente aos fiéis que participem na missa activamente. «Ah», dizem então, «Senhor prior, não podemos rezar mais». Isto quer dizer que tinham apanhado o costume de virem à Igreja ao som do sino, tentando recolher-se um pouco. Evidentemente que não conseguem chegar a tanto, porque muitas pessoas sabem que é preciso rezar, mas não conseguem descobrir que há duas formas de oração. Há a oração pública que é capital, que é a oração litúrgica, particularmente a Missa do Domingo, mas que não dispensa a oração pessoal. As duas completam-se mas são distintas, por isso a Constituição nos lembra que, segundo a palavra do Senhor, é necessário retirarmo-nos para o segredo, porque Deus nos vê em segredo: isto não é oração litúrgica. Também nos diz que, segundo o preceito do Apóstolo, é preciso orar sem descanso. Ora isto não pode ser a oração litúrgica. Esta é forçoso que pare, nem que fosse só para as cozinheiras irem preparar o almoço ou os professores e os alunos irem para as aulas. É que a natureza humana não pode continuar, como a natureza angélica, numa contemplação perpétua.

A liturgia é feita de celebrações, em que há um princípio e um fim. Todavia, deve-se rezar sempre, por isso não é a oração litúrgica que há-de fazer a ligação mas sim a oração interior. O mesmo parágrafo da Constituição diz-nos que também é preciso que os cristãos se mortifiquem. Evidentemente, podem dizer-me que a liturgia é muitas vezes uma boa causa de mortificação. Quando se pertence a uma ordem ou se pratica o ofício coral, por exemplo, e se tem mesmo ao nosso lado um padre que não é capaz de salmodiar sem se balançar como um urso, está bem... a liturgia torna-se autêntica mortificação. Mas ela não foi instituída, simplesmente, para isso, por conseguinte, é preciso mortificarmo-nos de outra maneira. A própria Constituição nos diz que devemos mortificar-nos porque na Liturga oferecemos Cristo em sacrifício ao Pai. Nunca atingiremos plenamente a finalidade da Liturgia se nos contentarmos com oferecer Cristo em sacrifício ao Pai, mas só quando nos oferecermos a nós mesmos em sacrifício.

É este o fim da Liturgia, um fim que está para além dela própria e que exige de nós mais vida de ascese. Portanto, como vêem, a Liturgia, qualquer que seja a sua beleza, a sua perfeição, não basta para a vida espiritual, e eu diria que a própria liturgia não pode ser completa, não pode atingir plenamente o seu fim,

senão naquele que tem outros princípios de vida espiritual, outros exercícios de oração.

### a liturgia: escola de espiritualidade

Quando a Liturgia é vivida por uma alma interior, torna-se uma maravilhosa escola de espiritualidade. Vou dar alguns elementos desta formação espiritual que pode vir-nos da Liturgia.

Ela alimenta-nos nas fontes da Sagrada Escritura: ora, onde se pode receber mais que na própria Palavra de Deus? Não penso apenas no Novo Testamento, penso no Antigo que é uma tão bela fonte de religião. Não nos deixemos embaraçar por causa de certas imperfeições, muitas vezes mais aparentes que reais e que dizem respeito, nalgumas ocasiões, mais à nossa afectação que à imperfeição do Antigo Testamento. Basta ver, em especial nos Salmos, o sentido de Deus: de um Deus vivo, pessoal, e o sentido do nosso nada diante de Deus, que são verdadeiramente incomparáveis.

A Liturgia forma-nos também para uma oração doutrinal e objectiva. Ela é totalmente oração, mas não uma oração sentimental e fechada em si própria.

Do ponto de vida ascético, a Liturgia obriga-nos ao esquecimento de nós mesmos, a não nos dobrarmos sobre nós mesmos. É este, muitíssimas vezes, o defeito da nossa oração íntima: ser uma introspecção, enquanto que a Liturgia nos obriga a uma atitude oblativa e objectiva, portanto infinitamente mais sã. Enquanto nos deixamos a nós mesmos, somos sempre tentados a contentar-nos com a oração de petição, que é, aliás, um elemento essencial da oração. De modo nenhum se trata de desprezar ou de condenar a oração de petição!...

A Liturgia ensina-nos uma oração muito mais teocêntrica, na qual domina o louvor, a adoração, a acção de graças, toda a espécie de atitudes religiosas de qualidade superior, nas quais não somos sempre suficientemente formados e nas quais a Liturgia nos introduz cada vez mais.

A Liturgia forma-nos numa oração comunitária, ao passo que a nossa oração privada tem sempre o perigo de se tornar oração egoísta. A Liturgia lembra-nos os grandes interesses da Igreja, a Sua Unidade, a conversão do mundo inteiro, a difusão da Verdade, a paz em todos os seus graus, paz interior e exterior, paz internacional.

Como vedes, a liturgia é uma escola de espiritualidade. Se para viver da liturgia temos necessidade de nos exercitarmos na vida

espiritual, se verdadeiramente nos exercitamos nessa vida, a liturgia vai-a purificar e regular.

Em particular, vai-nos ajudar a classificar, talvez a julgar antes de as fazermos, as nossas devoções privadas, porque são excelentes, talvez um meio necessário, para formarmos a devoção que será a alma do culto litúrgico; em todo o caso, se estas devoções são demasiado numerosas, acabarão por abafar a própria liturgia. Foi isto o que aconteceu em muitos países cristãos, onde não há tempo de fazer a liturgia em virtude de estar todo ocupado com novenas.

Há, por exemplo, pouco tempo para nos interessarmos a sério pela Quaresma, pois o mês de Março é o mês de S. José. Isto sem falar no mês de Maria que calha justamente no tempo Pascal, no tempo da Ascensão e do Pentecostes, nem do mês do Sagrado Coração. De modo nenhum sou hostil a qualquer destas devoções, sòmente digo que, se todos os meses acabássemos por cultivar um objecto diferente, deixaríamos de nos aperceber da existência da Quaresma e do Tempo Pascal.

Vou fazer-vos uma confidência em virtude de estarmos numa reunião íntima. Não sei por que meio hei-de obter, porque isto não é liturgia, a mudança do mês de Maria e do mês de S. José. Deveriam ser colocados noutro lugar e há dois totalmente bem indicados para isso. O mês de Maria no mês de Maio, sabem bem que é uma pura ideia sentimental do século XIX, sem qualquer valor tradicional. Durante o verão passado estive em terras de língua portuguesa, no Brasil, onde se põe toda a espécie de problemas à liturgia, pelo facto de se estar no hemisfério austral.

Puseram-me, por exemplo, o seguinte problema:— para vós, na França (pode dizer-se o mesmo para Portugal), a festa da Páscoa é a festa da Primavera e para nós, no Brasil, de modo nenhum. É verdade. Respondi sòmente que a Páscoa não é, em primeiro lugar, a festa da Primavera; antes de mais é a festa do Senhor Ressuscitado. Por ser o mês das flores, chamam ao mês de Maio o mês de Maria, no entanto até estes últimos tempos era o único, mais o mês de Junho, que não tinha uma só festa da SS. Virgem. Pois bem: eu gostaria que o mês de Maio deixasse de ser o mês de Maria em virtude de estar cheio de outras coisas.

O mês de Maria é o mês de Dezembro. Qual é a grande festa da SS. Virgem? O Natal! Qual é a grande glória da SS. Virgem? A de ser Mãe de Cristo! Basta ver o lugar que tem a SS. Virgem na liturgia do Natal. Por outro lado, todos sabem que o mês de Dezembro é o mês do Advento, e qual é a principal personagem do Advento senão a SS. Virgem? Aquela que espera o que já possui! É este o mês em que calham forçosamente as têmporas do Advento, com a festa da Anunciação e a da Visitação. Temos

ainda o dia 8 de Dezembro que é a festa da Imaculada Conceição. Que mais desejam para fazer deste mês um admirável mês de Maria? É evidente que o mês de Maria é o mês de Dezembro.

Quanto ao mês de S. José? Nada mais fácil. Em primeiro lugar deve mudar-se a festa de S. José, pois o facto de ser no dia 19 de Março é produto de um erro: havia no martirológio um José mártir, em 19 de Março. No entanto, ninguém conhece a data da morte de S. José. Vemos, portanto, que esta data, 19 de Março, é absolutamente arbitrária. Pois bem, eu desejaria que a festa de S. José substituísse a do S. Nome de Jesus, no Domingo entre a Oitava do Natal e a Epifania, visto que esta já foi celebrada com a Circuncisão (e é regra suprimir o que está repetido). Deste modo, festejando S. José naquela altura, poderia ser-lhe dedicado o mês de Janeiro: estamos no ambiente do presépio, festejamos a Sagrada Família e, se quereis, pode este mês ter 33 dias, encerrando-o a 2 de Fevereiro em que S. José e a Virgem levam Jesus ao Templo! Deixaríamos assim o mês de Março para a Quaresma e para a Paixão. Desejaria esta mudança, e dou-a como exemplo para mostrar que as devoções estão muito bem, mas, como pede a Constituição, é necessário harmonizá-las com a liturgia para que lhe fiquem subordinadas.

Para terminar acentuo de novo o mesmo aspecto: o valor da liturgia como critério, ou melhor, como meio de ordenar a vida espiritual, de a não deixar dissipar, de a não deixar invadir por um floreado excessivo de devoções.

**o primado do mistério pascal**

Sabeis que a Constituição Litúrgica afirma que a liturgia consiste em tornar presente a nós, e em nos comunicar, a economia da salvação. Economia de salvação que começa com a criação e passa pelos Profetas, que é ao mesmo tempo anúncio e realização da salvação dos homens. Esta economia de salvação que a liturgia representa e comunica, diz-nos a Constituição litúrgica, concentra-se no mistério Pascal. É interessante isto! Poderia ficar-se assustado à primeira vista porque a economia da salvação é imensa — são os dois Testamentos, do Génesis ao Apocalipse. Como pode por exemplo ser tudo isto pregado por um padre?

Ora, isto que é tão vasto, a economia da salvação, tem um centro, um nó em que tudo se junta, unifica e concentra: o Mistério Pascal, o Mistério de Cristo morto e ressuscitado; mais ainda, o mistério da vida divina que sai da morte humana por uma intervenção especial de Deus. O Mistério Pascal realizou-se, como figura, no Êxodo judaico que deu o nome à Páscoa; realizou-se em Cristo nossa Páscoa e realiza-se todos os dias em nós pelos Sacramentos

da Páscoa que são o Baptismo e a Eucaristia. Baptismo e Eucaristia que fazem sair vida da morte, que nos unem a Deus e aos irmãos por uma nova e eterna aliança.

O Mistério Pascal que acabo de expor de modo muito sumário mas sem deixar de evidenciar a sua complexidade, pode ainda resumir-se, diz-nos a Constituição, num facto: de Cristo trespassado, do Coração de Cristo morto jorram essas duas Fontes de vida geradoras da Igreja, a Água e o Sangue, símbolos do Baptismo e da Eucaristia.

Esta primazia do Mistério Pascal, antes de mais é verdadeira, e depois tem uma vantagem enorme: dá unidade à nossa vida cristã.

Primeiro, unifica fàcilmente a vida doutrinal. Não só os leigos mas até os padres julgam que a religião é feita por um amontoado de coisas dispersas entre as quais é por vezes difícil de encontrar a ligação. O elo, o centro de unidade é o Mistério Pascal. Tudo se refere a ele. Ele é também o centro de unidade da Bíblia. Toda a Bíblia gravita em torno do Mistério Pascal — não só o que se seguiu ao Êxodo mas mesmo antes: o Dilúvio, toda a história de Abraão, são já prefigurações do Mistério Pascal e foram certamente redigidas no seu estado último por pessoas que pensavam no Mistério Pascal. Debrucemo-nos sobre estes dois casos: o homem é tirado de um mundo pervertido, cria-se uma raça nova e conclui-se uma acção de Deus. São no fundo as características essenciais por uma acção de Deus. São no fundo as características essenciais do Mistério Pascal. Mais tarde todos os profetas rapisarão o tema do Mistério Pascal, considerando o regresso do Exílio como um êxodo mais maravilhoso que o primeiro. Depois os Evangelhos vão aplicar alguns quadros do Mistério Pascal a Jesus, e vamos de novo encontrar este tema no Apocalipse. Temos pois o princípio de unidade dos dois Testamentos.

Depois, unifica a vida espiritual. Que será a vida espiritual senão um morrer para viver? Morrer para o pecado a fim de viver para Deus. E isto indo beber às duas fontes essenciais que são o Baptismo, cuja graça está sempre viva em nós e a Eucaristia — os dois sacramentos que brotaram do Mistério de Cristo e exprimem o Mistério Pascal. É evidente a hierarquia que o Mistério Pascal pode estabelecer nas nossas devoções. Há devoções cuja relação com o Mistério Pascal é bastante longínqua. A devoção a S. António é maravilhosa, mas a sua ligação com o Mistério Pascal não é muito estreita. O mesmo acontece com as quartas-feiras de S. Brígida e com tantas outras devoções. Pelo contrário, é clara a importância da Via Sacra, com a condição de não encerrar Nosso Senhor dentro do túmulo na XIV estação, mas de prever a Sua ressurreição; é clara a importância do Rosário, à noite, com os seus

mistérios Gozosos, Dolorosos e Gloriosos; é clara a importância da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, particularmente como a expôs Pio XII na encíclica «Haurietis aquas». O Papa apresenta-nos o Sagrado Coração como sendo, verdadeiramente, o resumo de todo o desígnio amoroso de Deus sobre o mundo.

Vemos agora como o primado do Mistério Pascal liga mais ainda a nossa vida espiritual à Bíblia e ao Dogma, uma vez que toda a Economia da Salvação, o Mistério da Incarnação e da Redenção, tem de entroncar no Mistério Pascal e na Liturgia, porque esta é essencialmente o culto que, do Coração de Cristo, sobe para o Pai e desce para os homens.

Eis como, se é necessária uma espiritualidade viva para não reduzir a renovação litúrgica a uma simples reforma de atitudes exteriores, a prática séria e profunda desta renovação poderá contribuir para aprofundar e ordenar ao máximo a nossa vida espiritual.

**A oposição entre uma religião interior e uma liturgia considerada ùnicamente como um culto exterior, é uma falsa oposição.**

★

**Quando a liturgia é vivida por uma alma interior, torna-se uma maravilhosa escola de espiritualidade.**

# a refeição do povo de Deus

J. VILAÇA

«Eis que permaneço à porta e bato. Se alguém escuta a minha voz e abre a porta, eu entrarei em sua casa; cearei com ele e ele comigo». (Apoc. 3, 20)

Uma das maiores angústias que existem no mundo dos nossos dias é, sem dúvida, o problema da subalimentação: dois terços da humanidade carecem do alimento suficiente para manter saudável o seu organismo, e uma grande parte destes dois terços, morre de fome.

Quis focar, logo de início, este tema forte, para melhor inculcar o pensamento que me veio ao espírito, ao iniciar este trabalho: Talvez se possa atribuir a tibieza generalizada em que vivem muitos cristãos do nosso tempo, numa vida de rotina que muito contribui para fazer barreira à generosidade do coração expansivo da Igreja, ao regime de subalimentação espiritual em que se instalaram e que não permite desabrochar o carácter do Baptismo e da Confirmação, que a Igreja lhes semeou na alma. Talvez a Igreja não tenha aparecido aos homens com todo o seu encanto, a sua pureza, a sua dignidade de serva e de esposa, por os membros do seu santo corpo não terem recebido ou assimilado o pão da Vida necessário para se manterem vigorosos e belos. Que comentário não fará o Senhor ao ver, numa reunião eucarística de Domingo cheia de cristãos, apenas uma minoria a participar do Pão da Eucaristia... Talvez se possa atribuir a muitos de nós aquela frase que vem no livro de Amós: «Enviarei a fome sobre a terra; não uma fome de pão, nem uma sede de água, mas a de ouvir a palavra de Deus» (8, 11).

Muito temos que louvar o Senhor pelo santo Concílio que tanto tem trabalhado para que a Igreja, peregrina neste mundo, seja alimentada duma mesa mais farta e abundante e mais prestàvelmente servida.

O empenho que me moveu a escrever estas páginas foi o de apresentar a riqueza e a delícia da mesa que a Igreja nos põe em cada dia, para criar em nós um forte apetite espiritual, que nos obrigue a correr às reuniões deste banquete, que Cristo, com tanto amor, mandou à Igreja que continuasse a fazer.

## o amor que Deus nos tem e a refeição que nos oferece

A Igreja é peregrina. É um povo que caminha em busca do seu Senhor. (Const. Lumen Gentium cap. VII) No Antigo Testamento, já este povo caminhou longamente em busca da terra prometida e sempre na esperança do Messias. Hoje, a Igreja já tem o Senhor consigo; no entanto caminha sempre, na exigência dum amor mais íntimo e mais total.

Esta tensão que a Igreja tem em si, de abraçar a Cristo e que a torna peregrina, corresponde a uma fome e a uma sede de Deus, que têm a sua origem no amor que Deus lhe consagrou.

Deus é quem sacia esta sede: é Ele que tem preparada, desde todos os tempos, uma maravilhosa mesa, farta e abundante, onde reina uma Alegria permanente. Todos são convidados a ocupar os seus lugares nesta refeição, neste grande banquete, que, à luz da Revelação da Nova Aliança, sabemos que celebra as núpcias de Jesus Cristo com a sua Igreja (Apoc. 19, 9).

A união de núpcias entre Deus e os homens, em Cristo e na Igreja, é-nos manifestada de diversas maneiras, progressivamente mais perfeitas.

Podemos distinguir nìtidamente três destas manifestações: O amor de núpcias manifestado ao povo eleito do Antigo Testamento, num enredo histórico; o amor dedicado à Igreja do Novo Testamento, enquanto peregrina, por meio de sinais; e finalmente o amor com que Deus ama a «Jerusalém celeste», sem véus nem sinais, nem história; mas face a face.

Na realidade, porém, este amor é sempre o mesmo; é tão imutável como o próprio Deus; e portanto, a sua manifestação tem sempre o mesmo contexto: o contexto dum convívio de intimidade,

simbolizado por uma refeição, um banquete de núpcias. Há sempre um povo ajuntado e unido, adquirido, provado e desposado; há sempre uma mesa em que é servido o pão e a água da vida, a carne sucolenta e substanciosa e o vinho da alegria duma festa de núpcias; há sempre um contínuo louvor em memória d'Aquele que nos conquistou, nos desposou e nos fez participar desta mesa.

Assim, a mesa da Eucaristia que nos é posta em cada dia pela Igreja é, por um lado, a realização, por meio de sinais, do grande banquete que se realiza eternamente no Céu; e é também, a plenitude, a síntese e o contexto da grande refeição realizada numa história viva pelo povo eleito, a caminho da Terra onde corre o leite e o mel. E tal como nestas duas refeições, ela contém os três elementos apontados: Um povo runido — A REUNIÃO; uma comida — A COMUNHÃO; e um louvor: A ANÁFORA.

Tentarei portanto apresentar o tema da refeição no Antigo Testamento, falarei depois do banquete escatológico. Como conclusão, apresentarei a pessoa de Jesus Cristo como o grande Sinal e a grande realidade desta abundante refeição que é o amor que Deus nos tem. Terei assim mostrado o verdadeiro sentido e o conteúdo profundo da nossa refeição eucarística.

## a refeição do amor de Deus servida aos homens numa história viva

### 1. refeição servida a um povo reunido e desposado

«Yawéh disse a Abraão: Sai da tua terra, da tua pátria e da casa de teu pai e vai para a terra que eu te mostrar. Farei de ti uma grande nação (Gén. 12, 1-3) ...Tornarei a tua posteridade numerosa como a poeira da terra (Gén. 13, 16) ...Olha para o céu e conta as estrelas, se tu as podes contar. E disse: Será assim a tua posteridade (Gén. 15,5) ...Vou estabelecer a minha aliança entre mim e ti e Eu te multiplicarei extremamente (Gén. 17, 2) ...Juro por mim mesmo: ...eu te abençoarei e multiplicarei a tua posterdade como as estrelas do céu e como a areia que há na praia do mar». (Gén. 22, 16)

«Os filhos de Israel frutificaram e multiplicaram-se; multiplicaram-se e fortaleceram-se de tal modo que o país ficou cheio com eles». (Êx. 1, 7).

A humanidade, que Deus tinha criado como obra prima, com o zelo de um oleiro que põe todo o seu cuidado e empenho num vaso que sai das suas mãos, havia pecado: o vaso quebrara-se e dispersara-se em pedaços sobre a terra. Mas Deus não se deixa vencer: com uma paciência infinita, começa por reunir todos os pe-

daços e da Sua Misericórdia faz brotar um plano magnífico de restauração: «Saberás assim, em teu coração que, tal como um homem corrige o seu filho, também Yawéh teu Deus te corrige a ti» (Deut. 8, 5)

«Yawéh disse: Eu vi bem a humilhação do meu povo que está no Egipto e ouvi o seu clamor diante dos seus opressores, porque eu conheço as suas dores. Por isso desci para o libertar da mão do Egipto e para o fazer subir desta terra para uma terra fértil e espaçosa, uma terra onde corre o leite e o mel» (Êx. 3, 7-8). «Saberás hoje que Yawéh teu Deus, passará Ele mesmo, diante de ti como um fogo devorador: é Ele que os exterminará e submeterá diante de ti». (Deut. 9, 3) Para libertar o seu povo, Yawéh vem como um guerreiro bem armado, devorado pelo amor que tem a Israel. «Feriu todo o primogénito (do Egipto), todas as primícias do seu vigor» (1) «Feriu o Egipto em seus primogénitos... fez sair Israel do meio deles, com mão forte e braço estendido. Fendeu o mar Vermelho em duas partes e fez passar Israel pelo meio... Derribou o Faraó e o seu exército no mar Vermelho» (2).

«Quando Israel saiu do Egipto... o mar viu-o e fugiu, o Jordão voltou para trás; os montes saltaram como carneiros, as colinas como cordeiros» (3).

Tendo conquistado este povo, tomou-o exclusivamente para si e provou-o no deserto, tal como um noivo prova a sua amada: «O meu amado retirou a mão da abertura (da minha porta) e as minhas entranhas estremeceram. Levantei-me para abrir ao meu bem-amado... mas ele tinha desaparecido, havia passado! A minha alma saiu com ele; eu o procurei e não o encontrei, chamei-o e ele não me respondeu».

O deserto é o lugar da secura, onde não há vida (Ez. 6, 14) «terra de estepe e de abismo, terra árida e tenebrosa, terra onde ninguém passou, onde não habita homem algum» (Jer. 2, 6). E por tanto o lugar de provação. Yawéh deteve o seu povo no deserto, durante 40 anos a fim de se poder encontrar a sós com ele «e lhe falar ao coração». «Eu obstruirei o teu caminho com espinhos, fechá-lo-ei com um muro para não se tornar a encontrar a saída... Vou seduzi-l, conduzi-la ao deserto e falar-lhe ao coração... Eu te desposarei para sempre» (Os. 2, 8, 16 e 21).

«Passando junto de ti vi que tinha chegado para ti o tempo dos amores; estendi sobre ti o pano do meu manto, cobri a tua

---

(1) S. 105,36 (vulg. 104)
(2) S. 136 (vulg. 135)
(3) S. 114, 1, 3 e 4 (vulg. 113)

nudez, fiz-te um juramento, estabeleci uma aliança contigo e tu me pertenceste» (Ez. 16, 8)

**2. refeição abundante e deliciosa**

Tendo-se unido tão intimamente ao seu povo, Yawéh conduz-lo finalmente à terra da promessa. Aí o estabelece para que ele possa saborear as delícias que Yawéh lhe reservou para o fim de tão longa caminhada de amor.

«Yawéh teu Deus vai-te fazer entrar numa terra fértil; terra de torrentes de águas, de fontes que jorram do vale e sobre o monte, terra do trigo e da cevada, da vinha, da figueira e da romãzeira, terra em que tu não comerás o pão com parcimónia, onde nada te faltará... tu comerás e ficarás saciado, tu bendirás Yawéh teu Deus pela boa terra que te deu» (Deut. 8, 7 ss.). «Eles se apropriaram de cidades fortificadas e de um solo fértil; conquistaram casas repletas de bens, cisternas já feitas, vinhas, oliveiras, árvores de fruto em grande quantidade. Comeram e ficaram saciados, engordaram nas delícias, por causa da tua grande Bondade» (Neem. 9, 22-25).

**3. refeição de louvor**

Todo este movimento histórico para reunir o povo que estava disperso, Yahwéh o fez «por amor do Seu nome» (vd. Sl. 22). Por isso, pôs no coração deste povo a semente de um cântico magnífica que jamais deixará de se ouvir. A maior parte dos livros do Antigo Testamento não são mais que um cântico de louvor a Yahwéh pelas maravilhas que a Sua Misericórdia operou em favor deste povo inconstante e de «cabeça dura». Por outro lado, o louvor das memórias de Yahwéh estava bem marcado no coração dos hebreus: a sua oração, as suas refeições e saudações, eram sempre feitas num contexto de bênção, de louvor a Deus: «Que Deus seja bendito». Bendito seja Deus, que faz com que a terra produza pão». «Bendito sejas, Deus do universo, que sacias o mundo inteiro com a Tua Bondade em Graça e Misericórdia!» Mas este tema do louvor a Yahwéh está contido sobretudo no livro dos Salmos. Muitos destes Salmos são cânticos maravilhosos a perpetuar os grandes feitos de Yahwéh numa atitude de gratidão e admiração: «Dai graças ao Senhor, porque Ele é bom, porque a Sua Misericórdia permanece para sempre... Ele só, operou grandes prodígios... Ele, que dá o pão a toda a carne; porque a Sua Misericórdia permanece para sempre (I. 136 - vulg. 135). «Cantai ao Senhor um cântico novo, cantai o Seu louvor na assembleia dos Santos... porque o Senhor Se compraz no seu povo e adorna os humildes com a Sua Salvação» (Sl. 149).

## o banquete do céu: todos somos convidados a participar

Vejamos agora como este banquete da história da aquisição do povo de Israel, desposado por Yahwéh, se realiza eternamente no Céu com a participação de toda a humanidade restaurada por Cristo, na sua perfeição total: sem história, nem véus, nem sinais, mas face a face.

### 1. refeição servida, a um povo reunido e desposado

«A Sabedoria construíu a sua casa, levantou sete colunas; imolou as suas vítimas, misturou o seu vinho e pôs a mesa... Vinde comer o meu pão e o vinho que eu misturei» (Prov. 9, 1-9).

A primeira imagem que a Sagrada Escritura nos apresenta do banquete escatológico, aparece no capítulo 24 do livro do Êxodo. É o banquete da ratificação da Aliança. «Moisés subiu com Aarão, Nadab e Abiú e os setenta dos anciãos de Israel. Eles viram o Deus de Israel... viram o Deus todo poderoso, depois comeram e beberam» (Êx. 24, 9-11). A seus pés ficava um pavimento trabalhado em safira (vs. 9), que os separava da terra. Ver Deus, comer e beber na Sua presença, é a refeição dos eleitos no banquete escatológico. Foram portanto setenta e quatro, estes primeiros participantes na refeição de Deus.

S. João, no seu Apocalipse apresenta-nos uma multidão incontável que é chamada para o festim de núpcias: «Depois vi um outro anjo... e ele clamava em voz retumbante: Não façais mal à terra, nem ao mar, nem às árvores, até que tenhamos marcado em suas frontes os servos do nosso Deus. Ouvi então o número dos que estavam marcados: cento e quarenta e quatro mil marcados, de todas as tribos dos filhos de Israel. ...Depois disto vi aparecer uma multidão numerosa que ninguém podia contar, de toda a nação, de todas as tribos, povos e línguas» (Apoc. 7, 2-9).

Jesus mostra-nos que ninguém é esquecido: na parábola do grande banquete o pai de família envia o seu criado por todas as ruas e encruzilhadas: «Sai, sem demora, pelas praças e pelas ruas e traz aqui os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos» (Lc. 14, 21). Nem mesmo aquele filho esbanjador, que se afastara de casa do pai e a trocara pela imundície, é esquecido. Também para ele, com grande espanto do seu irmão, o pai prepara o banquete (Lc. 15, 11).

Este banquete celebra antes de mais a vitória de Yahwéh sobre os inimigos do Seu povo, na luta que travou com eles para o conquistar. Isaías, no seu apocalipse descreve-nos maravilhosamente esta Vitória e o banquete que a celebra, ao qual são chamados todos os povos (Is. 24; 25 e 26).

É um banquete de núpcias: as núpcias de Cristo com a Sua Igreja. Nas bodas de Caná, Jesus como que anseia por estas outras Bodas que o Pai Lhe há-de oferecer. Como que lastima não ter chegado ainda a Sua hora e então antecipa a alegria do outro grande banquete celeste, transformando a água no vinho «esperado até agora», para alegria dos convivas (Jo. 2). Este banquete de núpcias é-nos belìssimamente apresentado na antífona do Benedictus, no ofício de Laudes do Domingo da Epifania: «Hoje a Igreja se uniu ao esposo do Céu; na água do Jordão lhe lavou Cristo os seus pecados; os magos correm com presentes para as bodas do rei; e a água se muda em vinho para a alegria dos convivas».

É o banquete da Nova Aliança, que estabelece a união íntima de Deus com o seu povo. Cristo, imolado e ressuscitado, gera a Igreja, que é, desde então, feita à Sua própria imagem, o Seu próprio corpo místico. Assim adornada, o Pai vê na Igreja o Seu Filho muito amado e põe n'Ela todas as Suas complacências.

**2. refeição abundante e deliciosa**

O alimento dos eleitos começa pelo próprio enlevo da união a Cristo, que, por sua vez, nos arrasta na grande torrente do caudal de amor que brota do Pai e jorra do coração de Cristo, pela força grandiosa do Espírito Santo. Mas a delícia deste alimento é-nos mostrada na nossa linguagem própria — uma linguagem muito humana, que atinge sempre o prazer espiritual, através do prazer dos sentidos. A Sagrada Escritura, ao falar-nos dos mistérios de Deus mais maravilhosos, utiliza uma linguagem muito realista e muito pedagógica: «O Senhor dos exércitos preparou para os povos, sobre este monte, um banquete de carnes gordas, um banquete de vinhos antigos, de carnes gordas e de vinhos velhos e clarificados» (Is. 25, 6 ss.). «Ah! vós todos que estais sedentos, vinde às águas; mesmo aquele que não tem dinheiro! Vinde e comprai e bebei, sem dinheiro nem pagamento, vinho e leite!» (Is. 55, 1). «O Cordeiro, que está no meio do trono os apascentará e os conduzirá às fontes das águas da vida» (Apoc. 7, 17).

Fala-se de águas vivas, de carnes suculentas, de leite, de pão e de vinhos velhos e purificados. Todos estes manjares são riquíssimos de sentido na linguagem dos hebreus.

O pão é o alimento básico da vida. Se é certo que o homem não vive só de pão (Tt. 8, 3), também é verdade que, sem ele, o homem não pode viver. O primeiro dos deveres é o de repartir o seu pão com aquele que o não tem. Depois do pecado original, Deus castigou o homem fazendo com que este pão fosse ganho à custa do seu suor; é por isso que Isaías, ao anunciar o banquete

escatológico, nos diz que neste banquete não é preciso o dinheiro, ganho com o suor, para receber o alimento (Is. 55, 1). O pão é ainda o alimento que estabelece a paz entre aqueles que o comem (Gén. 14, 18; Juíz. 8, 5-6 e 15).

A água é a bebida da fertilidade. Aquele que põe o seu prazer no cumprimento da lei do Senhor, «é como a árvore plantada à beira de águas correntes: dá fruto na época própria e a sua folhagem nunca murcha» (Sl. 1, 1-2). A falta de água produz a secura, a esterilidade da terra — o deserto; Yahwéh promete ao seu povo uma terra «que bebe as águas e as chuvas do céu» (Tt. 11, 11). É a bebida do vigor e da imortalidade. Elias, tendo pedido a Deus a morte no deserto, de extenuado que estava, foi reconfortado com pão e água: «Ele levantou-se, comeu e bebeu; depois, fortificado com esta comida, caminhou quarenta dias e quarenta noites, até Horeb, o monte de Deus» (1 Reis 19, 4-8). O Salmo 110 (vulg. 109), compara Yahwéh a um guerreiro que nunca perde a agilidade e o vigor porque bebe água das torrentes: «Beberá da torrente, no caminho; é por isso que levantará a cabeça (vs. 7).

A carne é o alimento substancioso: Nos sacrifícios dos povos antigos, a utilização das carnes distinguia a sua importância significado. Por isso é que Isaías, no seu apocalipse descreve as carnes do banquete celeste com tanto realismo: «carnes gordas, suculentas».

O vinho é a bebida da alegria. Alegra o coração dos homens, o que faz a alegria do próprio Deus (Jz. 9, 13). É um sinal da Aliança e da alegria que dela deve advir; aliança também que fazem os homens entre si (Gén. 26, 26-30). É o vinho que produz a sóbria embriaguez da felicidade e do enlevo; por isso, no Cântico dos cânticos, o esposo anima os convivas com o vinho da sua mesa: «Amigos, comei, bebei, inebriai-vos caríssimos!» (Cânt. 5, 1).

Quando os profetas vêem o banquete escatológico, ao procurarem anunciá-lo, não encontram melhores imagens das delícias deste banquete, do que o sabor da carne e do vinho e a subsistência do pão e da água». E é por meio destas imagens, que nós sabemos que no céu há uma Alegria inextinguível, nos é comunicada uma vida que não morrerá jamais e que seremos nutridos do amor delicioso de Deus.

### 3. refeição de louvor

Deus é sempre o termo de todos os caminhos de amor. Ele é o objecto adequado de todas as grandes iniciativas e de todo o Bem. No Céu, os eleitos não cessam de atribuir a Deus, de oferecer a Deus, todo o fruto da boa semente que Ele lançou no seu coração. O mesmo é dizer, que o Céu não é mais que um cântico

magnífico em honra do Bem que Deus é e das maravilhas que Deus faz.

No capítulo 60 do livro de Isaías, ao descrever a glória da nova Jerusalém, o escritor sagrado mostra-nos o Louvor como tema que aparece logo à entrada da cidade: «Às tuas portas chamarás «Louvor» (Is. 60, 18). E o Apocalipse de S. João apresenta-nos várias vezes o Louvor dos eleitos. «Tu és digno, nosso Senhor e nosso Deus, de receber a glória, a honra e o poder, pois foste tu que criaste o universo e foi pela tua vontade que ele teve existência e que foi criado» (4, 11). «O Cordeiro, que foi imolado, é digno de receber o poder, a riqueza, a sabedoria, a força, a honra, a glória e o louvor!» «Àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro, o louvor, a honra, a glória e o domínio, pelos séculos dos séculos!» (5, 12-13). «Amen! O louvor, a glória, a sabedoria, a acção de graças, a honra, o poder e a força sejam para o nosso Deus, pelos séculos dos séculos! Amen!» (7, 12) E como complemento, ao anunciar as núpcias do Cordeiro e da Sua Esposa, fá-lo sob o signo da exultação e louvor: «Eu ouvi como que uma voz duma multidão numerosa e como a voz das grandes águas... diziam: «Aleluia! Pois Ele estabeleceu o Seu reino, o Senhor, nosso Deus, o Todo-Poderoso; Alegremo-nos, exultemos e tributemos-Lhe glória, porque são chegadas as núpcias do Cordeiro; a Sua esposa está presente e foi-lhe dado vestir-se de linho fino, brilhante e puro» (Apoc. 36-8).

Assim nós tenhamos a dita de pertencer ao número daqueles, de quem fala o Apocalipse: «Felizes os que são convidados para o festim de núpcias do Cordeiro» (19, 9).

## a refeição é o amor de Deus. o amor de Deus é Jesus Cristo.

S. João conta-nos ainda que, tendo um anjo procurado quem fosse digno de abrir o livro que estava na mão direita de Deus, apresentou-se o Cordeiro imolado para o abrir e desatar os seus sete selos (Apoc. 5, 1 ss.). É Cristo, imolado na cruz, que tudo resume, que é afinal o único sinal e a própria realidade do amor que Deus dedicou aos homens. Ele é o único que abre o livro e desata os seus selos.

Nele se resume a multidão numerosa dos filhos de Abraão, porque n'Ele está contida toda a descendência de Abraão, que é uma descendência na fé. É Ele esta posteridade de Abraão, tão numerosa como as estrelas dos céus. É Ele o povo santo de Deus — a Jerusalém celeste.

Ele é também o verdadeiro alimento do povo de Deus. Ele é o verdadeiro maná (Jo. 6), a fonte da água viva (Jo. 4), o vinho delicioso das bodas (Jo. 2) e a carne suculenta. É Ele a verdadeira terra, onde corre o leite e o mel. Ele é, finalmente, Aquele verdadeiro cântico que é digno de Deus e que aplaca o coração de Deus perante as misérias dos homens. É Ele, em seu Corpo Místico, a humanidade restaurada, toda contida no Verbo, que canta eternamente o Louvor do nosso Deus.

## três refeições com Jesus ressuscitado

Não quero terminar sem apresentar aqui as refeições de Jesus depois de ressuscitado. Por elas, podemos contemplar como Jesus, hoje, se une a nós de uma maneira tão amiga, tão íntima e tão simples, afinal.

### a ceia de Emaús

Em primeiro lugar, notemos que os discípulos de Emaús «O reconheceram» ao partir do pão! A caminho de Emaús iam dois discípulos do Senhor. «Enquanto iam conversando e discorrendo entre si, Jesus aproximou-se e caminhava com eles. Mas os Seus olhos estavam como que vedados e não o reconheceram» (Lc. 24, 15-16). Jesus entrou na conversa: iam muito desanimados, porque o seu mestre tinha morrido. «Ó homens sem compreensão, — interpelou Jesus, — como sois tardos de coração para acreditar no que disseram os profetas!... E começando por Moisés, percorrendo todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava dito em todas as Escrituras. Aproximaram-se da aldeia para onde iam e Jesus fez tenção de passar adiante, mas eles forçaram-no a parar. — «Fica connosco, já é tarde e já declinou o dia». Entrou então com eles. Aconteceu que, estando todos sentados à mesa, tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e deu-o a comer. Então se lhes abriram os olhos e o reconheceram. ...Diziam então um para o outro: Não é verdade que se nos abrazava o coração, quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?» (Lc. 24, 25-32).

É muito provável que esta refeição seja uma celebração Eucarística. Na verdade, a expressão «partir do pão» é posta na boca dos dois discípulos, por S. Lucas, que, nem é hebreu, nem escravo para para os hebreus. Não se deve por isso entender «o partir do pão», como uma refeição normal dos judeus, mas como uma refeição eucarística, pois é neste sentido que S. Lucas apresenta esta expressão, tanto no Evangelho como nos Actos dos Apóstolos. É interessante verificar que Jesus lhes serviu primeiro o alimento da palavra: «explicava-lhes o que dele se achava dito em todas as Escrituras... Não é verdade que se nos abrasava o

coração pelo caminho, quando ele nos falava»?; e ao chegar a casa deu-lhes o alimento do pão que fez com que eles O reconhecessem: «Abriram-se-lhe os olhos...»

**a paz seja convosco**

«Jesus apresentou-se no meio deles e disse: A Paz seja convosco! ... Tendes aqui alguma coisa para comer? Eles então lhe apresentaram um pedaço de peixe assado e um favo de mel. Ele pegou e comeu à vista deles» (Lc. 24, 36 e 41b-43). Jesus aparece como portador da Paz. Tinha-se já operado a maior prova de Misericórdia de Deus; agora, Jesus comprazia-se em oferecer aos seus discípulos os dons do Seu Sacrifício. S. João conta-nos que, «oito dias depois, estavam os seus discípulos outra vez no mesmo lugar, ... veio Jesus, pôs-se no meio deles e de novo disse: A Paz seja convosco!» (20, 26). Sempre a mesma dádiva da Paz! Narra-nos também S. João, que Jesus soprou sobre eles diezndo: «Recebei o Espírito Santo». Este é o dom total, adquirido por Cristo na Sua Ressurreição e que há-de levedar a nova massa do Reino de Deus.

**a refeição na margem do lago de Tiberíades**

Há ainda uma última refeição, que nos encanta pelo seu realismo de simplicidade. A proximidade que estabelece entre Jesus e os discípulos pode bem comparar-se à que existe no presépio de Belém. Jesus demonstra o seu afecto muito humano aos seus discípulos, com uma refeição muito simples.

Alguns apóstolos tinham andado a pescar durante toda a noite, sem nada terem encontrado. De manhã, apareceu um homem na praia, que meteu conversa com eles. Disse-lhes que deitassem a rede para o outro lado. Os bons pescadores, lá tornaram a deitar as redes, mas desta vez ficaram radiantes de alegria: a rede vinha carregada de peixes. João disse logo ao ouvido de Pedro: «É o Senhor...» E Pedro, no seu amor sempre espontâneo e grande, «tomou uma túnica e deitou-se à água» para ir ter com Jesus. A barca aproximou-se e os outros arrastaram a rede para a praia. Tinha sido uma boa pesca: «153 grandes peixes»! Mas a parte mais bela deste quadro é a surpreza agradável que os póstolos tiveram ao chegar à praia: «Ao saltarem em terra, viram umas brasas preparadas e um peixe em cima delas e pão ... Disse-lhes Jesus: Vinde e almoçai» (Jo. 21, 1-19).

★

O Senhor é meu pastor, nada me falta,
Em verdes prados me faz repousar.
Conduz-me junto às águas refrescantes,

Refaz a minha alma.
Leva-me por rectos caminhos,
Por amor do Seu nome.
— Ainda que eu atravese um vale tenebroso,
Nada temerei, pois estais comigo.
Vosso bordão, vosso cajado,
São o meu amparo.

Preparais a mesa para mim
À vista dos meus inimigos.
Ungis de óleo a minha cabeça,
Transborda a minha taça.

Graça e misericórdia me hão-de seguir
Por todos os dias da minha vida
E habitarei na casa do Senhor
Por toda a amplidão dos tempos.

Salmo 22 (Hebr 23)

## BIBLIOGRAFIA

Dictionaire de la Bible
Dictionaire Encyclopédique de la Bible
Vocabulaire Biblique
Dictionaire d'archéologie biblique
Vocabulaire de théologie biblique
Bible et Liturgie — J. Daniélou
Lumière et Vie — Le repas d'Émaús

# verdade e pobreza: fontes da vida de equipa

P.E BOUCHARD
Fils de la Charité

NO último dia da nossa reflexão em comum, vamos tentar retomar os grandes temas abordados esta semana, isto é, a vida de equipa, a revisão de vida, a pastoral de conjunto, para vermos como estes temas são essenciais quer na vida sacerdotal, quer na nossa preparação para a vida sacerdotal, no seminário.

**a vida de equipa não é em primeiro lugar uma técnica**

É necessário, antes de mais, que nos ponhamos de sobreaviso contra o grave perigo de julgar e falar da vida de equipa, da revisão de vida, da pastoral de conjunto, das relações humanas quer pastorais quer espirituais, ùnicamente no plano técnico ou sobretudo no plano técnico.

A primeira questão não é o «como»: O que é que falta na paróquia? Que deve fazer um padre pela sua equipa? O que é que falta no seminário para fazer equipa? Como é que se faz equipa no seminário? Se começarmos por estas perguntas está tudo perdido e nunca se chegará ao fim desejado. Só há um caminho para pôr o problema e reflectir nele com profundidade. É perguntar: Porquê fazer equipa? O que é essencial na vida de equipa?

---

Conferência em Paris. Julho de 64, num congresso de seminaristas

Por que é que ela é necessária? Porquê a revisão de vida? Porquê uma pastoral de conjunto? Só depois disto se deverá encontrar o «como» e adaptá-lo consoante os lugares. Eis porque hoje me não debruçarei sobre as maneiras de constituir equipa ou sobre a descrição do que é uma equipa.

No fundo, porquê a equipa? Porquê a revisão de vida? Porquê a pastoral de conjunto? Que relação tem isto com o Evangelho e com Cristo? Até que ponto tudo isto são coisas essenciais?

No próprio âmago do «porquê» da vida de equipa, da revisão de vida, da pastoral de conjunto, há, por vezes erros de apresentação e de apreciação: não raro o problema é mal posto. Mesmo entre os responsáveis da Igreja, tive a impressão de que o mais das vezes se não ia ao fundo das coisas. Assim, ao sentirem que um certo número de padres não são felizes, pensam uns: «permitamo-lhes que vivam em equipa, poderão expandir-se melhor». Outros, sentindo que vários padres põem de lado a reflexão e fazem uma pastoral sem profundidade, dizem: «Suscitemos equipas, os padres reflectirão em conjunto e a sua pastoral será eficaz».

É certo que, quando os padres vivem uma verdadeira vida de equipa, encontram nisso uma felicidade profunda, a felicidade de serem pais, a felicidade de serem irmãos bem unidos, de pertencerem a uma célula viva da Igreja. É certo também que os padres, conjugando os seus esforços numa autêntica vida de equipa, dão à sua pastoral uma nova eficiência.

Mas se ficássemos nestes objectivos esqueceríamos o fim principal da vida de equipa e correríamos o risco de nos perdermos no labirinto dos pequenos meios e dos pequenos truques dos «como». «Como fazer equipa?» «Como?»... E isto é secundário.

**porquê fazer equipa?**

Antes de mais é necessário formular a pergunta: porquê fazer equipa?

Creio que só há uma resposta: É preciso fazer equipa para sermos verdadeiros na nossa vocação, para permanecermos verdadeiros perante o Evangelho. É preciso fazer equipa para encontrarmos hoje Cristo vivo no Seu Corpo Místico. Em suma, a equipa, como, aliás, todo o aspecto comunitário do sacerdócio, impõe-se por uma única razão: o viver entre nós, padres, na nossa vida, nos nossos actos, o Evangelho que anunciamos com a palavra, com a pregação, com os sacramentos, com os contactos apostólicos. Não é, primordialmente, uma questão de felicidade ou de eficácia, mas de verdade.

Desde que se viva esta verdade, então encontra-se a felicidade e a eficácia.

Não pretendo afirmar que não importa que os padres sejam felizes e a pastoral eficaz; mas esta não será eficaz e nós não seremos felizes senão na medida em que nos sentirmos profundamente inseridos no Corpo Místico de Cristo, profundamente inseridos no Evangelho que temos para viver. Uma das grandes dificuldades dos sacerdotes, pelo menos em França, situa-se no plano da verdade de vida. Padres que vivem sós, sem vigor suficiente, levam uma vida fechada, separados dos outros padres e acabam por sentir em si, a pouco e pouco, uma espécie de atitude falsa. São obrigados a pregar todos os domingos o Evangelho integral, o Evangelho de Cristo tal como ele é, com todo o seu carácter de absoluto e sentem que, na sua vida, após o entusiasmo do início do seu sacerdócio, se vai formando um abismo entre o que dizem e o que fazem. Se em alguns padres parece por vezes, minguar o entusiasmo, não devemos acreditar muito nisso ou ficar deprimidos porque quase sempre a origem é esta: eles sentem que as suas palavras se tornam falsas.

Compreendei. Um padre de boa fé — a grande maioria dos padres vive de boa fé — que ao Domingo é obrigado a dizer: «amai-vos uns aos outros», «é preciso que vos entendais no bairro», «é preciso que vos ajudeis», este padre, que não ignora que os seus paroquianos sabem que ele não está de boas relações com tal padre vizinho, que os padres da região quase nunca se encontram, que não há nenhuma pastoral comum, como quereis que ele não seja infeliz? Pede aos outros o que os outros sabem que ele não faz!

Eis, a propósito, um facto, infelizmente terrível, mas que me impressionou bastante visto tratar-se de um padre que conheço muito bem.

Um dia, quando estava no Kremlin-Bicêtre, vindo a Paris em viagem, encontrei esse padre: «Que fazes aqui em Paris? — Oh, vim-me embora... miséria... — Que te aconteceu? Onde almoças? — Não sei. — Vem ao Kremlin-Bicêtre, comeremos juntos». Não fui capaz de dizer aos coadjutores quem era este padre. Como era hábito, durante a refeição, todos falavam, gracejavam, dialogavam, o ambiente era de facto bom. Ele, estava profundamente triste. Acabada a refeição, diz-me: «precisava de falar contigo». Então, espontâneamente: «Claro, tu bem vês, este entusiasmo também o tive nos primeiros dias do meu sacerdócio. Mas, no primeiro domingo, quis prestar um serviço ao meu pároco. Levantei-me mais cedo de manhã para ir acender as luzes da igreja e quando o pároco apareceu, apagou tudo e disse-me: «Há-de aprender que aqui

não é o coadjutor que acende as luzes da igreja, mas o pároco». Depois, isto continuou. Nunca mais nos entendemos. Disse para comigo: «Tu és um mentiroso»; passei meses a dizer-me assim: «tu és um mentiroso». Um dia tive dificuldades com as crianças, outro com as raparigas; agora... para aqui vim. O meu sacerdócio está perdido. Já não posso sair desta situação». E ele acrescentou: «Tu vês, se tivesse tido no início uma equipa como aquela, oh! seria certamente como vós».

**o que é uma equipa?**

Se me perguntassem: «O que é essencialmente uma equipa? O que é essencialmente a revisão de vida?, ainda que me pareça difícil uma definição, creio que diria: «Uma equipa é uma célula viva de Cristo, e viver em equipa é viver a alegria formidável de pertencer a esta célula viva do Corpo de Cristo, do Corpo actual de Cristo». Tudo o mais depende disto. Assim, entre padres, viver em equipa é tentar, em conjunto, viver na nossa acção e aos olhos do mundo, as palavras que anunciamos no ministério.

Eis a razão porque viver em equipa me parece em primeiro lugar uma questão de verdade. Por isso dela depende a alegria do padre. Se alguém sente que faz todos os esforços que pode para, em conjunto, dar testemunho do Evangelho de Cristo, é feliz, ainda que isso lhe custe, porque sente que está a ser verdadeiro. Esta felicidade provém da verdade com que tenta em conjunto adquirir uma mentalidade evangélica.

A eficácia tem, igualmente, aí a sua origem... Uma verdadeira equipa é, por si mesma, missionária.

Poder-se-ia dizer exactamente a mesma coisa da pastoral de conjunto porque a pastoral de conjunto não é, em última análise, outra coisa senão uma vida de equipa em ponto grande, seja à escala de uma região, seja à escala de uma diocese ou de um país. Vigora, por isso, o mesmo princípio que na vida de equipa: uma atitude comum, um testemunho comum, numa região, numa diocese ou num país.

**palavra de Deus e revisão de vida**

A revisão de vida é, igualmente, uma questão de verdade. Deus fala-nos, mas — notemos bem — muitas vezes não escutamos senão uma parte da Palavra de Deus. Como é que Deus nos fala? Principalmente de três modos. Através dos nossos superiores, isto é: pelos Bispos, pelo Papa; através da Bíblia; e igualmente nos fala pela vida do Corpo Místico que nos rodeia, de modo especial pela célula da Igreja local em que estamos providencialmente inseridos: a nossa equipa.

Há uma complementaridade, uma harmonia nestes três modos usados por Deus para nos falar. Muitos erros fundamentais advêm do facto de se restringir a Palavra de Deus a um modo único de expressão. O protestante só quer ouvir a palavra de Deus escrita. O integrista só dá atenção à palavra da hierarquia. Aquele que não ouve senão a palavra viva «prática» de Deus, corre o risco de ser acusado de modernismo ou de americanismo.

A obediência verdadeira e total à vontade e à palavra de Deus é constituída por uma tríplice obediência: a Deus que nos fala na Bíblia, a Deus que nos fala pelos superiores, a Deus que nos fala pela Igreja local especialmente pela nossa equipa fraternal. A revisão de vida é o chamamento dirigido a esta pequena célula do Corpo Vivo de Cristo em ordem a ajudar-nos a ver clara e concretamente, na obediência filial às directrizes e ensinamentos da Igreja, aquilo que Cristo espera de nós.

Quando há oposição entre estas obediências, prevalece a obediência aos superiores; este primado deve ser leal, total, sem por isso asfixiar a vida normal da célula base da Igreja que é a célula local a que pertencemos que nos deve ajudar a descobrir a vontade de Deus nos acontecimentos. No interior duma hierarquia de obediência há uma complementaridade.

É por isto que a revisão de vida tem de ser preparada. Assim, antes da revisão de vida, parece-me muito importante um tempo grande de oração para perguntar ao Senhor: «Que problemas me devo pôr perante a minha vida? Que problemas tenho para pôr perante esta célula viva do Corpo de Cristo que me vai ajudar a encontrar aquilo que Cristo espera de mim?»

Eis o porquê? o «porquê» da equipa, o porquê da revisão de vida.

Entremos agora no «como».

**como fazer equipa?**

Creio que só há uma resposta.

Ao «porquê» respondíamos: A equipa é uma questão de verdade. Como formar equipa?... É preciso procurar no Evangelho. É impossível responder por métodos, por truques que podem mudar de uma região para outra, que têm de se adaptar às mentalidades (compreende-se que uma revisão de vida em Espanha ou em Portugal não seja nada parecida com as que se fazem em França) mas é preciso ter uma paixão comum por Cristo que nos faça encontrar os meios na única verdade do Evangelho. Aí é que está a atitude comum.

Qual é essa verdade do Evangelho? — A própria atitude de Cristo... atitude de pobreza.

Eis, para o tempo do seminário, a chave da preparação para a vida de equipa.

**na escola de Cristo**

Tentemos pois escutar, observar Cristo.

Em primeiro lugar, que nos diz Ele? Como é que Ele tenta formar equipa? Como é que Ele reúne os homens? Qual é a sua atitude, pessoalmente? Tentemos imitá-lo nos Seus actos. Ele é o modelo perfeito.

Cristo diz-nos: «Felizes os pobres de coração, deles é o Reino dos Céus». O Reino dos Céus é o momento em que a equipa se há-de encontrar perfeita. Qual é a chave desta equipa perfeita do Reino dos Céus? — Corações de pobres. Felizes os pobres de coração, só eles são capazes de formar equipa. E então pode tomar-se tudo o resto: «Felizes os pacíficos, os que lutam pela justiça...» Todas as Bem-aventuranças se resumem num apelo à pobreza, Pegai no Evangelho em todas as páginas: «O primeiro de vós será o servidor dos outros» — «Eu não vim para ser servido mas para servir» — «Hão-de reconhecer-vos, não se fordes sábios, mas se vos amardes uns aos outros» — «Todas as vezes que dois ou três se reúnem em meu nome. Eu estou no meio deles». No meio deles: Célula viva.

Eis o que Cristo diz. Isto parece-me absolutamente claro. Mas vejamos o que Ele faz, como se comporta em face das pessoas, como as une, como as constitui em equipas, como as reúne na sua Igreja.

Cristo não só fala de pobreza de coração, mas age como pobre. Cristo nunca é um rico que imponha a sua ciência, o seu passado, as suas teorias. Procurai um só passo do Evangelho em que Cristo imponha as suas doutrinas pessoais enquanto que nós, padres... Como Cristo é pobre e como nós somos ricos!

Poder-se-ia dizer que há duas atitudes complementares em Cristo, sempre que encontra um pecador, alguém que Ele quer «unir».

**abertura de coração**
**e presença ao outro**

Antes de mais, Cristo está aberto a toda a gente. Não tem o seu grupo de companheiros; não existem para Ele os que pensam como ele e os outros que não pensam como ele, que são seus adversários. Está aberto aos Judeus e aos estrangeiros, fala com os romanos, com os samaritanos, mesmo com risco de escandalizar. Aceita ser convidado para refeições com os fariseus, fala com Ni-

codemos, não levanta barreiras, está aberto mesmo aos que lutam contra ele. Está disponível tanto para as crianças como para os doentes, tanto para os ricos como Lázaro, como para os pobres. Tem muitos contactos com os praticantes, mas também os tem com os pecadores, por mais afastados de Deus que eles possam estar, não julgando, não classificando ninguém. Cristo não se pertence, dá-se inteiramente seja a quem for que se lhe apresente. A primeira atitude de Cristo é uma atitude de pobreza.

Em segundo lugar, Cristo está profundamente atento, desde o primeiro instante, ao que há de nobre naquele que O aceita. Nunca recusa. Parte sempre do que há de bom no outro para o converter. Olhai-O com os pescadores do lago. Porquê esta pesca miraculosa? Para dizer em seguida: «Deixai o peixe estragar-se, vinde comigo»? A priori poder-se-ia pensar que Cristo teria feito muito melhor se tivesse feito um grande milagre, curado um doente, convertido um grande pecador. Isto estaria muito mais na linha da sua missão. Então porquê este milagre? Para ir ao encontro destes pescadores no que eles tinham de bom, o amor ao seu trabalho, o seu valor de pescadores. Vibra com eles, confunde-os, caminhando ao seu encontro para os chamar, para os levar consigo para a missão. Sinal de pobreza do coração de Cristo, saindo de si próprio, reunindo estes pescadores no seu próprio ambiente, nessa coisita tão insignificante: o amor pelo seu trabalho.

Do mesmo modo, considerai Cristo e a Samaritana. Quem é esta mulher? Compreendemos: Tem cinco maridos, uma vida depravada, mas um coração prestável e generoso. Não vai ela à fonte buscar água para os seus? Não a dá logo a Cristo que lha pede? Imediatamente o diálogo se estabelece. E se Zaqueu, o traficante, o explorador, quer ver o grande profeta de que se fala, não haverá ainda um pequeno sentimento religioso no fundo do seu coração? Cristo vai atear este pequeno tição que ainda fumega: «Tu queres ver-me... Eu irei a tua casa». E Zaqueu converteu-se totalmente porque Cristo soube acordar nele o que nele havia de melhor.

Maria Madalena é uma pecadora, uma mulher pública apontada por todos. Arrepende-se de ter utilizado mal essa sede de amor que está em si e quer ser perdoada. Vai perto de Cristo. Ele compreenderá? Não será desasado ir ter com ele a casa de Simão, esse fariseu repreendedor dos erros? Que importa! Cristo acolhe-a, Cristo compreende-a: «Ser-te-á perdoado muito Madalena, porque amaste muito».

É uma lei do Evangelho. Cristo não fica no pecado, no que há de mau nas pessoas, não as julga na sua falta. «Aquele que não tiver pecados que lhe atire a primeira pedra» Ele acolhe, perdoa, entra em comunhão com o que é bom, belo e verdadeiro no

outro, com aquilo que é no outro presença de Deus; em suma, dá-se. Acolher, perdoar, dar-se não é ser pobre? Ninguém fez isto melhor do que Cristo, o Pobre por excelência.

O que Cristo nos ensina com isto é que amar, e portanto fazer equipa, não é sobretudo uma questão de método, mas uma questão de coração. Não se pode amar da maneira a que o Evangelho nos convida se não se tem um coração de pobre. «Bem-aventurados os pobres do coração porque deles é o Reino dos Céus», não é uma palavra de Cristo sem significado. Amar é abordar todo o homem como um rosto único e inimitável da plenitude de Jesus Cristo. Enquanto não descobrirmos o que há de bom num homem, não podemos amá-lo. Enquanto não descobrirmos aquilo em que um homem é um rosto, um reflexo único e inimitável da plenitude de Jesus Cristo, não amamos ninguém, ou melhor, amamo-lo como homem, não o amamos como Cristo, não o amamos como filho de Deus, como irmão de Cristo, salvo pela Paixão de Cristo. Para amar alguém é necessário, antes de mais, ter um coração de pobre.

Parece-me uma das primeiras coisas a adquirir no Seminário este coração de pobre, que tem como primeira paixão descobrir que todos os homens são, à sua maneira, um reflexo, uma face da plenitude de Cristo.

Eis a eterna pergunta a pôr-se nos vossos Seminários ou em qualquer outro lugar onde estiverdes: — Tentais encontrar Cristo na pessoa de todos os que vos rodeiam? (1) Cristo diz-nos: «Se amais sòmente os vossos amigos... os pagãos também fazem assim». O sinal do cristão é encontrar Cristo naquele que está mais afastado dele. Creio que é Papini quem afirma: «no dia em que um homem pegar no punhal para te matar e tu não tiveres coragem para o amar, não és cristão». Com maioria de razão isto é verdade num seminário. Tendes a paixão de descobrir Cristo naqueles que, no seminário, pensam diferentemente de vós? Se puderdes responder sim, então podeis ter a certeza de que estais preparados para formar uma equipa pois tendes um coração de pobre como Cristo. Antes de qualquer outra coisa, é isto o essencial.

**fariseus de ontem e de hoje**

Poderá objectar-se: «Como se compreende que Cristo tenha contrariado e lutado tão duramente contra os fariseus, a ponto de lhes chamar «raça de víboras, sepulcros caiados de branco», a eles que eram religiosos, crentes e praticantes?» É que os fariseus cometiam o maior dos pecados: o que vai contra a pobreza de coração. Não eram capazes de amar todos os homens: «Não sou como este publicano que está ao fundo da igreja; eu faço isto, eu faço aquilo...».

O pecado dos fariseus consiste em não querer ver Cristo, em não aceitar ver Deus presente nos seus irmãos, e é porque estão fechados no seu orgulho, que Cristo experimenta lutar contra eles; é para quebrar os grilhões da sua prisão e para lhe abrir o coração a uma pobreza que lhes permita amar.

É necessário reflectir nesta atitude de Cristo para com os fariseus e daí tirar proveito para a nossa própria vida, porque há um perigo que ameaça o nosso sacerdócio: o sectarismo clerical. Propomo-nos como primeiro objectivo impôr os nossos métodos, fundar o nosso reino, querer fazer algo de diferente do que fazem os outros, antes de contemplar Cristo a agir nos outros. Nós, padres e seminaristas, arriscamo-nos a ser os fariseus do século XX e a sermos julgados como tais.

Se um seminarista, «Filho da Caridade» me viesse dizer: Não há dúvida nenhuma que o clero está abaixo de tudo, mesmo as ordens religiosas têm falta de lucidez, de dinamismo apostólico; só os «Filhos da Caridade» são bons missionários». Ainda que se tratasse de um rapaz rico de vida espiritual e o primeiro do curso, que é que eu havia de dizer? — Poria imediatamente em dúvida a sua vocação sacerdotal, porque uma das primeiras condições do sacerdócio é exactamente querer ver Cristo a trabalhar nos outros, mesmo que nos pareça que as pessoas que Cristo escolheu para trabalhar, o fazem numa linha diferente da nossa.

Se só pudesse dizer uma coisa a uma equipa acabada de chegar a um país novo, diria: «Sede os servidores da Igreja local, não só nos vossos actos, mas também na vossa oração. Uma equipa de padres tem de ser, antes de tudo, contemplativa, para ver como Cristo age à sua volta». Se chegarmos a um país e quisermos fazer algo de novo sem ter em conta a maneira como Cristo, desde há séculos, vive nele, nessa altura, seremos fariseus. Para onde quer que vamos é preciso saber que Cristo aí trabalha há séculos. Chegar e, irreflectidamente, dizer logo: «é preciso que isto mude, eu cá tenho os meus métodos», é fazer sectarismo clerical, é fazer hoje fariseísmo. Cristo trabalha muito antes de nós. O missionário é, primeiramente, aquele que contempla Cristo que já está presente antes dele.

No nosso corpo sacerdotal há, por vezes, pessoas que têm como primeiro ideal, não a colaboração com a Igreja, mas o lançarem-se sòzinhas ao trabalho. Pessoas destas encontram-se por toda a parte. Chega-se por vezes a absurdos como este: Congregações religiosas que desprezam o clero secular e uma parte deste que despreza as congregações religiosas. Se Cristo estivesse no nosso lugar agiria assim? Não se está, porventura, ao serviço da mesma causa?... Terríveis fariseus! No fundo, há por trás de tudo isto

uma espécie de orgulho em alcançar bom êxito sòzinho, querendo passar sem os outros. O próprio Cristo não quis passar sem a Samaritana, sem mulheres públicas, para o seu Evangelho. O próprio Cristo foi pobre até ao ponto de se tornar servidor dos mais pequenos. E nós? Quem somos nós? Outros Cristos ou outros fariseus? Poderemos dizer que fazemos um trabalho de Igreja?

Se tivesse alguma coisa a dizer a uma equipa de «Filhos da Caridade» que chegasse a uma diocese, seria: O bispo da diocese a que chegais é o chefe dessa diocese: é quem ali representa Cristo. Contemplai-O nesse bispo... Cada um dos padres seus cooperadores, seculares ou religiosos, pouco importa a etiqueta, é uma imagem particular de Cristo. Experimentai contemplá-Lo Vivo neles... Os pobres que virão ver-vos, trazer-vos-ão um pedaço do Evangelho. Cada um é uma figura particular de Cristo. Fazei por contemplar e encontrar neles o Evangelho... mesmo naqueles que vos hão-de combater. Podem ser militantes comunistas ou anticlericais. No fundo da sua alma há, por certo, alguma lealdade. Enquanto os não tiverdes compreendido no fundo da sua lealdade, mesmo humana, e no que eles têm de bom, ser-vos-á impossível convertê-los. Eles nunca quererão converter-se recuando. Não é possível converter alguém senão avançando... Ser missionário é ver o coração de Cristo presente em todas as pessoas. Se assim for já não há lugar para sectarismos. Estes começam quando, no lugar de Cristo, coloco as minhas ideias, a minha maneira de fazer, as minhas concepções. Em suma, o fariseu é aquele que substitui Deus, que substitui Jesus Cristo pela sua própria pessoa.

A riqueza de uma diocese, a riqueza de uma Igreja local, é ter o maior número possível de padres que colaborem de modo original. É aí que uma equipa de «Filhos da Caridade» tem o seu lugar. Cada um tem de trazer um novo matiz, uma nova riqueza O que se fecha, dizendo: «Não há ninguém além de mim, não há senão esta maneira», seja religioso ou secular, condena-se antecipadamente. Priva-se da descoberta duma parte de Cristo. Encontrando uma colaboração, uma abertura a métodos diferentes e a pessoas que pensam diferentemente de nós, poderemos descobrir mais rostos complementares de Cristo e, cada vez mais, o Cristo completo.

Há uma espécie de monolitismo em querer fazer tudo sòzinho, o que é, em última análise, uma atrofia. Não sendo suficientemente abertos uns aos outros, mutilamos o Corpo de Cristo. Creio que nisto reside um cancro do sacerdócio actual que torna dificílima a vida em equipa.

Em toda a parte há padres mais idosos, que pensam de modo diferente dos padres mais novos. Só de uma maneira lhes podereis provar que tendes razão: É fazê-los sentir que os amais, que sois pobres, que os compreendeis nas suas dificuldades, que sois mais atentos a eles do que eles o são a vós.

Se, entre os padres, as maneiras de ver são como facções políticas que se disputam, não se avançará, pois só o amor transforma o coração do homem. Os padres idosos podem mudar de métodos sòmente na medida em que sentem que os padres mais novos os amam, os compreendem, são atentos e pobres em relação a eles, mais do que eles o são em relação aos mais novos. É uma questão de amor! O mundo pertencerá, não aos que tiverem formulado mais teorias ou aos que tiverem feito mais organizações mas aos que tiverem amado mais... A um padre que lhe contava as suas dificuldades com o pároco um missionário do trabalho perguntava: «Ama-lo verdadeiramente?» Tudo reside nisso. Meditai bem nesta palavra de S. Paulo: «Luta contra o Mal ùnicamente pelo Bem». Isto é imensamente grande e ao mesmo tempo imensamente profundo. Sòmente o amor faz mudar os homens e só a pobreza conduz à conversão!

Ao terminar, queria tornar a dizer-vos: O tempo de seminário é capital no ponto de vista do compromisso sacerdotal. Nestes últimos dias, alguém afirmava: «É difícil formar equipa no seminário porque nós ainda não estamos empenhados nisso...» Atenção! Não confundir esse empenho com o espectacular! É mais espectacular estar numa paróquia, ser delegado sindical numa fábrica, lutar num partido político. Mas o espectacular não é forçosamente o sinal da importância profunda das coisas. Olhai para os padres... Numa vida sacerdotal, o que é mais importante é o tempo de seminário e os primeros anos de sacerdócio. O vosso empenho mais pesado e mais importante, que determinará mais a vossa atitude sacerdotal, e que, portanto, determinará, também, os militantes que tereis de formar, as paróquias em que tereis de pregar talvez durante quarenta, cinquenta ou sessenta anos, é o coração de pobres que tiverdes sido, é a expectativa aberta, a atitude de amor em que tiverdes sido habituados, em que tiverdes sido formados durante os anos de seminário e os primeiros anos do vosso sacerdócio. Se não fizestes, então, este trabalho, já não tereis tempo de recuperar, pois já estais construídos. O empenho de seminário não é o mais espectacular, mas é o mais importante, porque a verdadeira vida sacerdotal depende muito dele.

Por fim, deixo-vos dois sinais, que me parecem ser essenciais na preparação de uma vida de equipa. São duas perguntas que vos deveis propor:

1. Toda a gente estará contente em minha casa? Na minha vida sou acolhedor para com todos os homens, qualquer que seja o seu modo de pensar, o seu passado, quaisquer que sejam os seus pecados, a sua classe e a sua maneira de ver? Tenho um coração pobre e fraternal como o de Cristo?

2. Aceito converter-me, contemplando Cristo a agir nos meus irmãos? Sou um fariseu, com um método feito para a vida eterna ou sou um membro de Cristo, vivendo e comungando da vida de Cristo em todos os homens, para que se convertam e para que, cada vez mais, sejam uma imagem, o mais perfeita possível, do próprio Cristo?

Se puderdes responder «sim» a estas duas perguntas, então não estejais inquietos... Podereis fazer equipa.

**O que se fecha, dizendo: «Não há ninguém além de mim, não há senão esta maneira», seja religioso ou secular, condena-se antecipadamente. Priva-se da descoberta duma parte de Cristo. Encontrando uma colaboração, uma abertura a métodos diferentes e a pessoas que pensam diferentemente de nós, poderemos descobrir mais rostos complementares de Cristo e, cada vez mais, o Cristo completo.**

# a renovação litúrgica

- TESTEMUNHO
- INQUÉRITO

No dia 7 de Março, entraram em vigor as normas para aplicação da Instrução acerca da sagrada liturgia. A renovação litúrgica deu mais um passo decisivo, principalmente com a introdução do vernáculo. Como irá reagir o povo cristão?

Três atitudes nos parecem possíveis:

— indiferença e mesmo hostilidade, por incompreensão
— acolhimento tanto melhor quanto o povo está esclarecido neste momento
— entusiasmo dos que, tendo já sentido a necessidade da reforma, põem nela a esperança duma renovação de toda a vida cristã.

É para esta última atitude que se deve orientar o povo cristão. Simplesmente, ela só é possível a uma comunidade prèviamente preparada, que gradualmente foi levada a essa necessidade e que, através de algumas experiências concretas, tenha apreendido a eficácia prática da renovação.

Tentaremos aqui uma rápida análise da reforma, procurando perceber a sua necessidade. Falaremos igualmente da experiência de algumas paróquias que, tendo já iniciado a preparação das respectivas comunidades, poderão fornecer-nos linhas de acção aplicáveis a outras comunidades porventura alheadas ainda deste movimento.

## 1 TESTEMUNHO DE UMA EQUIPA DE LEIGOS

De como surgiu esta necessidade, nada diremos, que não é assunto da competência dum leigo não formado em questões teológicas ou pastorais.

Parece-nos que, no esforço que o Corpo Místico está fazendo para se adaptar ao mundo moderno, a renovação litúrgica aparece como consequência directa: se a liturgia é linguagem, forçoso lhe é adaptar-se às realidades de que é expressão. Numa sociedade em que todos os quadros se transformam, em que a urbanização e industrialização fazem rebentar as estruturas tradicionais, em que, finalmente, se processa e realiza a cisão profunda entre o mundo do trabalho e a Igreja, esta sentiu a necessidade de se renovar, para poder mostrar ao homem moderno a actualidade do Evangelho. Esse testemunho só podem dá-lo cristãos de fé esclarecida e adulta, cuja cultura religiosa atinja pelo menos o nível da cultura profana de cada um. Como proporcionar a todos os cristãos o acesso a um mínimo de cultura religiosa? Naturalmente que o meio mais eficaz, porque o único susceptível de atingir todos os cristãos praticantes, é a parte catequética da Missa. Simplesmente, o uso do latim como língua obrigatória, anulava esta oportunidade. Durante algum tempo, tentou-se contornar esta dificuldade por vários modos. Primeiro, incitando os fiéis a seguirem as leituras pelo missal, o que constitui um modo imperfeito de participação; depois, a leitura em vernáculo feita por um membro da assembleia, enquanto o celebrante lia em latim os mesmos textos, operando-se deste modo uma distância entre a assembleia e o celebrante que pareciam fazer coisas diferentes. De facto, a assembleia cristã «assistia» à Missa, da qual lhe iam explicando umas coisas de maneira mais ou menos vaga, condescendendo-se nalguns casos em traduzir-lhe a Epístola e o Evangelho.

A proclamação da Palavra divina tem, como vimos, importância central nas celebrações litúrgicas; a liturgia serve-se, porém, de outros meios de expressão que são os gestos. Também estes constituem hoje objecto de uma depuração no sentido de torná-los compreensíveis e isentos de qualquer semelhança mágica. Um homem de fé adulta exige um culto autêntico em que possa perceber os gestos que realiza, dando-lhes uma significação. Esta busca de autenticidade exige, por exemplo, que um diálogo seja um diálogo — daí a necessidade de participação activa nas celebrações. Na mesma linha, se a Missa é uma refeição, é para que todos comam — daí a necessidade de que todos os participantes comunguem e, assim, realizem a unidade que a sua reunião significa. Se a Missa realiza a unidade em Cristo, é necessário que os cristãos vivam uma vida comunitária, ao nível da paróquia ou outro.

Uma fé adulta igualmente rejeita qualquer manifestação de magia, e alguns gestos litúrgicos, acrescentados ao longo dos séculos

por actos individuais de piedade, têm a desvantagem de parecerem tal. Do mesmo modo, um espírito esclarecido sabe que a atitude religiosa é uma adesão livre e forte da vontade a Deus e não a vivência de uma espécie de religiosidade sentimental que muitas vezes o culto manifesta especialmente através de alguns cânticos.

Só na medida em que fôr dada ao culto a sua dignidade é que ele poderá interessar o homem do nosso tempo e levá-lo a comprometer-se numa atitude religiosa que, até aqui, ele considerou «coisa de mulheres e crianças».

★

A renovação litúrgica constituiu, como sabemos, uma parte importante dos trabalhos conciliares. A Igreja tem, pois, de empreendê-la, por todos os meios que lhe estejam ao alcance.

A uma comunidade não mentalizada para o acolhimento dos pontos concretos da reforma, esta aparecerá não como resposta da Hierarquia às necessidades do povo cristão, expressas por ele próprio, mas antes como imposição arbitrária, consequência dum autoritarismo estéril. E este movimento, cujo único objectivo é a renovação e enriquecimento da vida de caridade, não passará, no espírito desses cristãos, duma mudança gratuita, com todo o descrédito que isso comporta: «A Missa muda. A verdade não é, então, sempre a mesma.». É aliás a fórmula correspondente ao «slogan» francês: «On nous change la religion».

Ao contrário, para as assembleias cristãs que, de há algum tempo, têm sido preparadas através de homilias e debates e, principalmente, de algumas realizações concretas nas celebrações litúrgicas, as orientações da Constituição são a prova de que a Hierarquia, reconhecendo as necessidades do povo cristão, vai ao seu encontro, com um sentido perfeito de serviço.

Nalgumas paróquias de Lisboa, tentaram-se, como dissemos, experiências de que relatamos algumas, a título de exemplo.

Com o fim de dar maior seriedade aos ofícios e também ligar mais os homens às manifestações do culto, substituiram-se os meninos de coro por homens adultos, acólitos e leitores. Houve, a princípio, relutância, da parte dos homens, a quem foi difícil vencer uns restos de respeito humano, e, apesar de a experiência ter começado há três anos, o grupo de voluntários não é ainda numeroso. Por outro lado, o afastamento das crianças, que se fez, aliás, gradualmente, provocou desabafos deste género: «Mas, há pais e avós que vêm à igreja para verem os seus meninos no altar!». O certo é que a participação na Missa ganhou em seriedade e a comunidade sente-se mais activa e ligada à acção litúrgica porque

membros seus desempenham funções no altar. Nesta linha, as celebrações «versus populum», além de reforçarem a ideia da Missa refeição, reunindo todos à volta do altar, permitem ver o que se passa, prendendo assim a atenção dos membros da assembleia, que já não precisam da recitação do terço ou de leituras piedosas para justificarem a sua presença.

O ofertório é igualmente reposto no seu sentido original de caridade activa, deixando de ser aquela espécie de compasso de espera que se tentava preencher com cânticos sentimentais. A recolha das ofertas é feita por um grupo de homens que sobem em procissão ao altar, acompanhando os acólitos que levam o pão e o vinho. O pão é colocado na píxide por cada comungante, à entrada, significando, deste modo, a unidade do ofertório com a consagração e comunhão. Um pouco de organização ajudou a resolver os problemas de tempo e o resultado foi que não só muitas pessoas afirmam ser agora este um dos momentos mais densos da Missa mas o próprio montante das ofertas subiu consideràvelmente, o que prova que a comunidade compreendeu o sentido de entreajuda cristã do Ofertório.

Na proclamação da Palavra divina, igualmente desde há alguns anos se tentava contornar o paradoxo de as leituras serem feitas numa língua desconhecida pelas assembleias a quem se dirigia o ensinamento contido nelas. Um leitor lia em vernáculo a epístola enquanto o celebrante fazia a leitura em latim e, enquanto a assembleia cantava o cântico de meditação do Gradual, este lia em latim o texto do Evangelho para vir depois proclamá-lo em vernáculo. Estes autênticos truques desapareceram, finalmente. Para que a assembleia participasse nas orações, o acólito recitava o seu conteúdo em estilo indirecto.

Um dos esforços maiores de renovação tem sido feito no domínio dos cânticos, até há pouco completamente invadido por uma religiosidade doce, quando uma expressão de nacionalismo estreito lhes não retira toda a catolicidade.

Cada Missa tem os seus cânticos próprios (introito, gradual, ofertório, comunhão), tirados dos Salmos que são de inspiração divina. Porquê, então, utilizar cânticos que, além dos inconvenientes apontados, nada transmitem do sentido litúrgico do próprio do dia? Isto, para nada dizer da mediocridade das expressões literária e musical da maior parte.

Também a missão do coro tem de ser assumida numa perspectiva diferente. O coro é constituído por alguns elementos da assembleia que, por espírito de serviço, se põem na disposição de aprender a cantar os salmos, para poder ajudar essa assembleia

a louvar melhor o Senhor. Daqui decorre que a sua função não é a de fazer boas exibições mas antes oferecer uma força de apoio à comunidade que reza cantando: Igualmente não interessa que se cantem obras primas, mas melodias que, possuindo uma expressão autênticamente religiosa, sejam suficientemente simples para que as assembleias as fixem. Na ordem prática, resulta, por exemplo, adoptar uma melodia única para cada tempo litúrgico. A assembleia poderá fàcilmente cantar, visto que só vão mudando os textos das antífonas. Os textos dos salmos, a cargo do coro, convém que sejam seguidos pelos fiéis que, gradualmente, os vão cantando também. Para isso, basta colocar em cada banco algumas folhas com os textos. Deste modo, vai-se obtendo o contacto directo do povo de Deus com a Palavra divina.

Numa das paróquias em que se foram fazendo estas experiências para tornar mais vivas e participadas as funções litúrgicas, procedeu-se a um pequeno inquérito cujos resultados revelaram uma perfeita assimilação além de uma grande abertura de espírito em relação a outras realizações. Perguntou-se às pessoas, reunidas num jantar paroquial, as reformas que desejariam se fizessem em liturgia e obtiveram-se respostas deste género:

— Missa inteiramente em vernáculo
— Comunhão sob as duas espécies
— Cânon pronunciado em voz alta
— Celebrante voltado para a assembleia
— Maior importância aos cânticos

A concluir, repetimos que é urgente que a renovação não apareça como uma mudança, mas como uma evolução permitindo uma melhor vivência das verdades da fé pela melhor compreensão dos actos do culto. Isto, para evitar que, por falta de preparação, se possa chegar a afirmações como esta que nos foi transmitida — e tratava-se duma pessoa ilustrada: — «A Missa em português vai perder todo o mistério», afirmação que é a própria negação da liturgia.

(Redigido pelo arq. Filipe Lopes e esposa.)

**Foi duplo o motivo da nossa alegria ao publicarmos este artigo: foi escrito por leigos e é uma tentativa de pôr em comum uma experiência válida.**

**É possível que, ao lerem o artigo, alguns tenham sentido vários pontos falhos na experiência apresentada! Mas é da condição humana que, querendo realizar o ideal, descubramos imediatamente toda a nossa limitação.**

**Em todo o caso, estamos perante uma experiência riquíssima, com o mérito de ser das primeiras e de não pretender ser exclusiva.**

**Quando os homens se habituam ao diálogo, a descobrir o que há de bom na vida dos outros, aumentam extraordinàriamente as suas capacidades de realização.**

**É disto que nós precisamos, e é por isso que tentaremos publicar muitas reflexões sobre experiências.**

## 2 INQUÉRITO

### da carta de um irmão separado

(no próprio dia da entrada em vigor da Instrução — 7/3/65)

«Hoje segui com entusiasmo a reforma litúrgica da vossa Igreja. Adquiri a parte dialogada do Ordinário da Missa. É muito parecido com o nosso, ainda que, no português, uma frase ou outra não me soe bem. Talvez por não estar acostumado a assim ouvi-la, talvez porque não seja tão feliz. Excepto este pormenor, o facto é que a resolução é extraordinária e é razão para todos darmos graças a Deus. Aleluia! O povo vai tomando consciência que é o povo de Deus, que ele com o clero constituem a Igreja em marcha, que o leigo tem tanta responsabilidade como o sacerdote na propagação do Reino de Deus.»

### que pensa da reforma litúrgica na santa missa?

Penso que está muito bem. Agora percebemos realmente o que pronunciávamos tantas vezes em latim. No entanto causa-me uma certa confusão pois ainda não estou habituada a participar na Missa desta nova maneira.

**dona de casa**

É verdadeiramente formidável. Dá oportunidade a um papel mais activo e consciente, a uma maior participação no Santo Sacrifício. A linguagem que se fala agora é uma linguagem muito própria, muito nossa e isso creio que só traz conveniência. Por outro lado creio que nos sentimos mais em unidade, mais em Igreja, precisamente porque há uma participação mais consciente na Santa Missa. Todavia, creio, muito se poderá fazer ainda para que, à imitação dos primeiros cristãos, formemos uma comunidade impregnada dum verdadeiro espírito de caridade.

**professora de ensino secundário**

Até certo ponto não concordo muito. Parece-me que já estava habituado à «missa antiga» e deste modo custa-me a assistir à missa nestes moldes.

— Mas não concorda que falando-se a própria língua se penetra melhor o significado da Santa Missa?

• Sim, nesse aspecto tenho que concordar. Na verdade tem todo interesse percebermos os textos e as orações, coisa que até aqui nem eu nem grande parte dos cristãos tinha essa possibilidade.

**aluno do Instituto Comercial**

Comigo acontece que presto maior atenção pois percebo agora o que até há pouco não percebia. Suponho que o mesmo acontece com os outros. Afirmo até que esta reforma vem muito a propósito, além de vir muito atrasada, pois o que foi feito agora devia ter sido há muito tempo.

**contínuo na penitenciária**

«Estou plenamente de acordo. Creio que não poderá haver outra atitude. Numa época em que a Igreja procura servir e responder às exigências da vida actual essa reforma era inevitável. Na verdade não se compreendia muito bem que a Missa do século vinte estivesse eivada dum certo medievalismo como o emprego do latim (salvo nas partes inalteráveis). Pena é verificar que tanto simples cristãos como até Sacerdotes, continuem demasiado conservadores ainda, contemplando a paisagem repousadamente. No dia em que houver possibilidade, e creio que não virá longe, de juntar os cristãos em roda do altar numa participação activa e consciente, então sim, formaremos a verdadeira Igreja de Cristo, e a nossa vida «fora da Igreja» será precisamente um prolongamento da Santa Missa que é acto de amor de Jesus aos homens.»

**aluno do I.S.P.A.**

---

**da conversa com um pedreiro minhoto**

— ...E então que me diz o Senhor desta missa nova, quase toda em português?

— Sabe, de princípio estranhei! Agora temos de estar com atenção enquanto na outra missa se podiam fazer as nossas orações! E depois, isto de o «pessoal» perceber tudo, também pode não ser muito bem... parece que já nem tem tanto mistério!

— Mas não gosta de ouvir agora as leituras em português?

— Bom, isso não nego. Mas também lhe digo; se o padre não ler de maneira que se perceba, mais vale voltarmos ao latim porque assim ninguém repara! Agora daquilo: «...e contigo também» é que eu não gosto! Parece que andámos com o padre na escola. Não me caíu bem...

---

**«Ora, diga-nos...»** (do **Diário de Lisboa** de 27/2/1965)

**— Professa alguma religião? No caso de ser católico, aprova a celebração da Missa em português?**

— Não professo qualquer religião. No entanto, caso fosse católica, preferia ouvir missa em português... Quem é que compreende latim? Caso um dia me converta, gostaria de ouvir o padre oficiar em português...

**uma costureira**

— Sou católico. Sempre o fui. Concordo com a missa dita em português... Terá, assim, outro interesse. A atenção dos fiéis será captada mais fàcilmente... Não basta só a fé: o raciocínio também interessa.

**um empregado do comércio**

— Professo, sim. Sou católico. Penso que a missa devia ser celebrada em português. Haveria outra adesão... Eu, pelo menos, compreendê-la-ia melhor!

**um alfaite**

«O Primeiro Domingo da Quaresma deste ano (dia 7 de Março) constituiu sem dúvida uma data notável na história da Igreja em Portugal. Recitou-se em vernáculo pela primeira vez após séculos de uso exclusivo do latim, a parte audível da Missa, nas Igrejas Católicas Romanas do nosso País.

Nós, Católicos Lusitanos (que há 85 anos celebramos a Eucaristia em nossa língua), damos graças a Deus pela bênção que este facto encerra para os nossos Irmãos da Comunhão Romana e pela renovação espiritual que este uso não poderá deixar de trazer.

(...) Como disse um distinto membro da Comissão Episcopal de Liturgia, em seu boletim paroquial, a tradução está na fase de «rodagem». Só quem já experimentou traduzir peças litúrgicas é que pode avaliar a tremenda tarefa em que a Comissão está empenhada e quanto devemos ampará-la com as nossas orações. Eis um acto de ecumenismo espiritual acessível a todos nós, clérigos e leigos da Igreja Lusitana.»

**Do Jornal «DESPERTAR»**
**da Igreja Lusitana Evangélica**

---

«Antes da reforma litúrgica havia mais unidade na Igreja. Para mim, francesa, era uma alegria assistir tanto na França como em Portugal às mesmas cerimónias. Apesar de tudo acho a reforma uma coisa boa, embora não goste dela. Aceitando a reforma há que não esquecer tantos turistas que deveriam com facilidade encontrar Missa na sua língua. No respeitante ao canto o que me custa é agora todo o povo cantar (quem fala frequenta a Sé)! Ainda bem que os Salmos do Ofício têm de ser em latim porque só os seminaristas é que os podem cantar». Já a despedir-nos perguntou-nos se no Domingo de Páscoa a Missa era cantada lá de cima do coro — É que assim reza-se muito melhor!»

**de uma senhora francesa residente em Lisboa**


*NOVIDADE*

**AS POMBAS DA VIRGEM DE FÁTIMA**

**de Sebastião Martins dos Reis e Adriano Chorão Lavajo**

Um documentário cheio de interesse sobre as pombas que acompanham a imagem de Nossa Senhora, com muitas e elucidativas gravuras.

**30$00**

EDIÇÃO DA **UNIÃO GRÁFICA** — R. de Santa Marta, 48 — LISBOA

# livros

## la foi écoute le monde

ALBERT
DONDEYNE

*O cónego Alberto Dondeyne nasceu em 1901.*

*Formado em Filosofia e Teologia pela universidade de Lovaina, onde ensina filosofia desde 1933.*

*Têm-no preocupado os principais temas da filosofia contemporânea: o ateísmo no pensamento fenomenológico, a ontologia de Heidegger...*

*Colabora regularmente na «Revue Philosophique de Louvain».*

* * *

*(as frases a negro são do próprio livro)*

Que lugar tem o Cristianismo no mundo de hoje? quais as suas possibilidades para o mundo de amanhã? Eis o problema encarado por este admirável livro do Cónego Dondeyne, da Universidade de Lovaina.

Há entre os que estão de fora da Igreja a convicção de se encontrar cumprida a missão histórica do Cristianismo. Ele fez a Europa medieval, a Cristandade; pertence às estruturas da civilização ocidental. Mas a Europa de hoje vai rejeitando o seu passado. A autonomia dos outros povos, a progressiva unificação planetária purificam a consciência europeia do seu recente passado de continente patronal e «civilizador». A Europa dessolidariza-se do passado para construir o seu lugar no mundo de amanhã. Será o Cristianismo uma dessas coisas pretéritas? É

**Pela supressão das distâncias, a Índia, a China, o Islão, a África tornam-se próximas e reais: doravante fazem parte da nossa órbita existencial. Tudo o que o homem moderno faz de grande e valoroso fá-lo à escala mundial.**

**A problemática religiosa do séc. XX vai até às raízes da fé cristã: a religião cristã e a Igreja de Cristo terão verdadeiramente a sua origem numa intervenção de Deus?**

o que afirmam, em tons vários, os ateísmos contemporâneos. A vocação da Europa será a de impulsionar um novo tipo de humanismo a dimensões planetárias, diferente do humanismo cristão-ocidental concluído tràgicamente com a guerra de 1939-45.

**A dimensão religiosa da nossa existência não se situa no prolongamento da dimensão humana.**

Entretanto, desde há meia dúzia de anos, acentua-se, da parte dos não crentes, um abrandamento nesta irredutibilidade perante o Cristianismo. É a simpatia pelo que se passa no Concílio Ecuménico; a aceitação da «Pacem in terris»; a atenção aos gestos proféticos do Papa, como as idas a Jerusalém e Bombaim. O espírito de João XXIII, como o de Paulo no primeiro século, revela ao século XX que a Igreja não é uma forma histórica, é mensagem, Palavra, acontecimento, através, mas para além da História; e sopro de Deus sobre o mundo: «**Spiritus Domini replevit orbem...**». Os próprios descrentes começam a aceitar as «possibilidades» do Cristianismo no mundo de amanhã. O mundo escuta a fé; mas a fé escuta o mundo?

*O dever de aceitar a vontade de Deus, qualquer que ela fosse, impôs-se ao meu espírito como o primeiro e o mais necessário de todos.* SIMONE WEIL

**Se um certo cristianismo tem pouca aceitação no mundo moderno, não é por ter falado pouco mas por não ter escutado o suficiente. Uma das causas do ateísmo moderno encontra-se no facto de tantos católicos estarem tão pouco abertos aos valores morais do nosso tempo.**

Não devemos ignorar, numa pudicícia a despropósito, o peso enorme dentro da Igreja de certa mentalidade ossificada. Não devemos ignorar a multidão (ou melhor, as **élites**) dos que olham o mundo de hoje com os olhos de ontem, os «profetas da desgraça», os que fazem depender as sortes da mensagem cristã da sorte da Cristandade, os nostálgicos da **teocracia pontifícia.** Diante do mundo novo, afloram-lhes fáceis as acusações: tudo apostasias. Porque à Igreja falta o braço protector de Constantino, pressagia-se o regresso às catacumbas, apontam-se em alarme outros Neros.

**Como conceber ou realizar a presença do cristão num mundo novo cuja unidade, cada vez mais radical, está em gestação?**

Entre os campeões dos humanismos de imanência (ou ateísmos) e os dum «cristianismo» de transcendência, o Cristianismo cristão (passe a redundância) centra-se no mistério e nas consequências da Incarnação. A fé não é atitude de cegos ou de «iluminados», que não vêem nada de nada ou só vêem o que não é de ver. A fé é um ver-através-do-mundo: «**Videmus nunc per speculum...**». A palavra divina diz-

-Se através da palavra humana; o Verbo fez-Se carne. Não há Cristianismo autêntico onde a relação «fé-mundo» não se fizer no preciso sentido da Incarnação. O Cristianismo é mensagem religiosa de salvação humana, a inserir-se em tudo o que é humano; não esoterismo. Por isso, a fé tem de escutar o mundo para que o mundo a possa escutar. Sem dúvida, o mundo de amanhã pode construir-se **sem** o Cristianismo (ou, melhor, **contra** o Cristianismo, porque o facto cristão não pode eliminar-se, tornar-se pura ausência). Mas para que isso aconteça, será preciso que os cristãos se limitem a fazer do Cristianismo pura forma histórica e não acontecimento divino.

*A Igreja deve entrar em diálogo com o mundo em que vive. A Igreja faz-se palavra, faz-se mensagem, faz-se colóquio.*

*PAULO VI*

Conhecedor atento do mundo contemporâneo, A. Dondeyne apresenta-nos as características da humanidade que se está formando: as suas dimensões planetárias, o seu ideal democrático, a socialização crescente. O cristão precisa de estar atento ao mundo de que faz parte, purificando as suas atitudes de fé que, por vezes, são mais atitudes demissionárias e nostálgicas. O cristão não deve limitar as suas dimensões às do mundo, mas deverá adaptar o mundo às dimensões da sua fé. Cristianizar não é competir com o mundo; não é conquistar-lhe terreno; não é comprometer-se, mas empenhar-se a fim de que o mundo adquira o clima humano, isto é, forme o espaço «de abertura necessária para que a Palavra de Deus possa frutificar».

*O Evangelho não destrói mas assume, purifica e realiza os valores espirituais dos povos.*

**O cristianismo é o fermento espiritual do mundo.**
**Fermento da justiça, do amor, do respeito pela pessoa, do sentido sagrado da vida.**

A verdade cristã não tem o carácter das verdades especulativas que se impõem ao espírito sem escolha nem dádiva do espírito. É a verdade-Revelação, verdade que ao mesmo tempo cria e supõe liberdade; a verdade, afinal, como a procura o espírito humano. Talvez seja o grande bem deste livro: purificar a nossa mentalidade dos persistentes vincos de intolerância, dos nossos pseudo-diálogos que não passam de monólogos a dois tempos.

*A Fé é dom de Deus; e só Deus marca no mundo os caminhos e as horas da Salvação, PAULO VI*

O caminho a andarmos é o que vai de inamovíveis «possuidores da verdade» a humildes homens «possuídos pelo amor da verdade».

**O cristianismo é uma Boa-Nova, uma manifestação da Palavra de Deus.**

P. FERNANDO MELRO

# actualidade

## a reforma litúrgica em marcha

DUARTE JORGE

Num artigo intitulado: «o povo participa. — Da Inglaterra ao Japão, a Reforma Litúrgica», a revista «Informations Catholiques Internationales» de 1 de Janeiro de 1965 apresenta-nos o testemunho de alguns bispos de vários países acerca de bons resultados obtidos através duma formação litúrgica persistente, por meio de congressos, sessões, conferências, que se vão realizando um pouco por toda a parte. No entanto, a Reforma não é fácil: levantam-se dificuldades sérias sobretudo quanto à tradução para vernáculo da língua e à adaptação de muitos ritos.

Como se processa a Reforma Litúrgica?

— Em plano mundial,
— em plano nacional,
— em plano diocesano.

**Em plano mundial** há o «Conselho» para a Reforma da Sagrada Liturgia, instituído pelo Santo Padre Paulo VI com o Motu Proprio «Sacram Liturgiam» de 25 de Janeiro de 1964.

«É uma primeira resposta aos Padres do Concílio que exprimiram o desejo de que fosse escolhido um senado de bispos pelo sucessor de Pedro para o ajudar no cargo e responsabilidade da Igreja Universal» (1).

«O «Conselho», não «Comissão», é um órgão superior às Congregações Romanas e à Cúria. Depende directamente do Papa» (1).

Presidido pelo Cardeal Lercaro, Arcebispo de Bolonha, tendo como secretário o P.e Bugnini, o Conselho é composto por 42 membros com 27 países representados.

«Reúne-se duas vezes por ano em sessão plenária e duas vezes por mês em sessão restricta. Possui 20 peritos; e 40 grupos de estudos e consultores, cada um com 10 membros, trabalham sob a direcção desses; fazem estes um trabalho de base examinado depois por 40 especialistas internacionais e finalmente apresentado à discussão do Conselho. Como primeiro fruto há já um cerimonial para a concelebração. A revisão dos livros litúrgicos (Pontifical, Missal, Breviário e Ritual dos Sacramentos) está decorrendo em ritmo acelerado, embora se preveja uma demora de 5 ou 6 anos para o seu termo» (2).

«A competência deste Conselho na Reforma Litúrgica é total» (2).

O Conselho examina as proposições e projectos das Conferências Episcopais.

A 26 de Setembro de 1964, Paulo VI aprovava e promulgava a Instrução da Sagrada Congregação dos Ritos, que foi preparada por este Conselho, para a aplicação da Constituição sobre a Sagrada Liturgia, promulgada pelo Concílio no encerramento da 2.ª sessão, em 4 de Dezembro de 1963.

Em 27 de Janeiro de 1965 aparecia o novo «ORDO MISSÆ» e «Ritus Servandus» com as novas rubricas para o Missal Romano, que substituem as anteriores, de acordo com as normas da Instrução.

A Instrução, segundo diz o art. 3, tem por fim:

— definir mais claramente a competência das Conferências Episcopais em matéria litúrgica;

— explicar com maior minúcia alguns princípios expressos em termos gerais na Constituição e no Motu Proprio;

— permitir ou determinar algumas coisas que desde já se podem pôr em prática antes da reforma dos livros litúrgicos.

Dentre as coisas «determinadas» como obrigatórias desde o passado 7 de Março, primeiro domingo da Quaresma, digamos apenas que se omitem o salmo 42 nas preces ao pé do altar, no princípio da missa, bem como o último Evangelho e as preces leoninas (art. 48). No mesmo dia 7 de Março apareceu o Cerimonial da Concelebração, de há muito preparado, o qual entrou em vigor a partir de Quinta-Feira Santa.

Dentre as coisas «permitidas», recordamos o lugar mais amplo concedido à língua vulgar na liturgia (art. 57 e 61). Concedido... melhor diríamos, «restituído», porque, como escrevia o Cardeal Lercaro numa carta dirigida aos seus padres (3), retoma-se a tradição da Igreja: os Apóstolos não transpuseram para o mundo greco-romano a liturgia em aramaico, mas fizeram-na em grego; S. Paulo escreve: «antes quero, na assembleia, dizer cinco palavras de modo a ser compreendido... do que dez mil em língua estranha» (I Cor. 14/19). E quando o grego deixou de ser entendido a Igreja adoptou o latim.

Igualmente, hoje a Igreja deixa o latim para adoptar a língua de cada povo.

Na verdade, se a «Liturgia é o exercício da função sacerdotal de Cristo» que na pessoa do sacerdote é mediador entre Deus e os homens, parece absolutamente conveniente que o sacerdote seja entendido por ambos. Portanto também pelos homens. Ainda outra consideração: a missa é um banquete: insiste-se com os convivas para que participem nele: «accipite et manducate» (tomai e comei!); simplesmente, o convite é em latim e em voz baixa de maneira que os convidados, vindos «das praças e das ruas das cidades... dos caminhos e das azinhagas» (Lc. 14/21.23), muitas vezes não entendem.

Todavia, a Reforma Litúrgica deve fazer-se gradualmente, porque o espírito que a anima, embora seja sopro do Espírito Santo, não quer ser estranho a este mundo; ele actua à maneira humana num mundo humano, onde a vida cresce insensìvelmente, mesmo quando o seu desenvolvimento é rápido.

**Em plano nacional** compete às Conferências Episcopais (4) adaptar a Reforma a cada nação, criando a Comissão Nacional de Liturgia (5), na qual devem estar, pelo menos, um ou dois bispos (6).

Como é do conhecimento geral, no nosso país esta comissão é constituída pelos senhores bispos de Lamego, de Vila Real e Administrador Apostólico do Porto.

Depois de definir as atribuições das Conferências Episcopais (art. 20-21), a Instrução aconselha a que estas confiem à Comissão Nacional de Liturgia a promoção de estudos e experiências,

a proposta de iniciativas práticas para todo o território, etc. (Vd. Instr. art. 45).

Como é natural a Reforma Litúrgica não se processa da Inglaterra ao Japão em igualdade de circunstâncias. Na França, por exemplo, onde há boas traduções da Bíblia, bons missais, um Centro de Pastoral Litúrgica desde 1943, frequentes congressos sobre Liturgia, está feito um trabalho de base sobre o qual a Reforma se pode construir com segurança, vigor e com carácter científico.

Devemos reconhecer que não estamos tão adiantados.

**Em plano diocesano**

Espalhada pelo mundo a Igreja não é uma entidade vaga. Está estabelecida nas nações, concretizada em dioceses e paróquias.

A diocese oferece uma imagem mais completa da Igreja universal do que a paróquia. «O bispo deve ser considerado como o sumo sacerdote do seu rebanho (7)» que, juntamente com ele, rodeado do seu presbitério e ministros, são o povo santo de Deus que «acampou para celebrar a Eucaristia», o sacramento da «passagem de Cristo deste mundo para o Pai».

O pároco é o pastor, em vez do bispo. Por consequência deve cultivar-se a vida litúrgica da paróquia e a sua ligação com o bispo, para que floresça nela o sentido de comunidade paroquial, sobretudo na celebração comunitária da Missa dominical (8).

Porque a Igreja está assim estruturada em dioceses, a Constituição, art. 45, urge que seja criada uma Comissão Diocesana de Liturgia ou, onde fôr mais oportuno, uma comissão interdiocesana.

A Instrução, no art. 47, define o seu papel, que afinal se resume a ser nas mãos do bispo o órgão pastoral promotor da Reforma Litúrgica na diocese.

Entre nós a Comissão Diocesana de Liturgia e Música Sacra, foi criada por decreto de 22 de Janeiro de 1965, dia de S. Vicente, Padroeiro da Diocese Lisbonense. O texto do decreto veio publicado no «Novidades» do dia seguinte.

★

Segundo temos conhecimento, o que em Portugal de maior vulto se realizou a nível diocesano, foi a VIII Semana de Pastoral da diocese de Portalegre e Castelo Branco, dirigida pelo P.e Roguet, O. P., realizada no Seminário Maior de 24 a 31 de Janeiro deste ano, sobre a Sagrada Liturgia.

No Patriarcado, «como PREPARAÇÃO PARA A ENTRADA EM VIGOR DA REFORMA LITÚRGICA», realizaram-se em vários locais dias de estudo e encontros, alguns mesmo antes da Comissão ter sido constituída.

TORRES NOVAS, 11 a 13 de Janeiro, dias cheios, das 10 da manhã às 11 da noite... sobre a celebração da Missa.

SANTARÉM, 15 de Fevereiro, um só dos três dias pedidos.

ALMEIRIM, no mesmo dia à noite, para leigos: muitos e interessados.

SETÚBAL, dia 23, tarde dedicada ao clero da Península reunido para os seus «Dias Pastorais» com um grupo de leigos e religiosas e noite destinada ao povo.

CASCAIS, mesmo dia à noite, conferência sobre a reforma litúrgica para uns 70 leigos.

LISBOA, na Casa de S. Mamede, na tarde de 26, com a presença de 200 padres; no fim, celebração da missa segundo a nova reforma, sem ar de ensaio. (Notícia extraída do 1.º Boletim de Informação da Comissão Diocesana).

No referido Boletim a Comissão Diocesana anunciava o aparecimento para breve, em edição sua, devidamente adaptada, da «pequenina mas magnífica» revista **Amen** do C. P. L. (Centro de Pastoral Litúrgica, de Paris). O seu aparecimento quase um mês antes da data prevista foi para nós uma agradável surpresa.

Também a publicação oportuna do **Livro do Celebrante** e de alguns **Cânticos para a Semana Santa** nos mostraram bem o esforço crescente que entre nós se vem fazendo em ordem a uma mais activa participação de todos na liturgia da Igreja.

Sendo o objectivo da Reforma Litúrgica, conforme o art. 21 da Constituição, possibilitar ao Povo de Deus um acesso mais seguro à abundância de graças que a Liturgia contém, talvez pudéssemos olhar para estas iniciativas como para o velocímetro da Reforma em marcha; pois é mediante eles que se realiza, em grande parte, a formação litúrgica dos pastores de almas e dos fiéis, formação que é absolutamente exigida (9) para uma celebração plena, activa e comunitária dos mistérios Litúrgicos» (10).

Segundo a nova reforma da missa, os fiéis começam, realmente, a dar-se conta de que são uma assembleia litúrgica estruturada, onde há um presidente e na qual eles têm uma função própria a desempenhar. Assembleia reunida para ouvir a Palavra de Deus (proclamada num lugar especial); para orar em comum; para celebrar o Sacrifício Eucarístico.

«O Povo participa». É esta a finalidade da Reforma Litúrgica.

---

(1) Ora et Labora 1964, n.º 4, pág. 260
(2) idem, n.º 3, pág. 164
(3) Carta do Card. Lercaro ao clero da diocese de Bolonha publicada no l'Avenire d'Itália de 4 de Fev. 1965
(4) Const. art. 39
(5) Const. art. 44
(6) Instr. art. 44
(7) Vd. Const. art. 41
(8) Const. art. 42
(9) Vd. Const. art. 14-19
(10) Const. art. 21


MISTÉRIO DE JESUS

**de P. BERNARD, O. P. — Trad. de A. Dias da Costa**

FORMATO 15×23

- Obra a publicar em três tomos, distribuídos por 6 cadernos, para facilitar a sua aquisição.
- Estão publicados o III e IV cadernos.
  Cada caderno custa 60$00; a obra completa 350$00.
- No prelo o V e VI cadernos.
- Em regime de assinatura (à cobrança), 50$00 cada caderno; 100$00 cada tomo; 280$00 a obra completa, com pagamento adiantado.

**ACEITAM-SE ASSINATURAS**

LIVRARIA SAMPEDRO Editora
P. Restauradores, 65 - 1.º — LISBOA
Tel. 30876

# CONCILIUM

## Revista Internacional de Teologia

## n. 5 — MORAL


*EDITORIAL*

*F. Böckle*

*C. van Ouwerkerk*

*ARTIGOS*

*C. van Ouwerkerk* — Ethos Evangélico e Soluções Humanas de Compromisso.

*J. Walgrave* — Moral e Progresso.

*A. Arntz* — A Lei Natural e a Sua História.

*C. Botterweck* — Estudos Históricos sobre o Decálogo.

*ESTUDOS:*

*R. Coste* — Pacifismo e Legítima Defesa.

*F. Böckle* — Comentário ao Artigo de R. Coste.

*BOLETIM:*

*F. Böckle* — Notícia sobre a discussão dentro da Igreja àcerca da limitação de nascimentos. Relatório sobre comunicações em língua alemã, francesa e holandesa.

*Enda Mc Donagh* — A Teologia Moral do Matrimónio: Literatura Recente em Língua Inglesa.

*DO-C = Documentação Concilium:* — sob a responsabilidade de L. Alting von Geusau, director e M. J. Le Guillou o.p., director-adjunto.

*S. E. Card. Lercaro* — O significado do Decreto «De Oecumenismo» para o diálogo com as Igrejas orientais não-católicas.

*Crónica da Igreja viva:* — sob a responsabilidade do Secretariado Geral, em colaboração com Katholiek Archief, Amersfoort (Holanda).

*E. Schillebeeckx* — Uma nova concepção do decreto tridentino sobre a Justificação.

*F. Böckle* — Fundação de uma «SOCIETAS ETHICA».



NÚMERO AVULSO 25$00. ASSINATURA 10 NÚMEROS 200$00

DILSAR — AV. 5 DE OUTUBRO 297, 1.º D.to, LISBOA

# sugestões...

# ...de pastoral litúrgica

**1** CELEBRAÇÕES

- VIGÍLIA DE PENTECOSTES
  - ofício do lucernário
  - o espírito
  - a missão
  - o baptismo

**2** ADMONIÇÕES

- MISSA DE PENTECOSTES
- MISSA DA SANTÍSSIMA TRINDADE

**Quisemos apresentar sugestões para possíveis celebrações directamente relacionadas com o Mistério do Pentecostes. Para isso escolhemos três temas: o Espírito que desce e enche a Terra inteira; o Espírito que envia — a Missão; o Espírito que santifica — o Baptismo.**

**O Ofício do Lucernário abrirá normalmente a celebração, qualquer que seja o tema escolhido. A Oração dos Fiéis encerrará a celebração variando apenas a oração presidencial de conclusão. As leituras e cânticos serão escolhidos conforme o tema.**

**Para organizar melhor o esquema da celebração vd. artigo do P. José Ferreira — «Como fazer uma celebração da Palavra de Deus», no n.º 1 de «Novellæ Olivarum», pág. 114.**

# vigília de pentecostes

## 1. ofício do lucernário

Os judeus, ao anoitecer de sexta e de sábado, faziam a bênção da luz, para marcar o princípio e o fim do sábado. Este rito inspirou a cerimónia cristã do Lucernário que, além da bênção da luz, tinha uma acção de graças pelo dia que passou.

Na Tradição Cristã, o ofício do Lucernário é celebrado ao anoitecer do sábado, e o seu significado é de grande riqueza: o Domingo é o dia do Senhor Ressuscitado; como a celebração anual da Páscoa começa com a Vigília e esta com a bênção do Círio Pascal, assim a celebração semanal da Páscoa começa com a bênção da luz; ao entardecer de sábado acende-se uma lucerna em memória do próprio Jesus Ressuscitado, «esplendor da glória» do Pai e «Luz do mundo» que ilumina todo o homem; ao mesmo tempo este gesto faz que o Povo Cristão viva mais consciente a Ressurreição do Senhor, única razão de ser do próprio Domingo.

Como na Vigília Pascal, também a igreja pode estar às escuras. O Presidente entra e acende o Círio na lâmpada do Santíssimo. Canta-se o Hino lucernar ao mesmo tempo que se acendem as luzes da igreja.

### 1. HINO *(ficha T1; Eucaristia — P. Manuel Luís pg. 44 e 45)*

Um dos mais antigos Hinos da tradição cristã (séc. II).

«Nossos pais não quiseram receber em silêncio a graça desta luz do entardecer; bendiziam a Deus sempre que ela aparecia. Não sabemos quem foi o autor deste cântico de acção de graças, mas mesmo assim o povo repete este cântico tão antigo» (S. Basílio 329-379).

### 2. BÊNÇÃO DO PRESIDENTE

«Àquele que nos ama
que nos libertou dos nossos pecados com o seu Sangue,
Àquele que fez de nós
um reino de sacerdotes
para o Seu Deus e Pai,
a Ele a Glória e o Poder pelos séculos dos séculos!

**AMEN!»** (Apoc. 1/5)

*N. B. — outra bênção: I Ped. 1/3.*

### 3. ORAÇÃO

*pres.:* O Senhor esteja convosco!
*todos:* E contigo também!

*pres.:* Demos graças ao Senhor!
*todos:* É digno e justo.
A Ele, Glória para sempre!

*pres.:* Nós Vos damos graças, Senhor Deus,
por Vosso Filho Jesus Cristo, nosso Senhor,
porque nos iluminastes,
revelando-nos a Luz incorruptível.

Terminámos as horas do dia
e somos chegados ao princípio da noite.

Durante o dia
a luz que criastes para nossa alegria,
encheu-nos de contentamento.

E agora,
que não nos falta a luz do entardecer,
nós cantamos a Vossa Santidade
e a Vossa Glória,
por Vosso Filho Único, Nosso Senhor Jesus Cristo.

Por Ele, com Ele e com o Espírito Santo,
Vós tendes a Glória, o Poder e a Honra,
agora e pelos séculos dos séculos!

**AMEN!**

## II. celebração da palavra de Deus

Ao elaborar este trabalho não pretendemos fornecer celebrações, mas apenas elementos em ordem a uma elaboração de celebrações que mais se adaptem a cada lugar.

O que cognominamos de «sentido do tema» não é de modo algum para ser lido pelo comentador, mas para fornecer algumas perspectivas em ordem à homilia, considerada indispensável, e cuja necessidade mais se fará sentir quando não haja comentador.

Das leituras apontadas no «sentido do tema» publicamos algumas. Para as leituras do Novo Testamento sugerimos as traduções do cónego José Falcão.

O tema do «Baptismo» e do «Espírito» são afins e algumas leituras são comuns.

As citações bíblicas a negro são as leituras que publicamos

## O ESPÍRITO (sentido do tema)

**«O Espírito do Senhor encheu a terra inteira** (Sap. 1/7)

O tema do Espírito é profundamente bíblico.

O «RUAH» (sopro, espírito) de YAHWEH, passa nas páginas da Bíblia como uma constante do amor solícito de Deus pelo Seu Povo.

É Ele que, pairando sobre as águas do caos primitivo, lhes comunica a fecundidade criadora de Deus e delas faz nascer todos os seres vivos; e ao criar o homem, o Senhor Yahwéh infunde nas suas narinas um sopro (ruah) e fá-lo Sua imagem e semelhança (**Gén. 1/1-2 e 2/5b-7**).

Quando as águas destruidoras do dilúvio cobriram a terra para exterminar todas as criaturas (Gén. 7/18-22) o Senhor Deus lembrou-se de Noé e dos que com ele estavam na arca, fez soprar um vento sobre a terra e as águas baixaram (Gén. 8/1). Da mesma sorte, quando o povo liberto mas angustiado estacou entre o exército destruidor dos egípcios e o mar intransponível, o Senhor fez soprar um vento impetuoso durante toda a noite e o Povo de Israel pôde passar a pé enxuto pelo meio do mar, rumo à libertação (Êx. 14).

O mesmo espírito fala pelos profetas, é comunicado aos reis e aos sacerdotes pelo óleo da unção, e é ele o Espírito de Sabedoria e de Entendimento, Espírito de Conselho e de Fortaleza, Espírito de Ciência, de Piedade e do Temor do Senhor (Is. 11/2), que repousará sobre o Messias, como diz o Senhor aplicando a Si a palavra do Profeta: «O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu e me enviou a anunciar a boa nova aos pobres...» (Lc. 4, 14-22).

Nas manifestações de Deus ao povo, o sopro não é elemento estranho: No Sinai, o Senhor manifesta-se esplendorosamente de modo que toda a multidão que estava no acampamento tremia e não se podia aproximar da montanha, sob pena de morte (**Êx. 19/1-6; 16-20**); mas no monte Horeb o Senhor revela-se a Elias no meio duma brisa suave (**I Reis 19/9-14**), e no dia de Pentecostes «veio do céu, de repente, um ruído, como se soprasse um vento impetuoso. Ficaram todos cheios do Espírito Santo e começaram a falar». Ouvindo aquele ruído, reuniu-se muita gente e manifestava à sua admiração: ouvimo-los proclamar nas nossas línguas as maravilhas de Deus» (At. 2/1-18).

O Pentecostes cristão, que o mesmo Espírito anunciara já pelo profeta Joel (3/1-5), é o dia do nascimento do novo Povo de Deus, povo que habita na abundância dos dons do Senhor, povo purificado e fiel (**Ez. 36/25-28**), povo reunido e vivificado pelo Espírito (**Ez. 37/1-14**) que o Senhor Jesus, uma vez voltado ao seio do Pai, nos enviará para ficar eternamente connosco (Jo. 14/16-18) a ensinar-nos (Jo. 14/25-26) e a glorificar o Senhor Jesus porque receberá do que é dEle e no-lo anunciará (Jo. 16-12-15).

O Espírito completará a obra de Cristo: impelirá a Igreja à conquista do mundo (Act. 2/1-18 ou só Act. 2/1-4, 4) e fará de cada um de nós uma nova criatura (Jo. 3/1-8 e Rom. 8/9-27).

## A MISSÃO (sentido do tema)

**«Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós».** (Jo. 20/21)

«Hoje completaram-se os dias de Pentecostes; hoje o Espírito Santo apareceu sobre os Apóstolos em línguas de fogo e infundiu-lhes dons carismáticos; enviou-

-os por todo o mundo a pregar e dar testemunho: Todo aquele que acreditar e for baptizado será salvo» (ant. de Magn. do Pentecostes).

A missão está intimamente ligada à infusão do Espírito.

Na manhã do Pentecostes, logo após a descida do Espírito Santo, os apóstolos deram início à sua missão de dar testemunho (Act. 1/8).

Mas também no Antigo Testamento Deus chamou homens para os enviar em Seu nome a dizer aos outros homens as suas próprias palavras (Jer. 1/4-10; Is. 6/1-9; Êx. 3, 1-12).

Outrora o Senhor chamou os homens a preparar, pela pregação da Sua Palavra, ou pela cooperação no Seu cuidado pelo Povo Eleito, o caminho para o Seu Enviado, Cristo, para quem tudo foi feito. Ele é o único verdadeiramente escolhido (Lc. 23/35), o Servidor por excelência (Is. 49/1-6).

Hoje o Senhor continua a chamar o homem. Como chamou S. Paulo (Act. 9/1-19) e como chamou cada um dos seus apóstolos, a cada um de nós Deus dirige um apelo particular e gratuito (1 Cor. 1/26-31), a uns na primeira hora, a outros na terceira, na sexta ou na última (Mt. 20/1-16) segundo o Seu beneplácito.

Nós somos uma Igreja de convocados, tendo de comum a Fé de Abraão (Heb. 11/8-10).

Da fé que nos foi dada, somos convidados a reparti-la pelos Homens nossos irmãos (Mt. 28/16-20; Act. 1/4-8).

## O BAPTISMO (sentido do tema)

**«Quem não nascer da água e do Espírito,
não poderá entrar no Reino de Deus»** (Jo. 3/5).

Nós fomos consagrados membros do Reino de Deus, pelo Baptismo. Como das águas do caos primitivo, fecundadas pelo espírito que pairava sobre elas, surgiram todos os viventes (**Gén. 1/1-2; 20-21** e **2/5-7**), assim também, das águas baptismais, pela fé e pela acção do mesmo espírito, nascem os filhos da da Igreja, novo e definitivo Povo de Deus, que Cristo morto na cruz gerou, no sangue e na água, que brotaram do Seu lado aberto.

A água tem na História da Salvação um duplo papel de salvação e de destruição. Quando o Senhor manda chover durante 40 dias sobre a terra (Gén. 7/17) lavando com a água os crimes do mundo pecador, faz do dilúvio uma imagem de regeneração em que o mistério de um e mesmo elemento, põe termo aos vícios e é origem de virtude (cf. prefácio da bênção da água na Vigília Pascal).

Quando no mar Vermelho o Senhor pela mesma água salvou Israel da mão dos egípcios e precipitou no mar os cavalos e todo o exército do Faraó (Ex. 14/21-30), novamente a água salva e destrói — salva o Povo de Deus, destrói os seus inimigos.

O Baptismo é como que um novo acto criador pelo qual Deus forma em nós um coração novo e nos comunica um espírito novo (**Ez. 36/25-28**), gera-nos a todos para uma mesma infância; tudo o que em nós é do espírito imundo se afasta de nós, que na fonte lavamos as nossas vestes no sangue do Cordeiro.

A água é por assim dizer sinal natural da vida; associada ao Espírito é o sinal natural da vida de Deus que se comunica.

A água é, por outro lado, naturalmente fecunda: No princípio o Senhor fez

jorrar no meio do paraíso uma fonte que, dividindo-se em quatro rios, regava toda a terra (Gén. 2/10-14) e Ezequiel **(47/1-12)**, depois de ter atravessado muitas águas, vê crescerem à beira da torrente muitas árvores frutíferas e frondosas.

A vida cristã é realmente exigente, mas a graça de Deus manifestou-se ao mundo dando a cada cristão uma força nova para vencer e chegar à glória (Tit. 3/3-7). É morrendo para o pecado que se poderá de novo nascer para a Vida e para o Reino de Deus pela água e pelo Espírito (Jo. 3/1-8).

## CÂNTICOS

**(1.º Tema — Espírito)**

Cânticos — O Espírito do Senhor encheu a terra inteira. (vd. ficha junto)
— Clamai pelo Senhor — Cânticos Quaresmais, pág. 5

**(2.º Tema — Missão)**

Cânticos — Toda a terra vos adore — Eucaristia, pág. 10
— Em louvor da Palavra de Deus — Ficha S. 118.
— A Palavra de Deus — M. Simões — Jornada infantil Pró-Concílio
— Mandai-nos Mensageiros (vd. ficha junto)
— Salmo 116 — Eucaristia pág. 43
— Cantai ao Senhor um Cântico Novo pág. 51
— Alegrem-se os céus — Eucaristia pág. 49

**(3.º Tema — O Baptismo)**

Cânticos — Salmo 50 — Cânticos Quaresmais pág. 16-17
— Cantai ao Senhor um cântico novo, pág. 28.
— Louvor e acção de graças — Ficha C 8
— Salmo 135 — Cantai ao Senhor um cântico novo, 52
— Deus ama o seu povo — Cânticos Quaresmais, pág. 14-15
— Não nos abandoneis — Cânticos Quaresmais, pág. 10-11

## LEITURAS

**(1.º Tema — Espírito)**

### LEITURA DO LIVRO DO GÉNESIS (1/12; 20-21; 2/5-7)

— também para o terceiro tema

**No princípio criou Deus os Céus e a terra.**
**A terra, porém, estava vazia e desabitada;**
**as trevas cobriam o abismo,**
**e o espírito de Deus pairava sobre as águas.**

**Deus disse:**
**«Regurgitem as águas em abundância de seres vivos**
**e aves voem sobre a terra**
**debaixo do firmamento do céu».**

Deus criou assim os monstros marinhos
e toda a multidão de seres vivos
que enchem as águas,
e também todas as aves,
segundo a sua espécie.
E Deus viu que isto era bom.

Não existia ainda nenhum arbusto sobre a terra
e nenhuma erva havia ainda brotado nos campos,
porque Yahwéh Deus não fizera chover sobre a terra
e nem havia homem que a cultivasse.
Todavia, subia da terra um vapor
que regava toda a sua superfície.

Então, Yahwéh Deus
modelou o homem do barro da terra,
soprou nas suas narinas um sopro de vida,
e o homem tornou-se um ser vivo.

**LEITURA DO LIVRO DO ÊXODO** (19/1, 3-8, 16-20)

No dia em que se completavam três meses
sobre a saída dos filhos de Israel
da terra do Egipto,
chegaram eles ao deserto do Sinai.

Moisés, então, subiu até Deus.

Yahwéh chamou-o do alto da montanha
e disse-lhe:
— «Assim falarás à casa de Jacob
e dirás aos filhos de Israel:

— «Vistes o que fiz aos Egípcios
e como vos tenho trazido em asas de águia
para junto de Mim.
Agora, pois, se obedecerdes à minha voz
e guardardes a minha Aliança,
sereis o Meu Povo entre todos os povos
pois que toda a terra é minha.
Sereis para Mim um Reino de Sacerdotes
e um Povo Santo».

— «São estas as palavras que dirás
aos filhos de Israel».

Moisés foi chamar os anciãos do Povo
e comunicou-lhes tudo o que Yahwéh lhe ordenara.
Então, todo o povo respondeu em coro:
— «Faremos tudo o que Yahwéh mandou».

Ora aconteceu
que, ao amanhecer do terceiro dia,
começaram a ouvir-se trovões e a brilhar relâmpagos;
uma espessa nuvem
começou a envolver a montanha,
e o som duma trombeta troou fortemente;
todo o povo que estava no acampamento, tremia.

Moisés conduziu o povo desde o Acampamento
ao encontro de Deus,
e pararam à beira do monte.

Todo o monte Sinai estava envolto em fumo,
porque Yahwéh baixara sobre ele em fogo.
O fumo subia dele como de um forno,
e a montanha inteira tremia deveras.
O som da trombeta ia aumentando cada vez mais.
e Deus respondia-lhe com voz trovejante.

E Yahwéh desceu sobre o monte Sinai,
sobre o alto da montanha,
e chamou Moisés ao cimo do monte
e Moisés subiu.

## LEITURA DO PRIMEIRO LIVRO DOS REIS (19/9-14)

Chegando Elias ao monte Horeb,
passou a noite numa caverna.
Então, foi-lhe dirigida a Palavra de Yahwéh:
— «Elias, que fazes tu aqui?»

Ele respondeu:
«Estou devorado de zelo
por Yahwéh, Deus do Universo,
porque os filhos de Israel
violaram a Vossa Aliança,
deitaram por terra os Vossos altares
e passaram à espada os Vossos profetas.
e querem matar-me também a mim».

Foi-lhe dito então:
«Sai para fora e fica na montanha, diante de Yahwéh».

E eis que Yahwéh passou.
Veio um vento tão forte que as montanhas se fendiam,
e os rochedos rebentavam dinte de Yhawé;
mas Yahwéh não estava naquele vento.
Depois da ventania, a terra tremeu;
mas Yahwéh não estava no tremor de terra.
Passado o tremor de terra, acendeu-se um fogo;
mas Yahwéh não estava no fogo.
Logo que Elias o ouviu, tapou o rosto com o manto
e dirigiu-se à entrada da caverna.

Disse-lhe então uma voz:
— «Elias, que fazes tu aqui?»

Ele respondeu:
«Estou devorado de zelo
por Yahwéh, Deus do Universo,
porque os filhos de Israel
violaram a Vossa Aliança,
deitaram por terra os Vossos altares
e passaram à espada os Vossos profetas.
Fiquei só eu...
e querem matar-me também a mim».

**LEITURA DO LIVRO DE EZEQUIEL** (36/25-28)

— também para o terceiro tema

Assim fala o Senhor:
«Derramarei sobre vós uma água pura
e sereis purificados
de todas as vossas manchas
e de todas as vossas idolatrias.
Dar-vos-ei um coração novo
e em vós hei-de pôr um Espírito novo;
arrancarei do vosso peito o coração de pedra
e dar-vos-ei um coração de carne.
Dentro de vós hei-de pôr o meu Espírito,
e far-vos-ei seguir as minhas leis
e observar e viver os meus preceitos.
Habitareis a terra que dei aos vossos pais;
sereis o Meu Povo e Eu serei o vosso Deus».

**LEITURA DO LIVRO DE EZEQUIEL** (37/1-14)

A mão de Yahwéh desceu sobre mim,
conduziu-me em espírito

e deixou-me no meio da planície,
— uma planície coberta de ossos.
Levou-me pelo meio deles em todas as direcções.
Ressequidos em extremo e em grande número,
jaziam sobre a planície.

E disse-me:
«Filho do homem,
poderão estes ossos voltar à vida?»

Respondi:
«Senhor Yahwéh,
só Vós o sabeis.

Ele disse-me então:
«Profetiza sobre estes ossos e diz-lhes:
— Ossos ressequidos,
ouvi a Palavra de Yahwéh.
Isto vos diz o Senhor Yawéh:
«Infundirei em vós o Sopro da vida
e vós vivereis.
Dar-vos-ei nervos,
farei crescer carne sobre vós,
recobrir-vos-ei de pele,
comunicar-vos-ei o sopro da vida
e vós vivereis;
sabereis assim que Eu sou Yahwéh».

Profetizei segundo a ordem que havia recebido.
Enquanto eu falava,
um ruído se fez ouvir;
e depois um tumulto ensurdecedor,
e os ossos juntaram-se uns aos outros.
Olhei e vi que se formavam nervos sobre eles,
crescia neles carne
e recobriam-se de pele.
Mas não tinham Sopro de vida.

E Yahwéh disse-me:
«Profetiza ao Sopro da vida,
profetiza, filho do homem!
Dir-lhe-ás:
— Isto diz o Senhor Yahwéh:
«Vem dos quatro ventos, Sopro da vida,
sopra sobre estes mortos
e que retornem à vida».

Profetizei como Ele me ordenara:
e o Sopro da vida entrou neles,
tornaram à vida,
e firmaram-se sobre os seus pés:
era um exército numeroso, incontável.

Yahwéh disse-me então:
«Filho do homem,
estes ossos são toda a casa de Israel.
Ei-los que dizem:
— «Estão ressequidos os nossos ossos,
a nossa esperança está morta;
o que fizeram de nós!»
Portanto profetiza.
Dir-lhes-ás:
— Assim fala o Senhor Yahwéh:
«Eis que abrirei os vossos túmulos,
e deles vos farei sair, ó meu Povo,
para vos conduzir à terra de Israel.
Sabereis então que Eu sou Yahwéh
quando Eu abrir os vossos túmulos
e vos fizer sair deles,
ó meu povo.
Infundireis em vós o meu Espírito
e vós vivereis,
far-vos-ei descansar na vossa terra;
sabereis então que Eu, Yahwéh, anunciei
e realizei aquilo que disse.
— Palavra de Yahwéh.

(2.º Tema — Missão)

## LEITURA DO LIVRO DE JEREMIAS (1/4-10)

A Palavra de Yahwéh foi-me dirigida nestes termos:
«Antes de te formar no seio materno,
Eu te conheci;
antes do teu nascimento,
Eu te consagrei
e te constituí profeta das nações».

E eu respondi:
«Ah! Senhor Yahwéh,
olhai, eu nem sei falar: sou um menino».

Mas Yahwéh replicou:
«Não digas: «sou um menino».
pois que irás a todos aqueles a quem Eu te enviar
e dirás tudo o que Eu te ordenar.
Não temas a sua presença
porque Eu estou contigo para te defender,
— Palavra de Yahwéh» —

Então Yahwéh estendeu a Sua mão
e tocou a minha boca.

Yahwéh disse-me:
«Eis que coloco na tua boca as minhas palavras;
Eu te estabeleço hoje
sobre as nações e sobre os reinos
para arrancares e demolires,
para arruinares e destruíres,
para edificares e plantares».

(3.º Tema — Baptismo: vid. 1.º tema)

## LEITURA DO LIVRO DE EZEQUIEL (47/1-12)

Fui conduzido à entrada do templo.
Eis que do limiar do edifício
jorravam águas para Oriente
— a fachada do templo olhava a Nascente.
A água corria pelo lado direito do templo
— a sul do altar.
Fez-me sair pela porta setentrional
e contornar o templo
até ao pórtico exterior voltado a Oriente,
e eis que as águas brotavam do lado direito.

O homem dirigiu-se para Oriente
com uma corda na mão,
e mediu mil côvados;
fez-me então atravessar a torrente de água:
cobria-me os tornozelos.
Mediu ainda mais mil
e fez-me atravessar a torrente de água:
dava-me pelos joelhos.
Mediu de novo outros mil
e fez-me atravesar:
dava-me pelos quadris.

Mediu, enfim, outros mil,
e era uma torrente que eu não podia atravessar
porque as águas haviam engrossado
e a torrente se tornara profunda
— uma torrente intransponível.

«Viste, filho do homem?
disse-me ele então.
E conduziu-me à outra margem da torrente.

Ao voltar-me, vi que nas margens da torrente
havia árvores em grande número.
Ele disse-me:
«Esta água corre para Oriente
desce pelo vale do Jordão
e caminha para o mar;
lança-se no mar
para tornar mais sãs as suas águas.
Em toda a parte onde chegar a torrente
todo o ser vivo que aí se move, viverá.
Porque onde chegar esta água
haverá abundância de peixes.
E onde chegar a torrente
aí haverá vida e saúde.
Ao longo das margens da torrente
crescerá toda a espécie de árvores de fruto.
As suas folhas não caem
e não cessarão de dar frutos:
em cada mês produzirão frutos novos
porque esta água vem do Santuário.
Seus frutos serão um alimento
e as folhas servirão de remédio».

## ORAÇÃO UNIVERSAL

a) *Pres.:* O Senhor esteja convosco!
R/ E contigo também!

b) *Pres.:* Unidos numa só fé
façamos subir ao Senhor a nossa súplica
por todos os homens,
para que todos possam levar
uma vida serena e em paz
e chegar à felicidade eterna!

c) *Comentador (ou presidente)*

1) Pela Santa Igreja de Deus;
para que o Espírito Santo nela habite
pelo ensino dos pastores
e pela caridade dos fiéis,
oremos ao Senhor: Senhor, Misericórdia!

2) Pelo crescimento da Igreja;
para que ela proclame a Boa Nova do Reino
na língua de todas as nações,
oremos ao Senhor: Senhor, Misericórdia!

3) Pelo Santo Padre, o Papa,
por todos os Bispos, Sacerdotes e Diáconos;
para que todos sejam cheios da Sabedoria do Espírito,
oremos ao Senhor: Senhor, Misericórdia!

4) Pelo Santo Concílio, reunido do mundo inteiro;
para que os seus trabalhos sejam frutuosos
em toda a Igreja,
oremos ao Senhor: Senhor, Misericórdia!

5) Pelos ordinandos do próximo sábado;
para que numerosos ministros de Deus
assegurem, no meio de nós,
a presença do Seu Espírito,
oremos ao Senhor: Senhor, Misericórdia!

6) Pelo aumento da vida divina em nossos corações;
para que o dom do Espírito dê força à nossa fraqueza
e triunfe do nosso egoísmo,
oremos ao Senhor: Senhor, Misericórdia!

7) Pelos que estão constituídos em autoridade;
para que sob o seu governo
nós vivamos em paz e concórdia,
glorificando Cristo, nossa esperança,
oremos ao Senhor: Senhor, Misericórdia!

8) Por esta cidade (paróquia, etc.)
e por todos os seus habitantes,
pelos doentes e pelos exilados,
pelos que vivem acabrunhados pelo trabalho
e pelos que o não têm;
para que o Senhor seja para todos asilo e conforto,
oremos ao Senhor: Senhor, Misericórdia!

9) Por aqueles que nos odeiam por causa da nossa fé,
e por todos os que estão fora da Igreja;
para que o Senhor lhes dê a Sua luz,
oremos ao Senhor: Senhor, Misericórdia!

10) Pela serenidade do tempo e pela fecundidade da terra;
para que o Senhor dê a todos o pão de cada dia,
oremos ao Senhor: Senhor, Misericórdia!

11) Pelos nossos irmãos que adormeceram no Senhor;
para que o Senhor os guarde para a ressurreição na Glória,
a eles, a quem tornou templos do Espírito Santo,
oremos ao Senhor: Senhor, Misericórdia!

12) Por todos nós aqui reunidos;
para que a nossa oração seja ouvida e agradável a Deus,
recebamos a abundância da Sua misericórdia,
e sejamos julgados dignos do Reino dos Céus,
oremos ao Senhor: Senhor, Misericórdia!

d) Rezemos ao Senhor a oração que Ele próprio nos ensinou:
PAI NOSSO...

e) *Oração em silêncio*

f) *Presidente:*

(1.º **Tema — Espírito**)

Senhor Deus,
Vós iluminastes os corações dos nossos pais
pela manifestação do Espírito Santo:
Concedei-nos a graça da Sua presença,
a alegria da Sua consolação,
e o gosto pelo que é recto.
Por Cristo Senhor Nosso!

*Todos:* **AMEN!**

(2.º **Tema — Missão**)

Senhor Deus,
Vós quereis que todos os homens sejam salvos
e cheguem ao conhecimento da Verdade:
Enviai-nos como operários a trabalhar na Vossa Messe
e fazei que proclamemos confiadamente a Vossa Palavra;
que Ela atinja o seu termo e seja glorificada,
e que todas as nações Vos conheçam,

a Vós que sois o único e verdadeiro Deus,
e enviastes Jesus Cristo Vosso Filho
que convosco vive e reina
por todos os séculos dos séculos!

*Todos:* **AMEN!**

**(3.º Tema — Baptismo)**

Senhor Deus Todo Poderoso,
Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo:
Pela água e pelo Espírito Santo
nos fizestes nascer para uma vida nova,
nos perdoastes todos os pecados
e nos consagrastes com o Crisma da Salvação;
fazei que Vos sirvamos na Vossa Santa Igreja
progredindo sempre de dia para dia na perfeição
e mereçamos gozar, com todos os Vossos fiéis,
as eternas recompensas por Vós prometidas.
Por Cristo Senhor Nosso!

*Todos:* **AMEN!**

Texto e tradução: Alfredo Cerca e José Manuel Costa Pereira
Revisão: Cónego Gregório Neves e Padre José Ferreira

# missa de pentecostes

1. **Antes da entrada do presidente**

Desde o dia de Pentecostes que, peregrina em toda a terra, a Igreja manifesta aos homens a Salvação de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Fomos congregados hoje para celebrarmos o dia do aparecimento da Igreja no mundo, e assim tomarmos maior consciência de que somos filhos de Deus, membros do Seu Povo Santo.

Como outrora, também hoje a Igreja aparece no mundo e é nele o sinal vivo de Nosso Senhor Jesus Cristo.

2. **Oração** (do rito de entrada)

Para que o Espírito Santo ilumine todos os homens e os faça viver a vida de Deus, oremos em silêncio.

3. **Liturgia da Palavra**

Hoje, Deus revela-nos o mistério da Sua Igreja.

Ela é o Povo Santo de Deus que, das extremidades da terra, se congrega na Fé, na Esperança e na Caridade de Cristo.

Peregrinos no mundo, os filhos da Igreja vivem já a vida divina, pois é o próprio Deus que habita neles.

4. **Liturgia Eucarística**

— **Ofertório**

Como outrora sobre os Apóstolos, também hoje o Espírito Santo desce sobre nós, os que estamos reunidos nesta Acção de graças.

A celebração da Eucaristia deve levar o nosso amor a todos os homens, para sermos junto de todos eles a presença viva de Nosso Senhor Jesus Cristo.

— **Oração** (depois da Comunhão)

Para que o Espírito Santo transforme totalmente a nossa vida, e as nossas acções sejam as acções do Senhor que habita em nós, oremos em silêncio.

# missa da santíssima trindade

1. **Antes da entrada do presidente**

Há um só Deus, que se chama Pai, Filho e Espírito Santo.
Foi por amor que Deus se revelou a nós tal como é, a fim de conhecermos o Filho e assim aceitarmos a Salvação que Ele nos traz.
Reunimo-nos hoje para celebrarmos, com toda a nossa alegria, este tão grande mistério: «Há um só Deus em três Pessoas».

2. **Oração** (do rito de entrada)

Para que o Senhor dê a todos os homens uma fé viva na Santíssima Trindade, oremos em silêncio.

3. **Liturgia da Palavra**

Hoje, Deus revela-nos o mistério da Sua vida íntima.
Ele é o Pai, o Filho e o Espírito Santo, e quer que o anúncio deste mistério chegue aos homens do mundo inteiro.

4. **Liturgia Eucarística**
— **Ofertório**

Na unidade do Espírito Santo, façamos chegar ao Pai o louvor que o Filho Lhe dá em cada dia por meio da Sua Igreja.
A Celebração da Eucaristia deve fazer aumentar em nós a Fé na Santíssima Trindade e na presença viva de Deus no meio do Seu Povo.

— **Oração** (depois da Comunhão)

Para que o Senhor nos dê a Esperança de um dia vivermos com Ele para sempre na Glória, oremos em silêncio.

5. **Despedida**

Deus revelou-nos o mistério da Sua Vida íntima.
A nossa resposta é total, e vamos manifestar aos homens a vida de Deus que habita em nós e transforma totalmente as nossas acções.

# documentação

## • DIRECTIVAS PRÁTICAS DO EPISCOPADO FRANCÊS PARA A CELEBRAÇÃO DA MISSA

**Neste directório as rubricas não são letra morta: — a par das regras mais ou menos maleáveis, úteis a uma celebração litúrgica digna, apresentam-se reflexões que facilitarão em muito uma compreensão cada vez maior do Mistério da Missa.**

**Foram, sobretudo, estas indicações de ordem pastoral que, pela sua universal utilidade, nos levaram a publicar este documento.**

## • DIRECTÓRIO PRÁTICO SOBRE A ORAÇÃO DOS FIÉIS DO CONSELHO PARA APLICAÇÃO DA CONST. DA LITURGIA

**Restaurou o Santo Concílio — Constituição sobre a Sagrada Liturgia art. 53 — a oração dos fiéis.**

**Posteriormente a Instrução deu no seu número 56 algumas directivas para a sua realização prática.**

**Aparece agora o presente documento com o fim de explicitar estes textos, de fornecer normas que facilitem a preparação de fórmulas e sugerir alguns princípios à autoridade competente em ordem a uma subsequente aprovação das mesmas fórmulas.**

# a celebração da missa com participação do povo

## I. observações preliminares

### 1. natureza deste documento

A *Instrução* para a aplicação da Constituição sobre Liturgia e as três *Disposições* promulgadas pelo Episcopado francês, introduzem importantes modificações na celebração da missa.

As presentes «Directivas» têm por fim ajudar a bem realizar estas mudanças e a descobrir o aproveitamento pastoral que daí podemos tirar.

C = Constituição sobre a Sagrada Liturgia.
I = Instrução *Inter Oecumenici*, em vigor a partir de 7 de Março de 1965.
D.1 = 1.ª Disposição do Episcopado, em vigor a partir de 16 de Fevereiro de 1964.
D.2 = 2.ª Disposição do Episcopado, em vigor a partir de 3 de Janeiro de 1965.
D.3 = 3.ª Disposição do Episcopado, em vigor a partir de 7 de Março de 1965.
NP = Nota pastoral da Comissão Episcopal de Liturgia (14 Out. 1964).

### 2. alcance deste documento

a. *Missa com a presença do povo.*

As indicações dadas aqui, dizem respeito, exclusivamente, à missa celebrada com a presença do povo. Em *Apêndice* encontrar-se-ão as modificações introduzidas na missa rezada, celebrada sem a presença do povo.

A expressão «missa celebrada com a presença do povo» não se define por critérios aritméticos mas por critérios pastorais.

b. *Missa cantada e missa rezada.*

Ter-se-á em conta que certas reformas dizem respeito a todas as missas, rezadas ou cantadas, e outras se limitam à missa rezada: a distinção aparecerá ao longo do documento.

É evidente que uma missa rezada pode comportar cânticos. Mas, por «missa cantada», o direito litúrgico entende a missa em que o celebrante canta as partes que deve cantar segundo as rubricas (cf. Instrução de 3 de Setembro de 1958, n. 3) e, por consequência, em que o povo também responde cantando.

c. *Indicações pastorais, rubricas, sugestões para as cerimónias.*

Pareceu necessário reproduzir as disposições oficiais, dando-lhes, por um lado, o seu contexto pastoral, e por outro, apresentando certas sugestões referentes ao cerimonial.

A tipografia distinguirá:
— indicações de ordem pastoral (em coluna mais estreita);
— decisões dos documentos legislativos *(em itálico);*
— sugestões para o cerimonial (em coluna mais larga).

c. *Traduções e melodias.*

«Tornando-se o francês língua litúrgica, as traduções dos textos latinos são necessàriamente aquelas que receberam a aprovação do Episcopado. É uma exigência da própria Constituição. (n. 36 § 4)» (NP).

As traduções oficiais encontrar-se-ão nos livros litúrgicos
1) no missal de altar bilingue:
— o Ordinário da missa;
— as Orações;
— os outros textos do Próprio, à excepção das leituras e seus cânticos intercalares.
2) no leccionário completo:
— as leituras para todos os dias;
— os cânticos intercalares (Gradual, Aleluia, Tracto, Sequência).

As melodias para o canto dos ministros sagrados e as respostas do povo requerem uma aprovação no plano nacional (I, n. 42). Encontrar-se-ão num anexo do missal do altar.

Nas missas cantadas, para o canto do Próprio, «serão ùnicamente autorizadas as melodias aprovadas pelas Comissões litúrgicas competentes (cf. C, n. 44, 45, 46)» (D. 2).

## II. regras gerais

Eis as principais modificações que são estabelecidas:

### 1. a estrutura da missa aparece mais claramente

a. *Simplicações* (cf. I, n.º 48)
— as orações ao pé do altar são abreviadas (supressão do Salmo *Judica me)* e por vezes omitidas totalmente.
— o último Evangelho e as orações de Leão XIII são suprimidas.
— ver ainda a Instrução n. 48 d, k, l e n.º 36.

b. *Valorizações:*

— a proclamação da Palavra fica mais valorizada pelo próprio lugar em que se desenvolve.
— a oração sobre as oferendas («Secreta»), o *Per Ipsum* e o *Libera nos* são pronunciados em voz alta: a respectiva conclusão *(per omnia...)* e o Amen do Povo encontram assim o seu sentido conclusivo (I, n. 58).
— o rito da pequena elevação é transformado e posto em relevo.
N. B. Estas modificações têm um carácter limitado: o «*Consilium*» evitou as decisões que prejudicassem a reforma geral actualmente em estudo.

### 2. cada um, ministro ou fiel, desempenha o seu papel próprio

O Celebrante já não terá de dizer em particular as leituras, se elas forem lidas ou cantadas pelo ministro competente ou pelo ajudante (I, n.º 33), nem as partes que pertencem à «Schola» se forem cantadas por ela ou lidas por um grupo ou um leitor; (I, n. 32).

Pode unir-se ao povo nas partes do Ordinário (I, n. 48 b).

Pode celebrar-se Missa cantada, ùnicamente com o diácono. (I, n. 48 k).

O Celebrante, normalmente, não assume o lugar dos ministros inferiores para as lições e Epístola; e o Evangelho, na missa não solene, pode ser proclamado por um diácono ou por um sacerdote (cf. I. n. 50).

### 3. a língua francesa é largamente introduzida na missa

O francês é obrigatório para as leituras bíblicas. É autorizado para os diálogos, orações, cânticos, à excepção dos cânticos do Ordinário na Missa Cantada.

N. B. — Como regra geral, as respostas que na missa cantada não pertencem à assembleia mas ao ajudante *(Deo gratias* da Epístola, *Laus Tibi Christi* do Evangelho, *Suscipiat...)* não foram traduzidas.

Actualmente não se pode prever se estas respostas serão mantidas ou suprimidas na reforma do missal.

Admitiu-se uma excepção para as orações ao pé do altar: tratar-se-á disso no devido lugar.

## III. rito de entrada

Os cristãos estão reunidos para escutar a Palavra de Deus e celebrar a Eucaristia. Antes de viver «as duas partes que, de algum modo, constituem a missa» (C. n. 56), o povo de Deus reúne-se, acolhe o celebrante que vai presidir à assembleia e põe-se em oração: são os ritos de entrada.

Começam pela procissão do celebrante e seus ministros e, depois do Kyrie e do Glória, culminam com a colecta.

### 1. procissão de entrada

A entrada do celebrante dá à assembleia a sua estrutura de Igreja, e por isso merece ser solenizada. O canto contribuirá de uma maneira particular para a pôr em realce. Ao mesmo tempo, a assembleia que canta põe-se em atitude de oração e de alegria e toma consciência de si própria; o canto prepara os fiéis para uma celebração comum na fé e na acção de graças.

Na missa cantada, o Intróito deve acompanhar a procissão de entrada. Na missa rezada, convém também que um cântico acompanhe esta procissão sempre que seja possível.

Uma breve admonição introdutória pode ser feita antes do cântico de entrada; rigorosamente ela poderia ser feita depois deste cântico pelo «comentador» ou até pelo celebrante. Ajuda os fiéis a inserirem-se na oração comum e dá-lhes o sentido geral da missa que se vai celebrar.

A *assembleia está de pé para a entrada do celebrante* e de preferência desde o princípio do cântico. Na procissão de entrada, pode levar-se solenemente o Leccionário, que será colocado num lugar digno.

O cântico de entrada consiste na antífona de Intróito, em latim ou em francês, seguida do salmo (durante a procissão) terminando sempre com a doxologia. Nada impede que se acrescente, entre os versículos, um refrão do povo tirado da antífona ou do salmo.

*Para o canto dos versículos, pode utilizar-se o Saltério da Bíblia de Jerusalém.* (D.2, Anexo I).

Tanto aqui como para os outros cânticos da missa, uma pastoral litúrgica autêntica reclama um esforço no canto e na catequese, de maneira a familiarizar a assembleia com um certo número de salmos.

Nos casos em que, de momento, não seja possível cantar-se o texto litúrgico, o cântico a escolher será nele inspirado, ou apropriado à festa, ao tempo litúrgico, ou a esta altura da missa.

Neste caso, a proclamação do texto litúrgico será assegurada por um solista (eventualmente o «comentador»), antes ou depois do cântico, ou até pelo celebrante quando tiver subido ao altar, no lugar costumado.

Aplicam-se as mesmas regras na Misas rezada.

**2. orações ao pé do altar**

*Junto dos degraus, o celebrante dialoga estas orações com os ministros. O salmo* Judica me, *daqui para o futuro, é sempre omitido.* (I, n. 48c). Não é normal esperar que o cântico de entrada acabe, para começar.

Como excepção à regra da alínea C. do II, nas missas rezadas, faltando o cântico de entrada, poder-se-á dialogar em francês estas orações. Se houver um cântico de entrada, é normal reservá-las para o celebrante e ajudante.

*Quando uma «outra acção litúrgica tiver precedido imediatamente a missa»* (aspersão, levantamento do corpo numa inumação, procissão de 2 de Fevereiro, etc.) *as orações ao pé do altar omitem-se totalmente* (I, n. 48c), assim como as duas orações *Aufer a nobis* e *Oramus te:* o celebrante sobe directamente, sem nada dizer, e beija o altar.

**3. veneração do altar**

O primeiro ósculo ao altar e sobretudo a incensação merecem ser valorizadas: a primeira diligência vai no sentido de saudar o altar que permanecerá como centro principal da celebração durante toda a missa, mesmo quando o celebrante se afastar para a Liturgia da Palavra.

*A incensação que segue o ósculo ao altar está prescrita para as missas solenes e é permitida nas missas cantadas. Se a disposição dos lugares o permitir, o celebrante, para incensar, dá a volta ao altar.*

*Se o texto do* Intróito *foi recitado ou cantado, quer em latim, quer em francês* (segundo o que se disse acima), *o celebrante não precisa de voltar a recitá-lo particularmente nem de ir junto do missal.*

**4. kyrie**

Numa missa rezada pode, com vantagem, cantar-se um Kyrie gregoriano. *Também se poderá cantar ou rezar em francês.* (D.2).

Quando se cantar o Kyrie, a sua estrutura convida a fazê-lo em forma ternária: o canto da primeira invocação pertence normalmente a um solista, o da segunda ao grupo coral ou a uma parte da assembleia, e o da terceira a toda a assembleia. Como regra, esta distribuição é melhor que a alternância em dois coros, usada durante muito tempo.

*Se os fiéis cantam o Kyrie, o celebrante pode cantá-lo com eles.* (I, n. 48); *não precisa de o dialogar sòzinho com o ajudante* (I, n. 32).

**5. glória**

O Glória é uma das orações mais antigas da Igreja. Como o Intróito e o Kyrie, é uma oração da assembleia e não uma oração própria do celebrante.

*Na missa cantada, o Glória é cantado em latim* (D.2). *Depois de o entoar, o celebrante pode cantá-lo com a assembleia.* (I, n. 48).

*Na missa rezada, o Glória pode ser recitado ou cantado em francês.* (D.2). *Se for simplesmente recitado, o celebrante entoa-o: «Glória a Deus nas alturas», o povo retoma-o «e paz na terra...».* A continuação do texto pode:

— ser recitada integralmente por todos;
— ser recitada alternadamente pelas duas partes da assembleia;
— ou, por último, ser alternada entre o celebrante e a assembleia.

*Se o Glória for recitado ou cantado, o celebrante não precisa de o recitar particularmente.* (I, n. 32).

**6. colecta**

A assembleia está reunida para uma oração de Igreja em que cada um toma a lugar que lhe compete: todos os fiéis nela tomam parte, numa verdadeira oração pessoal, interior e exterior; e o celebrante desempenha-se plenamente da sua função, quando conduz a oração de todos os fiéis e a recebe para exprimi-la em nome de todos.

Depois de o celebrante os ter convidado à oração («Oremos ao Senhor»), será bom deixar aos fiéis alguns instantes de oração em silêncio: é o primeiro modo de trazerem a sua participação à oração comum.

Uma breve admonição pode introduzir estes instantes de oração silenciosa que não deve, em todo o caso, eliminar o tempo de silêncio. Será feita pelo diácono ou «comentador», ou, eventualmente, pelo próprio celebrante. Quando a Colecta é dita em francês, mantém-se a sua razão de ser: não é uma tradução do texto, mas orienta para a oração em silêncio e faz a ligação entre o conteúdo e a vida da comunidade.

*Como para todas as orações comuns mais solenes, a assembleia está de pé.* (Directório para a Pastoral da Missa, n. 133).

*O uso do francês para o Dominus vobiscum e para a Colecta é permitido em todas as missas rezadas ou cantadas.* (D.2).

Notar-se-á que o Amen é sempre dito na sua língua original, a fim de lhe conservar a plenitude de significado e numa preocupação de unanimidade com os cristãos de todas as confissões.

Quando a oração for simplesmente lida, será recitada pausadamente, tendo-se o cuidado de a terminar de uma maneira que provoque a resposta «Amen» da assembleia.

Se houver outras Colectas, a não ser que sejam de importância excepcional, convém dizê-las sem invitatório nem oração em silêncio, a fim de assegurar à primeira oração todo o seu relevo.

## IV. liturgia da palavra

O Concílio lembrou a «importância extrema» da Palavra de Deus na liturgia (C. n. 24). Sublinhou que «as duas partes que, de certo modo, constituem a missa, isto é, a Liturgia da Palavra e a Liturgia Eucarística, estão tão estreitamente unidas entre si que formam um só acto de culto», e exortou «vivamente os pastores a ensinarem activamente aos fiéis, na catequese, que é necessário participar na missa inteira» (C. n. 56). Será proveitoso reler o Directório do Episcopado Francês para a pastoral da missa, nos n.os 68-71.

A Liturgia da Palavra compõe-se essencialmente de leituras, cânticos, homilia, credo e a «oração universal» (Oratio fidelium). É conveniente indicar aos fiéis, na catequese o sentdo desta estrutura:

— Deus fala-nos através da Sua Palavra, que a proclamação litúrgica torna viva e operante, a um título especial;
— esta Palavra é prolongada pelo canto dos salmos onde se exprime já o mistério de Cristo (cf. Lc. 24/44);
— a homilia «explica, a partir do texto sagrado, os mistérios da fé e as normas da vida cristã» (C. n. 52);
— nos dias solenes, a Igreja reunida em assembleia, responde à Palavra de Deus por meio do Credo;
— na «Oração Universal» que completa a Liturgia da Palavra, os fiéis rezam pelas intenções da Igreja e do mundo.

*Em qualquer missa celebrada com a presença do povo, as leituras devem ser proclamadas em francês. Esta proclamação, nas missas cantadas, pode consistir numa leitura solene* (D. 1). *O diálogo de introdução ao Evangelho poderá ser em francês* (D.2).

*É conveniente utilizar o Leccionário* (I, 40 e), ainda que o texto se encontre nas novas edições dos missais dos fiéis. A dignidade da proclama-

ção da Palavra de Deus exige, com efeito, o uso dum livro cujas dimensões e encadernação manifestem o seu carácter sagrado. Por outro lado, a disposição em «estíquios» facilita uma boa leitura. O Leccionário será colocado numa credência ou no ambão antes da Missa, a não ser que um ajudante o traga solenemente na procissão de entrada.

*A tradução das leituras dos domingos e festas do Leccionário quotidiano, sofreu aperfeiçoamentos de pormenor.*

As leituras devem ser feitas de maneira inteligível e digna. Por isso deve ser dada aos leitores uma formação geral, e importa que eles (mesmo se forem sacerdotes) preparem, de modo especial, os textos que têm de ler.

Normalmente, a ou as leituras antes do Evangelho, devem ser feitas por leitores diferentes do Celebrante. Só na falta de qualquer leitor competente, será o próprio celebrante a proclamá-las. *O Evangelho é sempre proclamado por um diácono ou um sacerdote.*

### 1. epístola proclamada pelo sub-diácono, evangelho proclamado pelo diácono (missa solene)

*Logo que o povo tenha respondido «Amen» à Colecta, o celebrante e o diácono vão sentar-se nos lugares próprios para aí escutarem as leituras e os cânticos que se lhes seguem.*

*O sub-diácono (um leitor na missa com diácono) segura o leccionário e proclama a Epístola, voltado para o povo, no ambão, ou, se o não há, à entrada do santuário; depois o sub-diácono vai junto do celebrante e recebe a sua bênção, segundo o rito habitual.*

*Cantam-se então em latim ou em francês os cânticos intermédios. (D.2). O celebrante, permanecendo sentado, impõe e benze o incenso.*

*Antes de terminarem os cânticos, o diácono levanta-se, toma o Leccionário, vai junto do altar para dizer o «Munda cor», e avança (acompanhado do sub-diácono, acólitos que levam as velas e turiferário) até diante do celebrante: este levanta-se e abençoa-o com a forma latina habitual. A procissão dirige-se ao ambão ou à entrada do santuário (na falta daquele); o diácono volta-se para o povo para proclamar o Evangelho; o sub-diácono segura o livro se for necessário.*

*Fazem-se as incensações habituais. O celebrante, permanecendo de pé junto da cadeira, beija o livro que lhe é apresentado pelo sub-diácono.*

### 2. epístola proclamada por um leitor, evangelho por um diácono ou sacerdote não celebrante

*Depois de o povo ter respondido «Amen» à colecta, o celebrante vai sentar-se no seu lugar, donde escutará as leituras e cânticos que se seguem.*

*O leitor segura o Leccionário e proclama a Epístola mantendo-se voltado para o povo no ambão ou à entrada do santuário.*

*Os cânticos intermédios cantam-se ou recitam-se em latim ou em francês (D.2); ou então será o leitor a fazê-lo, ficando no mesmo lugar; terá o cuidado de fazer uma pausa, depois da Epístola. Depois torna a levar o leccionário ao seu lugar.*

*Na missa cantada, o celebrante pode pôr e benzer o incenso.*

*Antes de terminarem os cânticos, o diácono ou o sacerdote que proclamar o Evangelho, toma o leccionário, vai junto do altar para dizer o «Munda cor» e avança (acompanhado dos acólitos que levam as velas e do turiferário) até junto do celebrante: este levanta-se e abençoa-o com a fórmula latina habitual.*

*A procissão dirige-se para o ambão ou, na sua falta, para a entrada do Santuário; o diácono ou o sacerdote volta-se para o povo para proclamar o Evangelho.*

*Em seguida, o celebrante, permanecendo de pé junto da sua cadeira, beija o livro que lhe é apresentado pelo diácono ou sacerdote.*

**3. epístola proclamada por um leitor, evangelho pelo celebrante**

*Para a Epístola e cânticos, observe-se o cerimonial descrito acima.*

*Antes de terminarem os cânticos, o celebrante toma o Leccionário. Dirige-se ao pé do altar, fica em baixo sem subir os degraus e, inclinando-se profundamente, diz o «Munda cor». Depois dirige-se para o ambão ou, na sua falta, para a entrada do santuário, onde proclama o Evangelho, voltado para o povo. Ficará no mesmo lugar para fazer a homilia.*

**4. epístola e evangelho pelo celebrante**

*Quando o povo tiver respondido «Amen» à oração, o celebrante coloca-se no lugar mais adaptado para as leituras: no supedâneo do altar, no ambão ou, faltando este, à entrada do santuário e voltado para o povo.*

*Toma o Leccionário do altar (onde foi colocado antes da missa), ou recebe-o de um ajudante, e proclama a Epístola.*

*Voltando-se para o altar, inclina-se profundamente para dizer o «Munda cor». Depois volta-se para o povo e proclama o Evangelho.*

**5. homilia**

A Constituição Conciliar atribui uma grande importância à restauração da homilia (cf. C. n. 35, 2).

A homilia é uma pregação simples e familiar, o que não quer dizer improvisada. Ela constitui «a explicação de algum aspecto das Leituras da Sagrada Escritura, ou de outro texto do Ordinário ou do Próprio da Missa do dia, tendo-se na devida conta o mistério celebrado e as particulares necessidades dos ouvintes» (I. n. 54).

A homilia apresenta o mistério da Salvação e o seu carácter actual em função do povo presente, a partir dos textos sagrados; desta maneira, ajuda um acto de fé mais consciente, suscita a acção de graças, provoca a conversão e o empenho concreto na vida, e introduz a assembleia na Acção Eucarística.

*Nos domingos e festas de preceito faça-se a homilia a todas as missas que se celebrem com concurso de povo, sem exceptuar de modo nenhum as missas conventuais, as cantadas e as pontificais. Em dias não festivos, recomenda-se a homilia principalmente em algumas férias do Advento e Quaresma, bem como noutras ocasiões em que haja mais concorrência de povo nas igrejas (I. n. 53).*

A homilia é uma função litúrgica que normalmente compete ao celebrante, presidente da assembleia, que deve então conservar a casula.

Para que se marque bem o seu lugar na Liturgia da Palavra, a homilia será feita imediatamente a seguir à proclamação do Evangelho. Será conveniente suprimir o sinal da cruz no princípio da pregação, que marcaria o começo duma acção sagrada independente do que se passou antes. Se houver avisos a fazer, serão feitos noutro momento da missa (antes da entrada do celebrante ou no fim, antes da despedida dos fiéis).

**6. credo**

*O celebrante entoa o Credo do seu lugar* (I. n. 52) *e pode cantá-lo ou recitá-lo com os fiéis* (I. n. 48).

Nas missas rezadas, o Credo pode ser recitado ou cantado em francês (D. 2).

*O celebrante não recita privadamente o Credo, se a assembleia o recitar ou cantar.*

**7. oração universal**

A «Oração Universal» (Oratio Fidelium) é uma forma muito importante da participação do povo; em virtude do seu baptismo, o cristão pode e deve associar-se à oração comum que se faz «pela Santa Igreja, pelos que detêm a autoridade pública, por quantos estão oprimidos por necessidades várias, por todos os homens e pela salvação do mundo inteiro» (C. n. 53).

*Desde agora, a oração universal é um rito pròpriamente litúrgico (I. n. 56). Não tem carácter obrigatório, salvo prescrição do Ordinário do lugar.*

*No caso de ser feita, utilizar-se-ão as fórmulas aprovadas.*

*O lugar da oração universal é depois do Oremus que segue o Credo ou a homilia.*

*Para presidir à oração universal, o celebrante está no seu lugar, ou no altar, ou no ambão, ou, faltando este, à entrada do santuário.* Pode estar voltado para o povo ou para o altar. *É sempre ele quem introduz a oração pelo convite «Oremos ao Senhor», ou um invitatório mais desenvolvido, e quem a termina com uma oração em francês.*

*As intenções podem ser cantadas ou lidas por um ministro* (diácono, comentador, leitor) *ou pelo próprio celebrante.* As invocações da assembleia são normalmente cantadas.

A seguir às intenções de ordem geral e antes da oração sacerdotal de conclusão, é permitido introduzir, conforme as necessidades, uma ou duas intenções locais de carácter pastoral (diocese, paróquia); poder-se-á deixar também alguns momentos de silêncio para que cada um determine interiormente as suas próprias intenções.

## V. liturgia eucarística

### 1. ofertório

Notar-se-á que as orações do Ofertório não são traduzidas em francês. Elas constituem, com efeito, uma oração particular do celebrante (variável aliás conforme os ritos, mesmo dentro da liturgia latina). A preparação e a apresentação das ofertas é que devem ser postas em realce: nelas a Igreja descortina já o sacrifício que se vai realizar. Durante este tempo, a assembleia exprime a sua oração cantando um salmo ou um cântico adaptado, ou então prapara-se no recolhimento para a grande Oração Eucarística.

Quando tenha havido Oração Universal, *começa-se directamente (sem novo «Oremus») o canto ou a leitura da antífona do Ofertório em latim ou em francês* (D. 2). *Se ela é cantada ou lida, o celebrante não tem já que recitá-la particularmente* (I. n. 32).

Nos casos em que, actualmente, não é possível cantar o texto litúrgico, o cântico que se escolher deve estar na linha da liturgia do dia e não sublinhar a ideia da oferta (que não aparece habitualmente nesta parte da missa). Aliás não é necessário um cântico da assembleia neste momento: um (adaptado) do grupo coral, um pouco de órgão, o silêncio, ficam perfeitamente bem.

Durante este tempo trazem-se para o altar o cálice e a píxide preparada para a comunhão dos fiéis (eventualmente sob forma de procissão).

A Constituição conciliar recomenda que os fiéis «recebam o Corpo do Senhor com hóstias consagradas nesse mesmo sacrifício» (art. 55). Esta recomendação pode ser aplicada muito fàcilmente nas assembleias onde se conhece habitualmente o número aproximado dos comunagntes (instituições, comunidades). Que isto se observe também nas igrejas paroquiais sempre que for possível, mesmo nas missas dos domingos e festas.

Se a missa cantada é celebrada com diácono, este assiste ao sacerdote como na missa solene. Além disso, prepara o cálice.

*O sub-diácono não sustenta a patena: esta fica sobre o altar* (I. n. 58 d).

A incensação do ofertório está prescrita para as missas solenes (o sub-diácono acompanha o celebrante com o diácono), e é permitida nas missas cantadas. Se a disposição dos lugares o permite, o celebrante, para incensar, dá a volta ao altar. *Incensa-se cada uma das partes do coro «per modum unius»* (I. n. 34). A incensação do coro e dos fiéis deve estar terminada antes do Prefácio.

O peditório é um acto litúrgico, de que convém lembrar aos fiéis o sentido. Poderia ser feito ùnicamente durante o ofertório e por um número suficiente de auxiliares leigos para que tenha terminado antes do Prefácio.

Notar-se-á que o «Orate fratres» continua em latim; é para marcar o carácter privado deste convite que se dirige originàriamente não a toda a assembleia, mas aos ministros; só estes lhe respondem na missa solene. Em certos ritos não se responde nada. Na missa celebrada sem ministros sagrados, a resposta será dada pelo acólito.

A «Oração sobre as ofertas» (secreta), ganha nova importância: é dita ou cantada em voz alta (I. n. 48 e), e pode ser em francês (D. 3). Surge como uma oração conclusiva sobre as oblatas que acabam de ser preparadas. Os fiéis estão de pé, como para todas as orações solenes do celebrante; cuidar-se-á em realçar a conclusão e o Amen do povo, fazendo uma leve pausa antes de começar o diálogo do Prefácio.

### 2. oração eucarística

A grande oração eucarística (Prefácio, Sanctus, Canon), é o coração da celebração e deve aparecer como tal. É uma acção de graças e uma oferta que as intercessões não devem sobrecarregar: o «Per Ipsum» em voz alta e solenizado ajudará a dar-lhe este movimento. É uma oração do celebrante (na qual entra o povo pelo Sanctus e o Amen final, e pela atenção silenciosa); mais ainda que no resto da celebração, o sacerdote deve ser a personagem central: o facto de esperar pelo fim do Sanctus para continuar o Canon pode contribuir para isso.

*O diálogo que precede o Prefácio pode ser em francês* (D. 2). Ele assegura a unidade entre o celebrante e o seu povo. Será, com fruto, precedido de uma admonição.

O Prefácio continua em latim. Mesmo nas missas rezadas será proclamado com solenidade.

Dito ou cantado inteiramente por todos (poderia ser entoado pelo celebrante) o Sanctus constitui um tempo forte da celebração. Numa missa rezada, com cânticos, é uma das peças que se cantará com maior a propósito. Uma vez que o Prefácio é em latim, será em geral preferível deixar também o Sanctus em latim. Todavia, se as circunstâncias o aconselham *pode, nas missas rezadas, ser dito ou cantado em francês* (D. 3). O celebrante já não tem que o ler em particular (I. n. 32).

Terminado o *Sanctus*, o celebrante continua o Canon em latim: «*Te igitur...*». O silêncio, se foi bem preparado, pode constituir um meio de o pôr em relevo. Os *mementos* não deverão sobrecarregá-lo: eles são normalmente a evocação, de maneira muito discreta, de tal ou tal baptizado, presente ou ausente.

*A doxologia que termina o Canon, desde as palavras «Per Ipsum» até ao «Per omnia saecula saeculorum. Amen» inclusive, é cantada ou dita em voz alta. Durante toda esta doxologia, o celebrante segura o cálice um pouco elevado, assim como a hóstia, omite os sinais da cruz e, no fim, só faz a genuflexão depois do Amen do povo* (I. n. 48 f).

Para o futuro é inútil tocar a campainha.

### 3. pater, libera, agnus

*O Pater pode ser dito ou cantado em qualquer missa, em latim ou em francês (segundo melodias aprovadas), pelo povo com o celebrante. A introdução pode ser em francês* (D. 3).

Importa ter o cuidado de fazer uma pausa antes da admonição (*«Praeceptis salutaribus»*), proclamando-o com dignidade, mesmo nas missas rezadas.

O *«Libera nos»*, que faz corpo com o Pater do qual prolonga e desenvolve a última súplica, *é cantado ou rezada em voz alta, em latim ou em francês* (D. 3). Cuidar-se-á em observar uma pequena pausa após o Amen que o conclui.

*O Diálogo «Pax Domini» pode ser em francês* (D. 2).

*O Agnus Dei pode, na missa rezada, ser rezado ou cantado em francês* (D. 2).

*Uma vez que é rezado ou cantado, o celebrante não tem de o dizer em particular.*

A própria estrutura desta tríplice invocação sugere que se execute cada invocação de maneira idêntica: o povo canta ou reza, por três vezes, o final («miserere...» ou «tende piedade...»); a primeira parte é cantada ou rezada integralmente por um solista («Agnus Dei...») e o grupo coral («qui tollis...»). Na missa rezada as três invocações podem igualmente ser rezadas por inteiro pelo povo com o celebrante.

**4. comunhão**

A comunhão é um cume da celebração eucarística. Acto decidido de um povo que, na unidade da caridade, na paz e na alegria, se une ao seu Senhor, deve surgir como um tempo forte, uma festa, um compromisso ao mesmo tempo pessoal e comunitário. Três elementos contribuirão em especial para isso: a procissão, o canto, a resposta pessoal «Amen», cujo sentido se recordará frequentemente.

*As fórmulas «Ecce Agnus...» e «Domine non sum dignus...» podem ser ditas em francês (D. 2).*

A procissão da comunhão deveria ter um carácter de solenidade. Decorrerá em boa ordem na medida em que tiver sido prevista e organizada, Os problemas práticos de acessos e escoamentos da mesa da comunhão, a escolha do movimento a executar, têm mais importância do que normalmente se pensa. Se se tem de fazer algum aviso, este será breve (redigido anteriormente), e não será feito durante a comunhão do celebrante.

O canto, na medida do possível, deve durar todo o tempo da procissão da comunhão. Deve dar-se-lhe preferência, tendo, todavia, a preocupação dum equilíbrio entre a expressão cantada e o silêncio, permitindo, assim, uma penetração mais íntima no mistério eucarístico.

Consultar o que acima se diz sobre o cântico de entrada.

*Se a antífona litúrgica é cantada, ou simplesmente rezada, o celebrante não tem de a dizer em particular* (I. n. 32).

*Ao distribuir a sagrada comunhão, o sacerdote não faz o sinal da cruz* (I. n. 48 i). *A fórmula «Corpus Christi» pode dizer-se em francês.* (D. 2). A simplificação deste rito permite que se faça com gravidade, e que se vele por que os fiéis digam o seu «Amen» como uma resposta.

**5. conclusão da missa**

O Postcomúnio tem o carácter de uma oração solene de conclusão, em simetria com a Colecta. Consultar-se-á o que ficou dito sobre esta.

*A despedida e a bênção pode ser em francês* (D. 2).
*O último Evangelho é suprimido* (I. n. 48 j).

— dos sinais maiores da celebração: assembleia, celebrante, Palavra de Deus, — ritmo da oração (e portanto, silêncio).

b. *Reunir um povo em festa.*

«A acção litúrgica apresenta uma forma mais nobre quando os ofícios divinos são celebrados solenemente com canto, os ministros sagrados nele intervêm, o povo participa activamente» (C. n. 113).

A missa rezada ganhará com ter, sempre que for possível, cânticos bração comunitária. Só ela dá ao próprio celebrante toda a participação que è a sua, inclusive o canto. Conserva, portanto, ou deve reencontrar o primeiro lugar nas missas dominicais, tendo em conta o esforço de educação do povo que ela exige.

Neste esforço, é necessário contar entre os elementos mais importantes a formação de uma «schola» bem preparada para desempenhar o seu papel. A «schola» é aliás de desejar mesmo para a missa rezada com cânticos.

A missa rezada ganhará com ter, sempre que fôr possível, cânticos determinados pela estrutura da liturgia, tendo-se em conta a importância relativa de cada cântico. Velar-se-á particularmente pela qualidade na sua escolha e execução: deve fazer-se um esforço neste sentido.

Na missa reazda, ter-se-á a preocupação de dar ao diálogo e à recitação em comum do Ordinário o carácter festivo e comunitário que caracteriza o canto na missa cantada, isto tendo em conta a assembleia e o lugar da celebração.

c. *Fazer um esforço de qualidade.*

«O grande princípio que deverá guiar o pastor será de só substituir o latim pelo francês quando se estiver moralmente certo de conseguir uma celebração senão mais digna, pelo menos tão digna e uma participação mais activa do povo: a reforma supõe portanto um esforço metódico de formação, especialmente nos sectores da leitura e do canto» (NP).

d. *Esclarecer e educar a fé.*

«Os pastores esforçar-se-ão por realizar com zelo e paciência a prescrição da Constituição sobre a formação litúrgica dos fiéis e sua participação activa, interior e exterior, a conseguir conforme «a sua idade, condição, género de vida e grau de cultura religiosa» (C. n. 19)» (I. n. 19).

A participação interior consiste na resposta duma fé viva ao dom de Deus. Exprime-se, e é sustentada ao mesmo tempo, pela participação exterior que deve desenvolver o fervor e a inteligência da fé.

O uso do francês não suprime nem a catequese litúrgica nem as admoniçoes durante a celebração. Pelo contrário, a reforma exige um esforço particular da parte dos pastores para eles próprios se impregnarem da doutrina e do espírito expostos pela Constituição litúrgica do Vaticano II, a fim de os transmitirem por todos os meios aos seus fiéis.

## apêndice

### missa rezada sem presença de povo

Lembra-se que o uso do francês está reservado à missa cantada ou rezada com presença do povo.

As modificações introduzidas pela Instrução na missa rezada sem presença do povo e em vigor a partir de 7 de Março de 1965 são as seguintes:

1 *Orações aos pés do altar:* supressão do salmo *Judica me,* conforme o que está dito acima.

2 «*Oração sobre as ofertas*» (Secreta). *Per Ipsum, Libera:* em voz alta.

3 *Per Ipsum:* novo rito, segundo o que está dito acima.

4 *Distribuição da comunhão:* fórmula «*Corpus Christi — Amen*», sem sinal da cruz, conforme o que está dito acima.

5 *Fim da missa:* supressão do último Evangelho e das orações de Leão XIII, conforme o que está dito acima.

Tradução de **Vítor Gomes** e **José F. Gonçalves**

**JÚLIO GOMES FERREIRA, & C.ª L.DA**

**Casa fundada em 1832** — A casa mais antiga do País no seu género

**LUSTRES, LANTERNAS, PLACAS, CASTIÇAIS, LÂMPADAS, SUSPENSÕES, BANHEIRAS, CALDEIRAS, ESQUENTADORES, FOGÕES DE COZINHA**

Instalações sanitárias, Casas de banho, Eléctricas, Pára-raios, Aquecimento, Ascensores Ventilação, Contra incêndios, Telefones. Todos os trabalhos em latão e ferro forjado.

**166, RUA DO OURO, 170** **LISBOA** **Telefone 321 361/2**

B) pelas necessidades da Igreja universal; vg. pelo Papa, pelo Concílio, pelos Pastores da Igreja, pelas missões, pela unidade dos Cristãos, pelas vocações sacerdotais e religiosas, etc. (Secção B da oração comum);

C) pelo bem comum das nações e do mundo, vg. pela Paz, pelos governantes, tranquilidade do tempo, conservação das colheitas, pelas eleições, pelas injustiças sociais, etc. (Secção C);

D) pelos que vivem na penúria ou com dificuldades; vg. ausentes, oprimidos pela perseguição, operários sem emprego, enfermos, agonizantes, presos, emigrantes, etc. (secção D);

E) pela própria assembleia de fiéis e pelos irmãos do lugar; vg. baptizados da paróquia, crismandos, ordinandos, novos pastores, próxima missão paroquial, primeira comunhão, etc. (secção E).

De cada série deve tomar-se, ao menos, uma intenção.

**10.** Quando a celebração fôr votiva, como nas núpcias, funerais, etc., deve conceder-se uma amplitude maior às intenções votivas; nunca, porém, será lícito omitir totalmente as intenções universais.

**11.** Quanto à estrutura das proposições, o modo de se apresentarem é triplo (como se diz no bosquejo histórico, pg. 21-22):

a) forma plena (oremus **pro**... **ut**...), que enuncia por quem se reza e o que se pede. Tais são os invitatórios, i. é, a primeira parte de cada uma das orações solenes de Sexta-Feira Santa.

b) primeira forma parcial (oremus **ut**...), que enuncia imediatamente a graça que se quer pedir e onde uma só palavra diz por quem se pede. Encontramos esta fórmula na última parte da ladaínha dos Santos.

c) segunda forma parcial (oremus **pro**...), que só se refere àquele por quem se pede. Assim são algumas ladaínhas deprecativas do Oriente e do Ocidente.

**12.** É da máxima importância a parte da oração comum em que o povo participa, a qual para ser verdadeira e eficiente, convém repetir-se sempre que fôr enunciado o convite à oração. São quatro os modos de participação do povo:

a) aclamação breve e sempre idêntica na mesma celebração. É a forma mais fácil de participação, e a mais antiga, que aparece com o nome de ladaínhas;

b) participação feita por uma oração em silêncio, durante uma pausa conveniente. Esta participação silenciosa, comprovada pela

tradição romana das orações solenes, embora pareça menos activa, pode ter uma extraordinária força de súplica;

c) recitação comum de uma fórmula implorativa bastante longa. Para que não se torne fastidiosa é preciso variar os textos e requere-se que os fiéis tenham o texto na mão;

d) a última forma consiste numa junção da primeira com a segunda. Depois de um breve momento em silêncio, uma brevíssima intervenção do diácono provocará a aclamação do povo; esta forma pode empregar-se em ocasiões de maior solenidade.

Recomenda-se muito a primeira fórmula, mas deixa-se plena liberdade de usar as outras.

**13.** Como a Constituição da Sagrada Liturgia ordena expressamente a participação do povo, a qual é a parte principal da oração dos fiéis, não convém de modo nenhum que, nas Missas com concurso de povo, só o grupo coral ou os ministros respondam ao que lança as intenções.

**14.** A conclusão da oração dos fiéis compete ao presidente (cf. Instr., n.º 56). Em geral, bastará uma só intervenção no fim da oração.

### III. liberdade a conservar no uso da oração comum

**15.** Para que a oração comum seja uma verdadeira súplica da Igreja, universal mas também adaptada aos tempos e lugares, é para desejar a liberdade em variar as fórmulas e as adaptar à índole da região e do povo.

**16.** Pode determinar-se uma maior inflexibilidade na parte conclusiva, e até uma certa uniformidade na resposta do povo para cada nação ou região vizinhas da mesma língua e deixar-se maior liberdade para a escolha das intenções e modos de participação. Devem, no entanto, respeitar-se sempre as propriedades essenciais da oração comum acima expostas.

**17.** Para todo o rito romano, o Conselho propõe, para a execução da Constituição da Sagrada Liturgia, princípios e normas para a boa ordenação da oração comum.

**18.** É da atribuição das assembleias territoriais e, se fôr o caso, dos Ordinários de lugar, aprovar as fórmulas (cf. Instr., n.º 56) e dar várias séries de intenções à escolha dos reitores das igrejas.

**19.** Convém deixar ao critéro dos reitores das Igrejas:

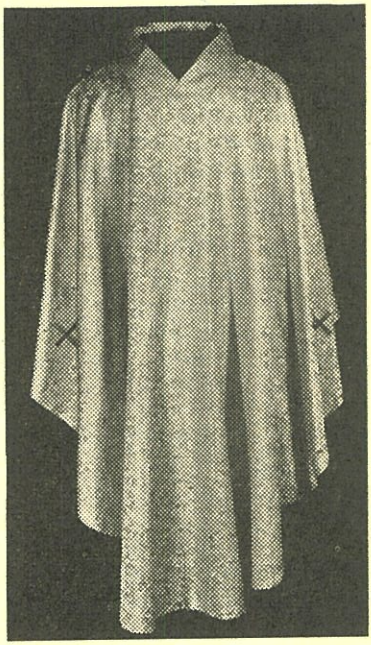
a) escolher entre as múltiplas fórmulas de intenções aprovadas, algumas das que são propostas para cada série;

b) adicionar um pequeno número de intenções por ele compostas, desde que siga as orientações dadas no número 9 sobre os quatro géneros de intenções, e o texto seja prèviamente escrito.

**20.** Para que a oração comum não sobrecarregue os fiéis com uma duração despropositada, pode a autoridade competente, se fôr necessário, delimitar o número máximo de intenções para a Missa. Todavia, pode este número ser superado se fôr oportuno fazê-lo, v. g. numa celebração da Palavra, em peregrinações, ou nalguma reunião extraordinária.


PARAMENTOS

- **Confecção e bom gosto garantidos por longa experiência**
- **Corte e acabamento inconfundíveis**
- **Novos tecidos e novos métodos de decoração**
- **Preços moderados**



**alpha et omega**

R. PORTAS ST.º ANTÃO, 76-2.º • LISBOA 2

# livros recebidos

A. D. SERTILLANGES O. P., **La Vierge Marie et l'Église.** 1 vol. de 13,5×18, e 96 pág. — Les éditions ouvrières 12, Avenue Soeur-Rosalie — Paris XIII^e. Preço 4,80NF.

**L'univers et l'âme.** 1 vol. de 13,5×18 e 96 pág. Les éditions ouvrières. Preço 4,80NF.

**Regards sur le monde.** 1 vol. de 13,5×18 e 96 pág. Les éditions ouvrières. Preço 4,80NF.

J. DECOSQUÉROU, **Dieu notre Père...?** 1 vol. de 13,5×18 e 160 p. Les éditions ouvrières. Colecção «A pleine vie» n.º 1. Preço 6,60NF.

DONATIEN ROLAND, **Le Christ dans mon quartier.** 1 vol. de 13,5×18 e 96 pág. — Les éditions ouvrières. Colecção «A Pleine vie» n.º 2. Preço 4,80NF.

H. LARDEUR — L. FÈVRE — D. RAOULT, **Ils demeurèrent chez lui.** 1 vol. de 13,5×18 e 256 pág. — Les éditions ouvrières. Colecção «Église et monde ouvrier». Preço 10,80NF.

F. BRIQUET — G. CORNIL — P. DESMARESCAUX — J. DUQUESNE — R. FAUREAU — **L'éspérance des milieux pauvres.** 1 vol. de 13,5×18 e 216 pág. — Les éditions ouvrières. Colecção «Église et monde ouvrier». Preço 9,00NF.

JEAN-PIERRE FUSEAU, **L'esclave était Fille de roi.** 1 vol. de 11,5×16,5 e 192 pág. — Les éditions ouvrières. Colecção «Visages du Christ» n.º 3.

**NOVELLAE OLIVARUM**

REVISTA TRIMESTRAL

**DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI DOS OLIVAIS — LISBOA**

Director — Joaquim Osório • Chefe de Redacção — Joaquim Alberto

Editor — Jorge Martins

Avulso — 10$00 • Assinatura anual — 35$00 — Estrangeiro — 2 dólares USA

**COM AS DEVIDAS LICENÇAS DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA** | **Abril-Junho 1965** | **COMP. E IMP. NA TIPOGRAFIA DA UNIÃO GRÁFICA • LISBOA**

«sicut novellae olivarum
ecclesiae filii sint
in circuitu mensae Domini»

(VÉSPERAS DO
CORPO DE DEUS)